

Vol. 01, **Nº 02** (2024)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**

CAMÕES, 500 ANOS DEPOIS

Organização:

Annabela Rita (Universidade de Lisboa)
Isabel Ponce de Leão (Universidade Fernando Pessoa)
Kenedi Santos Azevedo (UFRJ/ UEA)

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

Wilson Miranda Lima
Governador

UNIVERSIADE DO ESTADO DO AMAZONAS
Centro de Esudos Superiores de Tefé
Coordenação do Curso de Letras

Reitor	André Luiz Nunes Zogahib
Vice-Reitora	Kátia do Nascimento Couceiro
Pró-Reitor da PROESP	Roberto Sanches Mubarak
Pró-Reitor da PROGRAD	Raimundo Barradas
Diretor do CEST	Yomarley Lopes Holanda
Coordenação de Qualidade	Monica Dias de Araújo
Coordenador do Curso de Letras	Manoel Domingos de C. Oliveira

Endereço da Reitoria (sede administrativa):
Av. Djalma Batista, 3578 – Flores.
Manaus. Amazonas. Brasil.
CEP.: 69050-010.

Endereço do Centro de Estudos Superiores de Tefé:
Estrada do Bexiga, nº 1085, Juruá.
Tefé. Amazonas. Brasil.
CEP.: 69552-315.

editoraUEA

Isolda Prado de Negreiros Nogueira Horstman
Diretora

Maria do Perpétuo Socorro Monteiro de Freitas
Secretária Executiva

Wesley Sá
Editor Executivo

Raquel Maciel
Produtora Editorial

Isolda Prado de Negreiros Nogueira Horstman (Presidente)

Allison Marcos Leão da Silva

Almir Cunha da Graça Neto

Erivaldo Cavalcanti e Silva Filho

Jair Max Furtunato Maia

Jucimar Maia da Silva Júnior

Manoel Luiz Neto

Mário Marques Trilha Neto

Silvia Regina Sampaio Freitas

Conselho Editorial da editoraUEA



Endereço da editoraUEA:
Avenida Djalma Batista, 3578, Flores.
Manaus. Amazonas. Brasil.
CEP.: 69050-010.

Contato:
E-mail:
editora@uea.edu.br
Fone:
+55 092 99205-8858

REVISTA FIOS DE LETRAS

Centro de Estudos Superiores de Tefé
Coordenação do Curso de Letras

Endereço:
Estrada do Bexiga, nº 1085, Juruá.
Tefé, Amazonas, Brasil.
CEP.: 69552-315.

Contato:
E-mail:
revista.fiosdeletras@uea.edu.br

Suporte técnico:
kazevedo@uea.edu.br

Organização do Vol. 01, N° 02 (Mai-Ago/2024):

Dra. Annabela Rita
Universidade de Lisboa
Dra. Isabel Ponce de Leão
Universidade Fernando Pessoa
Me. Kenedi Santos Azevedo
Universidade do Estado do Amazonas

Projeto gráfico, capa e diagramação:
Kenedi Santos Azevedo

Revista Eletrônica publicada digitalmente em março de 2024

Revista Fios de Letras - vol. 01, nº 02, (Mai-Ago/2024) - Tefé/AM: EditoraUEA, 2024.

quadrimestral

ISSN eletrônico: 2966-0130

DOI: <https://doi.org/10.59666/fiosdeletras>

1. Letras - Periódicos; 2. Linguística; 3. Artes; 4. Literaturas de Língua Portuguesa; 5. Literatura Comparada; 6. Análise do Discurso



COMISSÃO EDITORIAL

Editora Chefe

Dra. Maria Ozana Lima de Arruda. Universidade do Estado do Amazonas. Brasil.



<https://ror.org/04j5z3x06>



<http://lattes.cnpq.br/5483160509504868>



<https://orcid.org/0000-0002-3017-3151>

Editor Gerente

Me. Kenedi Santos Azevedo. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Brasil



<https://ror.org/03490as77>



<http://lattes.cnpq.br/9855078383230746>



<https://orcid.org/0000-0001-6795-4616>

Editor da área de Linguística

Me. Manoel Domingos de Castro Oliveira. Universidade do Estado do Amazonas. Brasil.



<https://ror.org/04j5z3x06>



<http://lattes.cnpq.br/5332003288110141>



<https://orcid.org/0000-0001-5545-5625>

Editora da área de Literatura

Dra. Núbia Litaiff Schwamborn. Universidade do Estado do Amazonas. Brasil.



<https://ror.org/04j5z3x06>



<http://lattes.cnpq.br/5486560823049231>

Comitê Avaliativo e de Revisão

Dra. Monica Dias de Araújo. Universidade do Estado do Amazonas. Brasil.



<https://ror.org/04j5z3x06>



<http://lattes.cnpq.br/5538217836402363>

Dra. Fátima Castro Amorim Moraes. Universidade do Estado do Amazonas. Brasil.



<https://ror.org/04j5z3x06>



<http://lattes.cnpq.br/4774134259703699>

Me. Teresinha de Jesus Costa. Universidade do Estado do Amazonas. Brasil.



<https://ror.org/04j5z3x06>



<http://lattes.cnpq.br/9201296495966758>

Me. Roseanny Melo de Brito. Universidade Federal do Amazonas. Brasil.



<https://ror.org/02263ky35>



<http://lattes.cnpq.br/7331221850716989>



<https://orcid.org/0000-0002-1533-3655>

Dra. Rosineide Rodrigues Monteiro. Universidade do Estado do Amazonas. Brasil.



<https://ror.org/04j5z3xo6>

<http://lattes.cnpq.br/4151776187258374>

Conselho Editorial

Estudos Literários:

Dra. Carmen Lúcia Tindó Secco.

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Brasil



<https://ror.org/0349oas77>

<http://lattes.cnpq.br/1817695469772873>

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-6649-2971>

Dr. Dennys Silva-Reis.

Universidade Federal do Acre. Brasil



<https://ror.org/05hag2y10>

<http://lattes.cnpq.br/4218236447751518>

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-6316-9802>

Dr. Flavio García.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Brasil



<https://ror.org/0198v2949>

<http://lattes.cnpq.br/4242057381476599>

ORCID <https://orcid.org/0000-0003-0761-8092>

Dr. Gabriel Albuquerque.

Universidade Federal do Amazonas. Brasil



<https://ror.org/02263ky35>

<http://lattes.cnpq.br/0632488092860482>

ORCID <https://orcid.org/0000-0001-8982-2948>

Dra. Germana Sales.

Universidade Federal do Pará. Brasil



<https://ror.org/03q9sr818>

<http://lattes.cnpq.br/8723885160615840>

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-2120-7364>

Dra. Luciene Almeida de Azevedo.

Universidade Federal da Bahia. Brasil



<https://ror.org/03k3p7647>

<http://lattes.cnpq.br/2783013091209078>

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-0224-6034>

Dr. Rauer Ribeiro Rodrigues.

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Brasil



<https://ror.org/0366d2847>

<http://lattes.cnpq.br/0639290942591728>

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-3045-1879>

Dra. Renata Beatriz Brandespin Rolon.

Universidade do Estado do Amazonas. Brasil

 <https://ror.org/04j5z3x06>
 <http://lattes.cnpq.br/4985813714235077>
 <https://orcid.org/0000-0002-3880-7163>

Dra. Rita Barbosa de Oliveira.

Universidade Federal do Amazonas. Brasil

 <https://ror.org/02263ky35>
 <http://lattes.cnpq.br/2602637105704791>
 <https://orcid.org/0000-0001-6817-5569>

Dra. Shirley de Souza Gomes Carreira.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Brasil

 <https://ror.org/0198v2949>
 <http://lattes.cnpq.br/7147623689731561>
 <https://orcid.org/0000-0002-8787-8283>

Dr. Silvio Renato Jorge.

Universidade Federal Fluminense. Brasil

 <https://ror.org/02rjhbb08>
 <http://lattes.cnpq.br/3744848219239914>
 <https://orcid.org/0000-0002-6784-9960>

Estudos Linguísticos:

Dra. Alana Driziê Gonzatti dos Santos.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Brasil

 <https://ror.org/04wn09761>
 <http://lattes.cnpq.br/2631544473226058>
 <https://orcid.org/0000-0002-9308-6303>

Dra. Aline da Cruz.

Universidade Federal de Goiás. Brasil

 <https://ror.org/0039d5757>
 <http://lattes.cnpq.br/4931264307365579>
 <https://orcid.org/0000-0003-0448-3137>

Dra. Ilza Galvão Cutrim.

Universidade Federal do Maranhão. Brasil

 <https://ror.org/043fhe951>
 <http://lattes.cnpq.br/6628313480144303>
 <https://orcid.org/0000-0003-2091-4814>

Dra. Juciane dos Santos Cavalheiro.

Universidade do Estado do Amazonas. Brasil

 <https://ror.org/04j5z3x06>
 <http://lattes.cnpq.br/8629828786064536>
 <https://orcid.org/0000-0002-5845-8079>

Dra. Raynice Geraldine Pereira da Silva

Universidade Federal do Amazonas. Brasil

 <https://ror.org/02263ky35>

 <http://lattes.cnpq.br/6871299150014070>

 <https://orcid.org/0000-0002-8890-7613>

Dr. Thiago Laurentino de Oliveira.

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Brasil

 <https://ror.org/03490as77>

 <http://lattes.cnpq.br/4470317184826146>

 <https://orcid.org/0000-0002-9537-5264>

Estudos Clássicos:

Dr. Carlos Renato R. de Jesus.

Universidade do Estado do Amazonas. Brasil

 <https://ror.org/04j5z3x06>

 <http://lattes.cnpq.br/0790502180741262>

 <https://orcid.org/0000-0001-9642-5924>

Dr. Fábio Fortes.

Universidade Federal de Juiz de Fora. Brasil

 <https://ror.org/04yqw9c44>

 <http://lattes.cnpq.br/5854856000021815>

 <https://orcid.org/0000-0003-4411-7115>

Dr. Francisco Edi Sousa.

Universidade Federal do Ceará. Brasil

 <https://ror.org/03srtnf24>

 <http://lattes.cnpq.br/5232866346013249>

Dr. Paulo Martins.

Universidade de São Paulo. Brasil

 <https://ror.org/036rp1748>

 <http://lattes.cnpq.br/2851759456379474>

 <https://orcid.org/0000-0002-2321-1033>

Membros do Conselho no Exterior:

Dra. Annabela Rita.

Universidade de Lisboa. Portugal

 <https://ror.org/01c27hj86>

 <http://lattes.cnpq.br/7129933229775554>

 <https://www.cienciavitae.pt/9313-DC1B-A42D>

 <https://orcid.org/0000-0002-1541-3006>

Dra. Anna M. Klobucka.

University of Massachusetts. Estados Unidos da América



<https://ror.org/03hamhx47>



<https://www.cienciavitae.pt/portal/E61D-D158-9BE9>



<https://orcid.org/0000-0003-1277-4073>

Dr. Antonio Jesus Gil González.

Universidade de Santiago de Compostela. Espanha



<https://ror.org/03oeybx10>



<https://cvn.fecyt.es/editor/cvnOnline/0000-0003-2260-6436>



<https://orcid.org/0000-0003-2260-6436>

Dr. Jerónimo Pizarro.

Universidad de los Andes. Colômbia



<https://ror.org/02h1b1x27>



<http://lattes.cnpq.br/5521117545082606>



<https://www.cienciavitae.pt/portal/5512-7DCC-B6BF>



<https://orcid.org/0000-0002-9688-9830>

Dr. Maged Tallad Mohamed Ahmed Elgebaly.

Aswan University. Egito



<https://ror.org/048qnr849>



<http://lattes.cnpq.br/7077226875372610>



<https://www.cienciavitae.pt/portal/241B-oD95-Co9A>



<https://orcid.org/0000-0002-4572-4526>

Dra. Pia Paganelli.

Universidade de Buenos Aires. Argentina



<https://ror.org/0081fs513>



<http://lattes.cnpq.br/9149881179971251>



<https://orcid.org/0000-0001-7923-1642>

Pareceristas do Vol. 01, N° 02 (Mai-Ago/2024)

Annabela Rita.

Universidade de Lisboa. Portugal



<https://ror.org/01c27hj86>



<http://lattes.cnpq.br/7129933229775554>



<https://www.cienciavitaet.pt/9313-DC1B-A42D>



<https://orcid.org/0000-0002-1541-3006>

Manoel Domingos de Castro Oliveira.

Universidade do Estado do Amazonas. Brasil.



<https://ror.org/04j5z3x06>



<http://lattes.cnpq.br/5332003288110141>



<https://orcid.org/0000-0001-5545-5625>

Renato Régis Barroso.

Universidade do Estado do Amazonas. Brasil



<https://ror.org/04j5z3x06>



<http://lattes.cnpq.br/7435448917070647>



<https://orcid.org/0009-0000-2727-0148>

Jussara Maria Oliveira de Araujo.

Universidade do Estado do Amazonas. Brasil



<https://ror.org/036rp1748>



<http://lattes.cnpq.br/1977211506166484>



<https://orcid.org/0000-0002-4768-5970>

Marcos Roberto dos Santos.

Universidade do Estado do Amazonas. Brasil



<https://ror.org/036rp1748>



<http://lattes.cnpq.br/3984604069397961>



<https://orcid.org/0000-0001-7011-0799>

Isabel Ponce de Leão.

Universidade Fernando Pessoa. Portugal



<https://ror.org/04h8e7606>



<https://www.cienciavitaet.pt/portal/E314-D183-oB42>



<https://orcid.org/0009-0001-1965-0092>

Mikael de Souza Frota.

Universidade do Estado do Amazonas. Brasil



<https://ror.org/036rp1748>



<http://lattes.cnpq.br/9881110221366257>



<https://orcid.org/0000-0002-9015-7508>

Kenedi Santos Azevedo.

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Brasil



<https://ror.org/03490as77>



<http://lattes.cnpq.br/9855078383230746>



<https://orcid.org/0000-0001-6795-4616>

Apresentação

onsiderado por Cervantes o “cantor da civilização ocidental” e “vale[ndo] [por] uma literatura inteira”, Camões agiganta-se nas letras portuguesas, em particular e nas lusófonas, em geral.

Referência identitária da comunidade portuguesa, em cujo imaginário o seu mito se entrelaça na morte (Almeida Garrett, Domingos Sequeira) numa fusão simbólica que culmina com o estabelecimento de 10 de Junho como “Dia de Festa Nacional e de Grande Gala” em 1880, no tricentenário do seu falecimento, embebido com a festividade do Anjo Custódio três décadas antes. Foi visto como voz da Ibéria e, por extensão, da Europa aspirando ao além de si. E informa, indelevelmente, as literaturas de uma lusofonia cuja geografia percorreu parcialmente, chegando a informar alguns gestos de fundação de novas identidades nacionais lusófonas.

Mais do que expressão de uma época e de uma comunidade, a sua obra pode ser a cápsula do tempo por onde as Artes, as Letras e as Ciências podem ser perscrutadas no enlace do velho mundo cartografado pela antiga épica com a aurora da modernidade e na transformação das e(s)téticas e dos saberes.

Sobre a sua vida, poucas certezas há e, no entanto, das brumas da lenda e do mito, Camões agiganta-se na representação do Homem entre vida e morte, amor e sofrimento, euforia e disforia, ideal e miséria, guerra e paz, “numa mão, a espada e, noutra, a pena”. Vate de um mundo em transformação, é um Autor global de um mundo globalizado.

É essa sua dimensão imensa nas Letras e nas Artes de ontem e de hoje, que, cinco séculos volvidos sobre o seu nascimento, nos sentimos desafiados a perscrutar. O que faz dele um nosso ‘clássico’, (re)lido e representado, referência cultural central nos programas académicos? Quem e o que contribuiu para a sua mitificação? Como se refracta nas Artes e nas Letras, influenciando-as ou sendo por elas convocado, entre alusão, citação ou figuração? Na contemporaneidade, que obras o revisitam na sua tessitura paródica (Linda Hutcheon) e como o fazem? Estes e outros temas convidam à participação neste número especial da Revista Fios de Letras, associado, quer ao X CILB (Colóquio Internacional Luso-Brasileiro) “Artes & Letras em diálogo global: Camões, ontem e hoje!” (25-29/Novembro/2024), onde será apresentado, mas também à vasta e multimoda programação da Exposição Universal da Matriz Portuguesa – Camões 500 Anos (2024-2025).

Nessas comemorações dos 500 anos do nascimento de Luís Vaz de Camões, também a Revista Fios de Letras celebra as suas memória e obra, dedicando-lhes o Dossiê Temático. E fá-lo num enlace globalizante, sinalizando essa vasta dimensão lusófona com a parceria transatlântica Brasil-Portugal promotora deste número.

No Dossiê Temático, Camões é multiplamente revisitado, desde as metamorfoses da sua representação até à sua recepção até aos nossos dias: Natália Constâncio traz-nos uma reflexão sobre a imagística do espaço, do poder e da epopeia (“O Tejo e a Epopeia: Imagens de (Des)Construção e de Poder na Literatura Portuguesa”), Isabel Ponce de Leão faz-nos ponderar os diálogos interlinguísticos no espaço lusófono (“Não perderá seu preço e sua valia”), Annabela de Carvalho Vicente Rita perscruta as razões da sua celebração 5 séculos depois (“Camões, hoje. Razão e mistério da celebração dos 500 anos do seu nascimento”), Renato Epifânio assinala sintonias entre Agostinho da Silva, Camões e Portugal nos seus ideais do mundo (“Agostinho da Silva e o Mundo idealizado por Camões”), Carlos Leone (“A propósito de uma recepção de obra de Camões: Carl Schmitt, intérprete da Expansão portuguesa e Europeia na Era Moderna”).

Em Temas Livres, Fios de Letras traz-nos literatura, narratologia, linguística e ensino: Thais Cristina da Silva ensaia uma leitura comparativa de textos de William Faulkner e Graciliano Ramos (“Do sul estadunidense ao nordeste brasileiro: os caminhos percorridos nos romances Enquanto agonizo e Vidas secas”), Valquiria de Oliveira Menezes e Eliane Maria de Oliveira questionam a diversidade das vozes narrativas (“Os narradores nos gêneros literários: análise das obras Sagarana, Senhorinha e o Tesouro Escondido”) e Pedro Antonio Gomes de Melo pondera aspectos do ensino da língua brasileira de sinais (“Percepções e crenças de professores do Ensino Fundamental de Palmeira dos Índios/AL sobre a Língua Brasileira de Sinais”).

Vária é, também, espaço de diversidade: desde a entrevista de Márcia Antonelli por Marta Cortezão, até às recensões de José Humberto dos Santos Santana de uma antologia de textos dedicados a Saussure (Saussure: a invenção da Linguística, organizada por José Luiz Fiorin, Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan) e de Isabel Ponce de Leão de uma recém-saída e celebrada biografia de Camões (Fortuna, Caso, Tempo e sorte. Biografia de Luís de Camões, de Isabel Rio Novo).

Enfim, este número da revista oferece-nos uma tapeçaria de múltiplos e diversos fios disciplinares, perspécticos e temáticos, com Camões em destaque. Boas leituras!

Organização:

Annabela Rita (Universidade de Lisboa e Universidade Aberta - Portugal)
Isabel Ponce de Leão (Universidade Fernando Pessoa - Portugal)
Kenedi Santos Azevedo (UFRJ/ UEA - Brasil)

Apresentação

DOSSIÊ TEMÁTICO

O Tejo e a Epopeia: Imagens de (Des)Construção e de Poder na Literatura Portuguesa

Natália Constâncio

Não perderá seu preço e sua valia

Isabel Ponce de Leão

Camões, hoje. Razão e mistério da celebração dos 500 anos do seu nascimento

Annabela Rita

Agostinho da Silva e o Mundo idealizado por Camões

Renato Epifânio

A propósito de uma recepção de obra de Camões:

Carl Schmitt, intérprete da Expansão portuguesa e Europeia na Era Moderna

Carlos Leone

TEMAS LIVRES

Do sul estadunidense ao nordeste brasileiro: os caminhos percorridos nos romances Enquanto agonizo e Vidas secas

Thais Cristina da Silva

Os narradores nos gêneros literários: análise das obras Sagarana, Senhorinha e o Tesouro Escondido

Valquiria de Oliveira Menezes, Eliane Maria de Oliveira

Percepções e crenças de professores do Ensino Fundamental de Palmeira dos Índios/AL sobre a Língua Brasileira de Sinais

Pedro Antonio Gomes de Melo

SEÇÃO VÁRIA

Entrevista com Márcia Antonelli

Marta Cortezão

Resenha: Saussure: a invenção da Linguística

José Humberto dos Santos Santana

Resenha: Fortuna, Caso, Tempo e sorte

Isabel Ponce de Leão

Vol. 01, **Nº 02** (2024)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**

O TEJO E A EPOPEIA:
IMAGENS DE (DES)CONSTRUÇÃO E DE PODER
NA LITERATURA PORTUGUESA

Natália Constâncio



**O TEJO E A EPOPEIA:
IMAGENS DE (DES)CONSTRUÇÃO E DE PODER NA LITERATURA PORTUGUESA**

Natália Constâncio¹

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6154-1626>

Ciência Vitae: <https://www.cienciavitae.pt/portal/1215-CEE9-D341>

RESUMO: O estudo que ora se apresenta tem como precípua objetivo analisar a relevância do Tejo enquanto símbolo de (Des)construção de imagens de Poder, na Literatura Portuguesa. Em muitas das obras analisadas, a imagem do rio figura como símbolo auspicioso, como metonímia de grandeza do povo lusitano. Não obstante o superno orgulho que recai sobre as personalidades que construíram a História, o presente trabalho procura demonstrar a contraversão que, a determinada altura, se efetua na imagem dominante na literatura das Descobertas – outrora superlativa –, que vai do *homo viator*, à voz narrativa que hoje apresenta uma versão derrisória da História. A influência das epopeias helénicas e da romana transmitem a Camões a ideia de grandeza e de heroicização de um povo – os lusitanos, tratando-se de Vasco da Gama ou dos seus marinheiros. Contudo, a ideologia Imperial, aquela que remete para uma visão oficial e outrora grandiosa do império, dá lugar a uma outra visão, na literatura romanesca contemporânea. Trata-se de uma perspetiva heterodoxa, face aos Descobrimentos portugueses, que apresenta a visão dos relegados da História, daqueles que, pelo seu pesaroso testemunho, dessacralizam a grandeza do Império, ao desnudarem a oposição *Eu* e o(s) *Outro(s)*.

PALAVRAS-CHAVE: Camões. Tejo. Epopeia. Romance. História. Subversão.

ABSTRACT: The present study aims to analyze the significance of the Tagus River as a symbol of the (De)construction of Power images in Portuguese Literature. In many of the works analyzed, the image of the river appears as an auspicious symbol, a metonymy for the greatness of the Lusitanian people. Despite the profound pride that surrounds the figures who shaped History, this study seeks to demonstrate the subversion that occurs at a certain point in the dominant image within the literature of the Discoveries—once superlative—that transitions from the *homo viator* to the narrative voice that today presents a derisive version of History. The influence of Hellenic and Roman epics conveys to Camões the idea of the greatness and heroization of a people—the Lusitanians, whether in the figure of Vasco da Gama or his sailors. However, the Imperial ideology, which reflects an official and once grandiose vision of the empire, gives way to a different perspective in contemporary fictional literature. This perspective is heterodox concerning the Portuguese Discoveries, presenting the view of those marginalized by History, who, through their sorrowful testimony, desacralize the grandeur of the Empire by exposing the opposition between the Self and the Other(s).

KEYWORDS: Camões. Tagus. Epic. Novel. History. Subversion.

¹ Doutora em Estudos Portugueses; Mestre em Literatura Portuguesa; Licenciada em Humanidades. Investigadora do CIAC-UAlg. e Investigadora Integrada do IELT-NOVA-FCSH. Coordena, com o Historiador Daniel Alves (IHC-NOVA-FCSH), o projeto Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental – LITESCAPE.PT (unl.pt). E-mail: nconstancio@fcsh.unl.pt ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6154-1626>. Ciência ID: 1215-CEE9-D341

Senhor que preside à vida, ativo e fugidio como a trajetória esquiva das águas, o Tempo embala o comum dos mortais na sua fugaz existência. Desde tempos idos, os poetas associa(va)m ao rio a imagem mental de transitoriedade, simbolismo que atravessa(ou) séculos de literatura – japonesa, chinesa, latina ou portuguesa. Basta pensarmos em Heraclito, cuja reflexão apresenta as águas do rio como metáfora arquetípica de uma extensão temporal intangível, irreversível e única.

Na obra *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*, Gaston Bachelard (1997) assimila às águas a metáfora da morte. Relembremos alguns exemplos paradigmáticos desta asserção. Na mitologia clássica helénica, o(s) rio(s) serve(m) de tapete à travessia de Caronte e do seu barco, que, sobrelotado de almas, periclita sobre as águas que banham o reino das Sombras. O corpo frágil e delicado de Ophelia, trágica heroína shakespeariana, é recebido pelas águas do rio, que o envolvem numa mortalha de silenciosa quietude, dominada pelas Parcas, as deusas do Destino.

No centro doutrinal artístico dos séculos XVI-XVII, emerge o conceito que toma a natureza como exemplo e que, para os renascentistas se consubstancia na sua imitação. A estética camonianiana assenta, portanto, numa herança que se firma numa teorização retórica do fenómeno literário que remonta a Aristóteles, Dionísio de Halicarnasso e Quintiliano (cf. Espírito Santo 2012: 67). Na epopeia, Camões declara, abertamente, a prática desse formalismo retórico – *imitatio* – e a pretensão de suplantar os grandes nomes que lhe servem de exemplo: Homero e Virgílio. Para que tal se concretize, Camões solicita às musas que lhe concedam um canto alto e sublimado, o que eleva os heróis, não o que subjaz à lírica emotiva dos poetas que cantam os seus amores acompanhados de “agreste avena ou frauta ruda”. Imergimos, então, na essência que define a épica camonianiana.

É facto consabido que as grandes civilizações floresce(ra)m junto aos rios, proporcionando a(os) povos oriundos de diferentes áreas, mesmo as mais longínquas, um intercâmbio cultural, civilizacional e, sobretudo, comercial. Enquanto principal rio de Lisboa, o Tejo sempre ocupou um lugar de destaque na paisagem geográfica de Lisboa e Vale do Tejo, possibilitando ligações mercantis com os povos do Mediterrâneo e do Norte de África. Ora, no contexto literário épico Renascentista, Camões despontará como porta-voz de uma grande aventura marítima, de justificação teleológica, que tem como núcleo a consagração do Tejo. Não obstante siga as convenções que germinam no alfobre do paradigma épico da antiguidade, repetindo os modelos codificados nas leis do género, Camões desloca

para a “ocidental praia lusitana” o epicentro dos Descobrimentos, no lugar onde o Tejo se mistura com o Atlântico, relegando o *Mare Nostrum*, que em tempos remotos estendera o seu morno e aquoso tapete ao Império Romano.

Uma das mais complexas e multifacetadas temáticas que giram em torno da ficção narrativa histórica hodierna relaciona-se com a construção do discurso e consubstancia-se numa dupla abordagem da História: a sua problematização, em termos fenomenológicos, e a sua representação, em termos discursivos. À luz dos preceitos caucionados pelos teóricos coevos da Literatura e da História, a voz enunciativa que subjaz ao romance histórico contemporâneo não tem como objetivo oferecer uma reconstrução histórica, (pretensamente) objetiva e verídica dos factos. Indo ao encontro da *Poética*, Aristóteles traz à colação os termos *mimesis* e *poiesis*, e frisa que a poesia não copia a realidade, constrói-a, e esta conceção tem vindo a ser recuperada nas últimas décadas. Na senda desta definição, Barbara Foley assegura que “All writing, all composition, is construction” (1986: 11), remetendo para o facto de o labor artístico edificar uma criação, sendo, por isso, um constructo. Pozuelo Yvancos (1993) considera que as obras literárias retratam universos alternativos e possíveis, estruturas imaginárias que oferecem outra imagem de realidade do mundo.

Em muitos dos romances históri(ográfi)cos, a voz que perpassa as linhas do discurso ficcional intenta subverter, parodiar, corrigir ou anular a História, apresentando-a, reiteradamente, numa perspetiva plurívoca e heterodoxa. Muitos textos ficcionais evidenciam mecanismos literários que subvertem factos outrora inquestionados, tidos como históricos, e reportam a um universo intertextual que implica uma *reescrita* da História. Ou, no caso nacional, a um repensar da ideia da portugalidade, da História dos Descobrimentos, à luz dos testemunhos oficiais que a veiculam. O *corpus* que apresentamos demonstra que tipologia discursiva reproduzida na narrativa contemporânea veicula, insistentemente, uma realidade multimoda e traduz uma análise de distintas representações da portugalidade no discurso romanesco e dos mecanismos que refletem a problematização da abordagem do *Outro* e dos símbolos de poder que ostentam a identidade lusíada.

O estudo que trazemos a lume procura, então, demonstrar em que medida a figuração do Tejo e das personalidades que lhe estão associadas – Camões, Vasco da Gama, “o peito ilustre lusitano”... – emerge como símbolo de (des)construção de Imagens de Poder, na Literatura Portuguesa. Será, também, objeto da nossa investigação descortinar de que forma se plasma a antinomia que exhibe a ideologia então vigente: a que reenvia para uma visão grandiosa do império, e a que retrata o testemunho heterodoxo dos relegados da História – e que a dessacraliza –, ao desnudar a oposição *Eu* e o(s) *Outro(s)*. Procuraremos, também, descortinar em que medida a

descrição paisagística se serve da imagem do rio Tejo como metáfora da asfixia das personagens, ou da morte psicológica, não raro traduzida pela sua autoconsciência de seres ineptos. E a que simplesmente apresenta o Tejo no frescor de uma tranquila moldura paisagística.

1. Imagens do Tejo: figuração auspiciosa e símbolos de poder

A inspiração da obra camonianiana germina a partir de uma entrelaçada ramagem: uma, remonta ao conceito platónico de *Daimon*, ou *Génio* criador, termo que pedimos de empréstimo aos pitagóricos; a outra, traduz o mesmo impulso criador, equivale ao “intelecto agente” mencionado por Aristóteles. Seguindo o prisma intertextual renascentista consubstanciado na imitação das epopeias clássicas, a teorização retórica que à estrutura interna respeita, preceitua a inclusão da Invocação como um dos pilares de execução da épica. Não é, por isso, anódina a invocação realizada por Camões às mais sábias musas: Clio [Κλειώ] e Calíope [Καλλιόπη]. A primeira, tecedeira da História, segredou a Camões técnicas para narrar literariamente a História Portuguesa, num canto inovador. Calíope, filha de Zeus e de Mnemósine, a memória, musa da poesia épica e da eloquência, insuflou-lhe um estilo grandiloquo, que o imortalizará.

Ao entrelaçar o *ingenium* e a *ars*, atributos que as musas outorgaram a Camões, o princípio da metamorfose alquímica genotextual opera uma transmutação significativa na criação artística, que edifica a primeira epopeia dos tempos modernos. Durante o Renascimento, a figuração do Tejo inscrever-se-á no domínio da retórica épica, ao ser identificado como um dos recursos naturais que possibilita e viabiliza a construção do Império. Para a desenvolvimento da narrativa que tem por base laudatória o espírito lusíada, Camões pede auxílio às Tágides, as ninfas do Tejo, suas filhas. A alusão à progénie que do rio descende surge configurada num apontamento de André de Resende ao seu poema *Vincentius*, em 1545 (cf. Pereira, 2020, p. 256). Na esteira dessa conceptualização, e porque sempre celebrara as águas do Tejo – ainda que em verso humilde –, o poeta propõe-se a cantar “o peito ilustre lusitano”. Está dado o mote. Se as ninfas lhe concederem um “som alto e sublimado”, “Um estilo *grandíloco* e corrente”, “de tuba canora e belicosa”, a sua obra relegará para olvido os feitos guerreiros de Alexandre, o Magno; a expansão territorial de Trajano; as proezas náuticas de Eneias e de Ulisses, lendário fundador de Lisboa; e as façanhas do mais importante dos guerreiros helenos: Aquiles.

Recuemos, cronologicamente, até ao século XII. O testemunho de Osberno, consignado na *Conquista de Lisboa aos Mouros em 1147*, demonstra a importância do rio já nessa época. O contingente de cruzados vindo em auxílio de Dom Afonso Henriques desembarcou no estuário do Tejo, nos últimos dias de junho de 1147 (Alves, 2004 p. 31).

Osberno descreve a cidade como um opulento centro comercial e apresenta o Tejo como um rio de qualidades excepcionais: com grande cópia de mariscos e de peixes saborosos, com a propriedade de conservarem sempre a sua gordura e o seu sabor.

De acordo com a mitologia clássica, *Tagus* corresponde à entidade (antropomorfizada) que habita o rio e que lhe dá nome. Não será, portanto, anódino ou infrutífero citarmos o vocábulo *dagi*, termo que, em fenício, possui a significação de *pesca abundante* (Crespo, 1990, p. 38). Talvez por este motivo alguns autores façam derivar o vocábulo *tagus* de *dagus*. No século I a.C., Estrabão, o mais conceituado dos Geógrafos gregos, descrever-nos-á o Tejo como um rio de “muitos peixes”. Em *Memorial do Convento*, cuja diegese tem lugar no século XVII, o narrador refere-se à copiosidade de peixes que no leito do rio navegam, por vontade e obra divinas: “Quer Deus que o rio seja pródigo de peixe” (1986, p. 27).

Se voltarmos a entrar na máquina do Tempo e remontarmos à época da colonização da Península Ibérica pelos fenícios (c. Séc. VII a.C.), muito antes da romanização, facilmente descortinamos que a sua presença se deve à posição estratégica da geografia ibérica. Num amplo estudo de Doré Ogrizek, intitulado *Le Portugal*, o autor documenta a existência dos fenícios no estuário do Tejo, em Lisboa, cidade que então batizaram de Alis-Ubbo. O romance *Enseada Amena*, de Augusto Abelaira, remete para esta evidência: “– Aqui, onde temos os pés, não sabias?, era uma enseada, pelos vistos amena, o Tejo cobria estas ruas. Os Fenícios apareceram por cá, gostaram da enseada, ficaram para comerciar com os indígenas. Duas ou três casitas e Lisboa tinha nascido, Lisboa, Alis-Ubbo, Enseada Amena...” (1965, p. 73).

Mas a sustentação da relevância do Tejo nas narrativas não se circunscreve aos exemplos citados. Não obstante a influência que a autoridade homérica detém sobre *Os Lusíadas*, Camões assume *Metamorfoses* como uma espécie de *vade mecum*. Portanto, não será despiciendo invocar-se o Livro II, 51, onde, pela sua alusão mitológica, se evidencia a grandeza do Tejo pela singularidade da riqueza que possui – areias de ouro. No mesmo Livro (II, 59), refere-se que o metal se liquefez devido a um incêndio que tudo queimou na Terra. Note-se que as citadas abordagens mitológicas – se não combinatórias, pelo menos de forma dialogal – debuxam a representação emblemática de um rio invulgar, distinto e áurico. Alguns textos emblemáticos, como o *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes, ou o *Sermão da Rainha Santa Isabel*, do Padre António Vieira, reconhecem tal excepcionalidade, enfatizando a importância das suas areias douradas.

Remontemos, agora, ao século XIII. Algumas das composições trovadorescas, na sua variante de cantigas de amigo, evidenciam a pertinência do cenário ribeirinho no quotidiano das figuras. Numa cantiga de João Zorro, jogral da corte de Dom Dinis, a donzela contempla o estuário do Tejo e, ao ver partir o amigo, canta a sua beleza. Tendo em conta a importância do rio na economia do reino, poderemos concebê-lo

como um jovem marinheiro. Os versos dos últimos dísticos frisam a ligação afetiva que une donzela e espaço, intensificando a alegria que experimenta, ao saber que o seu “amado” (inicialmente “amigo”), a quer levar no navio:

“I vai o meu amigo,
quer-me levar consigo
e sabor hei da ribeira.”

I vai o meu amado,
quer-me levar de grado
e sabor hei da ribeira.

Na época dos Descobrimentos, era do Tejo que partiam as embarcações para o Brasil e para a Índia, por isso se construíram, nas suas imediações, os monumentos que evocam a grandeza pretérita lusa. Falamos, obviamente, da Torre de Belém e do Mosteiro dos Jerónimos. Por isso figura o Tejo, em inúmeros textos literários, como personificação da portugalidade; outras vezes, surge de forma antonomástica, ao remeter para a expansão ultramarina. Na obra *Romance de Dom Dinis. El-Rei que (nom) fez tudo quanto quis*, de Natália Constâncio, alude-se ao Tejo como reflexo de um momento áureo da navegação portuguesa. Numa relação intertextual cujas bases ramificam nas epopeias homéricas e na camoniana, a narradora setecentista descreve a grandiosidade do Tejo enquanto elemento simbólico de uma grandeza (pretérita) que (ainda) vigora, nestes termos:

É um belo dia primaveril, o que assoma, aspergido com uma suave e perfumada aragem de gotinhas de orvalho. Tocado pela macieza da alvorada, qual espelho, reflectindo a grandiosidade cerúlea onde estão fixadas as constelações dos argonautas, o Tejo corre, lentamente, deslizando os batéis e as grandes embarcações, troncos de antigas árvores, arrancadas ao pinhal de Leiria. É que o Tempo, esse implacável e ardiloso piloto, conduz os homens há muitas gerações. Aliando-se às brisas prósperas do mês de Junho, Tempo e Vento incham as velas das côncavas naus, que às partes de além se dirigem. (2022, p. 251)

Camões descreve o “porto da ínclita Ulisseia”, o preciso lugar em que “o licor *mestura* e branca areia/ Co salgado Neptuno o doce Tejo” (Canto IV, est. 84). Em termos georreferenciais, este espaço representa uma imagem duplamente essencial na economia da epopeia camoniana: por um lado, a ancoragem numa realidade territorial, palco de uma grande aventura; por outro, a idealização de homens excepcionais, capitaneados por Vasco da Gama – soldados e marinheiros –, a quem “Neptuno e Marte obedeceram”.

Em evocação analéptica, Vasco da Gama relata ao rei de Melinde a aglomeração das gentes que acorreram à praia e o estado de espírito que as animava, n'Os Lusíadas, no episódio das Despedidas em Belém: "(Uns por amigos, outros por parentes,/ Outros por ver somente)" concorria,/ Saudosos na vista e descontentes." (Canto IV, est. 88). Evocamos, ainda, neste contexto exemplificativo, um dos discursos mais dramáticos e emotivos que na epopeia camonianiana simultaneamente agrega e opera a transfiguração de sintagmas, no âmbito da "poética oceânica" (Nóbrega, 2012: 546). Uma das vertentes, enfatiza uma posição avessa à empresa dos Descobrimentos; a outra, antinômica, expressa a superlativação dos lusitanos, que, para materializar o sonho imperial, se oferecem em sacrifício. Na estrofe 90 do Canto IV, uma mulher lamenta o afastamento daquele que o seu corpo gerou e que tinha como refrigério na velhice. Ao vê-lo partir, o coração materno pressagia-lhe um destino trágico, no abismo do oceano: "Porque de mi te vás, ó filho caro,/ A fazer o funéreo encerramento/ Onde sejas de peixe mantimento?".

Numa tentativa – (quase) desesperada – de restituir ao país a auréola luminosa do Império que foi, indo ao encontro da autoridade apologética da grandiosidade exaltada por Camões, Fernando Pessoa sagrou o mar *português*. As suas águas congregaram, outrora, desconfiança, temores, medos, suores, lágrimas, abismos, naufrágios, mortes, "perdições de toda a sorte". Todavia, não obstante as tragédias efetivamente ocorridas, as preces e os sonhos unificaram Tejo, Atlântico e Índico. Na senda da poética e da ideologia camonianas, a obra de Fernando Pessoa reflete, simultaneamente, a glorificação dos lusíadas, por todas as conquistas realizadas, mas também o reverso que figura na medalha da aventura ultramarina, plasmada em três figuras emblemáticas. Os discursos que Camões evoca, emotivos e dilacerantes, servem de exemplo a Fernando Pessoa, cujos versos exibem o desespero de uma mãe que vê afastar o seu filho; de uma noiva, que ficará por casar; de um filho, que (em vão) reza para, que Deus lhe devolva o pai.

Resvalar no erro de que a aventura dos portugueses se confina ao sonho de achamento territorial constituiria um trilha fácil e sedutor. A viagem marítima apresenta como verdadeiro escopo imperial a disseminação da Fé cristã e o domínio do comércio de especiarias. Na relação entre a ideologia ocidental e o patriotismo, apresenta-se uma complexa fenomenologia que mostra diferentes perspectivas: de um lado, a visão sonora e altiva que cimenta o discurso canônico de exaltação da dilatação da Fé e do Império; do outro, a voz heterodoxa das posições divergentes ante a expansão ultramarina, que o discurso do Velho do Restelo e das figuras que se opõem à partida dos seus entes queridos imortaliza(ram).

O relato de Vasco da Gama em Melinde surge como emblema de um reino que tem como (aparente) virtuosidade política um diálogo intercultural e tolerante. No caso em foco, a configuração discursiva efetua-se entre dois honrosos interlocutores:

um, o narrador-herói de uma armada destemida – Vasco da Gama; o outro, venerando ouvidor, narratário ávido de conhecimento do mundo (i)limitado que extrapola as fronteiras do seu (pequeno) reino, o Rei de Melinde. O ilusório intercâmbio discursivo de igualdade entre os povos dissimula a assunção da superioridade dos lusitanos. Não será inoportuno trazermos à colação a ausência de tolerância e de diplomacia e de efetivo dialogismo com o *Outro*, o diferente, o que se pretende subjugar, plasmada, v.g., nos bombardeamentos que assolaram Calcut. Um, sob o comando de Vasco da Gama, em 1498; o outro, encontrando-se já o comandante da expedição em Portugal, visava a assinatura de um tratado de reconhecimento da supremacia bélica ocidental, na primeira metade do século XVI (cf. Lanciani, 2012, 77).

Literatura e História encontram-se enlaçadas pelo fio do testemunho e da palavra. Mas é imperativo distinguir o seu campo de atuação, essencialmente na forma como utilizam a informação histórica. Ainda que os teóricos da História e da Literatura tendam, na contemporaneidade, a reclamar o relativismo do conhecimento, deve ser apanágio do historiador tratar os factos com escrupulosa exactidão. Ao romancista, por seu turno, não pode exigir-se objetividade, pois (re) cria, através da capacidade imaginativa. Efabular significa dar asas à imaginação, por conseguinte, o romancista joga ao faz-de-conta. Desenha as vidas e as personagens que retira do mundo factual e empírico, pincelando-as com tonalidades que mesclam verdade e ficção. A vida retratada na literatura é imaginada, pertence ao universo criador do sujeito que a idealiza e que mostra uma verdade específica, edificada no seio da literatura, não sendo, por isso, empiricamente verificável. Aguiar e Silva (1990: 640) considera que a verdade literária constitui uma modelização do mundo referencial, dos seres humanos e da sua experiência vital.

Vejamos que teia de relações se entretece entre Literatura e História e de que forma os textos – não perspectivados como documento histórico, mas como produto de uma manifestação artística e ficcional – evidenciam um discurso heterodoxo e (um)a (in)tolerância civilizacional, ainda que sob a máscara do heroísmo luso. O romance *A Senhora*, da francesa Catherine Clément, decorre na época áurea da expansão ultramarina portuguesa. O discurso, eivado de informações (históricas) epocais, tisna a brancura das certezas plasmadas nas narrativas contemporâneas. Mais do que a narração heterodiegética, o discurso de primeira pessoa, por imanência subjetivo, presta-se à manipulação do (suposto) universo referencial. Das palavras enunciadas ecoam realidades desumanas, que aos leitores hodiernos surpreendem. Ou não... A obra suprarreferida, confronta os leitores com um relato avesso ao *ethos* glorioso e humanista que a visão épica faz transparecer. Trata-se de um discurso de primeira pessoa, narrado por Josef Nasi, ou o converso João Miguez, filho e neto

de médicos judeus, por conseguinte, um dos relegados da História, que encarnava tantos nomes quanto as fugas lhe impunham. O discurso evocativo dessa infância longínqua testemunha a visão de uma criança exilada no reino, que alude à expulsão dos judeus na Europa cristã. Cinco anos mais novo que a tia, Hannah, ou a cristã Beatriz de Luna, com ela brincava amiúde, no porto de Lisboa, e ambos sonhavam partir, rumo aos mares desconhecidos.

As alusões memorialísticas tecidas pelo narrador homodiegético remetem para uma Lisboa epocal e para o fascínio de um menino pela conduta e o heroísmo dos marinheiros portugueses que haviam realizado grandes descobertas. Ironicamente, o testemunho gravado nas suas lembranças expõe a flagrância altiva da arrogada supremacia portuguesa face ao *Outro*, num reino em que gravita uma ideologia épica cristalizada:

Quando desceram, os marinheiros contaram de que modo, para conquistar as especiarias, tinham enforcado nas vergas dos barcos umas quarenta tripulações. [...] Em seguida, vangloriaram-se de terem pilhado e incendiado um barco de peregrinos que regressava de Meca [...]. Eu também. Ficara alegre com a alegria deles como se tivesse comandado o ataque a Calicute [...]. Mais tarde, contei, exultante, a Beatriz como os nossos portugueses tinham por três vezes bombardeado Calicute antes de a conquistarem.” (2001, pp. 24-25)

Este olhar deslumbrado evidencia a pureza de um menino que, desconhecendo-o então, se enquadrava num grupo de seres relegados, mas para quem a diferença não constituía um obstáculo à admiração. A lembrança que a sua memória retém dos ciganos no porto é harmoniosa e nela se reconhece a igualdade, na diferença: “Eu adorava-os e puxei Beatriz. Os ciganos traziam preso à coleira um urso amedrontado e um macaco comicamente vestido com um saiote escarlate bordado a ouro. [...] Então Beatriz riu mesmo; eu estava radiante. De repente, vindos não sei de onde, os arqueiros do rei correram para os ciganos e começaram a bater.” (2001, p. 23). Enquanto marco disfórico e negativo, a desigualdade plasmada neste e noutros textos é demolidora, decretada por valores iníquos, que tendem a subvalorizar o *Outro*. E o *Outro* são, afinal, os excêntricos – os diferentes pela cor, pela errância ou pelo credo: negros, judeus, ciganos, hindus, mouros.

O Profeta do Castigo Divino, de Pedro Almeida Vieira, narra a vida do jesuíta Gabriel Malagrida. Desenrola-se a trama numa temporalidade já distinta da época áurea dos Descobrimentos, e antecede o terramoto de Lisboa de 1755. Na sua passagem por Lisboa, a embarcação que transportara o religioso surge escancarada nas praias do Tejo, expondo, aos olhos de magotes de curiosos um espetáculo poliédrico, no primeiro dia de fevereiro de 1750:

À entrada da barra de Lisboa, enxergar um navio com casco despedaçado, velas esmolambadas e leme partido deveria significar, pelas leis da marinhagem, naufrágio à vista. [...]

Perante aquele previsível soçobro, no princípio daquela tarde, magotes acorreram às praias do Tejo. Uns por sentida inquietação, outros pelo fascínio do triste espetáculo, aqueles outros esperançosos em recolher os despojos da embarcação que derribariam aos rochedos. Para matar o tédio, que o navio andou em rebuliço desgobernado, surgiram então as apostas sobre o salva-se. Não se salva. (2005, p. 23)

Durante o tempo que medeia a guerra entre Liberais e Absolutistas (1832-34), e após receber a notícia da morte de seu pai, Vicente Maria Sarmiento retorna a Bufarda, em Chão de Couce. Então, o herói promete casamento a Tomásia – por quem se apaixona –, jovem a quem a falta de escrúpulos de um corregedor roubou a infância e a pureza, empurrando-a para a prostituição. Protagonista de *O Ouro dos Corcundas*, Vicente Maria junta-se a um grupo de bandidos que salteia uma família de fidalgos. O saque, a prisão, o encontro com D. Miguel, em Santarém, a restituição do tesouro, são temas que cruzam as páginas deste romance, de Paulo Moreiras. Perdoado por D. Miguel, Vicente Maria embarca com Tomásia, em direção ao futuro. A descrição final evidencia a importância do rio na navegação portuguesa e ostenta a grandeza ultramarina cunhada nos monumentos edificadas em seu louvor:

No porto de Lisboa, com algum do dinheiro do Pasquino, Vicente Maria comprou bilhetes para os quatro e embarcaram num navio inglês a caminho de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América.

No navio, depois de este partir, vogando pelas águas do Tejo, Tomásia abeirou-se da amurada e contemplou as colinas de Lisboa com o seu casario espalhado até ao rio. Os campos dos termos da cidade foram surgindo e, junto às praias do Restelo, onde a Torre de Belém se erguia com majestade, [...]. (2011, pp. 268-269)

O Feitiço da Índia, da autoria do escritor Miguel Real, relata a história de três homens, sendo que a narração de José Martins, o primeiro português a tocar solo indiano, conta “tudo de uma forma muito simples”: casado em Alfama com a moura Rosa, que lhe gerou um filho, foi como degredado na armada de Vasco da Gama. No momento que antecede a partida da nau que carrega “os indigentes sem família, os filhos secundogénitos aventureiros” (2012, p. 103), entre outros de baixa estirpe, José Martins...

circunvagou o olhar pelo azul do Tejo, suspirou fundo, aliviado da morte, e viu ao longe, nos areais do Restelo, o séquito do Gama aproximar-se, tamboretas rufavam descompassados, arrepiando as gaivotas, o dourado

faiscante das trombetas inflamava o olhar dos marinheiros, atraindo-o, o mestre, dispondo os embarcados para a recepção ao capitão-mor, desamarrou-o, não atrai a ventura partir com homens presos (2012, p. 102)

Na esteira das solenidades expostas por Camões, o romance de Miguel Real alude à preparação religiosa dos homens que *aparelham a alma para a morte*, na ermida de Nossa Senhora de Belém, e aos ritos e cerimónias protocolares da entrega da bandeira ao Gama, por mãos régias, e das suas mãos, enquanto comandante da armada, a seu irmão. Não obstante – veladamente – se critique a ambição manuelina, o leitor hodierno cedo apreende o testemunho da robusta supremacia lusa, plasmado na oposição dicotómica que sintetiza a distância face ao *Outro*. E assim se descobre a realidade outra: a dos relegados da História: “d. Manuel pusera todo o peso do reino naquela viagem, a maioria dos fidalgos da corte tinham contestado, chegava-lhes a remessa anual do ouro da Mina e o proveitoso tráfico de escravos pretos, alguns mouros aprisionados na costa ou no mar” (2012, p. 105).

Relembrando a importância da escrita (ou dos monumentos) enquanto elo que testemunha o vínculo entre o literário e o histórico e vice-versa, afiançam a impossibilidade de se aceitar a verdade do discurso historiográfico *tout court*. Num estudo dedicado ao romance histori(ográfi)co contemporâneo, Patricia Waugh sublinha a multiplicidade de perspetivas que podem evocar o mundo real – “Literary fiction simply demonstrates the existence of multiple realities.” (1984, p. 89). À semelhança dos modelos épicos clássicos, que nunca iniciam a pragmática discursiva *ab initio*, a narração de *Peregrinação de Barnabé das Índias* (1998), de Mário Cláudio, inicia-se *in ultimas res*. Convocando as peregrinações de Fernão Mendes Pinto, o discurso romanesco e (pretensamente) histórico é proferido pelo *homo viator*: Barnabé, um desconhecido marinheiro cristão-novo, e pelo insigne Almirante Vasco da Gama, numa focalização narrativa que oscila entre a 1ª e a 3ª pessoas. Vasco da Gama e Barnabé encarnam um redobro de caracteres, numa espécie de alter-ego ou, simultaneamente, de um par que integra elementos antitéticos e os amalgama, tornando-os uma espécie de imagem autorreflexiva ao espelho da História (cf. Marinho, 1999, 300-301; Seixo, 2004, p. 236).

Há muito o Tempo dobara os seus dias de infância, transformando as suas faces luminosas em rostos navegados por rugas, e os cabelos fartos e negros em ralas cãs. Os velhos recordam o passado, num discurso antagónico que claramente estabelece uma cisão entre a estirpe que os define: a cristandade, personificada na mais elevada figura dos Descobrimentos; e o judaísmo, cristalizado num marinheiro desconhecido, falsamente converso. Ainda rapaz, ouvira Barnabé de seu tio Joseph de Lamego, um culto e abastado judeu, um discurso arrebatador. Como num sortilégio,

as suas palavras incutem no menino a audácia lusitana, metonimicamente refletida nas caravelas que partem do Tejo:

Quem não avistou uma caravela, meu rapaz, não fruiu da perfeita alegria que nos concede o Criador, [...] vou contar-te verdades que se assemelham a sonhos, e descrever-te fantasias que parecem evidências [...], e singram as naves de El-Rei, nosso Dom João II, esmiuçando indicações do depósito de metal preciosíssimo, e enfrentam as ondas e os ventos em direitura à outra face do Mundo, e triste de quem se extingue sem lobrigar uma barca só, e sem se despedir de velas enfunadas [...]. (1998, pp. 54-55)

Ao evocar a juventude, Barnabé relembra Lisboa, o Tejo e o corropio madrugador da multidão de fregueses que acorria ao cais para realizar as suas transacções. A noção de seres predestinados constitui um dos sentimentos mais profundamente enraizados na nossa identidade cultural e harmoniza-se com a idealização de um destino heróico e divino que também despontará na obra de Fernando Pessoa. Na senda desta ideologia – e citando o filósofo Miguel Real –, estamos perante uma “espécie de pulsão inconsciente de salvação que, num primeiro momento, se propaga para o outro (o mouro, o negro, o índio, o chino...), convertendo-o à doutrina verdadeira” (2017, p. 371). Fazendo sobressair a importância do espaço no sustento da empresa dos Descobrimentos, o discurso realça a voz um império que sobre si reflete, em convexa autorreflexividade:

E outros muitos [todo o tipo de embarcações] se iam construindo, e tomava-se Barnabé de susto manso, considerando que o Reino de si próprio se evadia, [...] buscando uma alternativa à sua arrastada podridão, consumindo-se na tessitura de um imenso sonho salvífico. Uma lida constante animava cada convés, e não cessavam os remos de bater as águas, e trocavam-se ordens e insultos, recados e pilhérias, e havia quem do Cais da Pedra interpelasse os de bordo, e quem com altos berros replicasse do topo das gáveas.” (1998, p. 84)

A Casa do Pó, de Fernando Campos, tem como referência narrativa a empresa dos Descobrimentos, na sua perspectiva eufórica e enaltecadora, que ante os olhos do narrador se espraia. O jovem Frei Pantaleão vai em peregrinação à terra Santa e, ao partir, detém-se na observação do rio que atravessa Lisboa. A (sua) contemplação do Tejo figura, nesse instante, como sinédoque de glória, porque o autor da obra faz amalgamar a figuração do (maravilhoso) mundo empírico com uma (rica e impressiva) descrição estética:

Deslumbramento à vista do Tejo! O rio coalhado de mil embarcações de toda a sorte, naus, caravelas, galeões, barcas, barinéis, algumas delas engalanadas pelas enxárcias de bandeiras multicores! Ao fundo o casario da cidade que galgara já e alastrara para fora das muralhas fernandinas. Nunca, como então, senti quanto Lisboa era o porto do mundo [...]. (1986, p. 87)

(Con)centrada num heroístico e pretérito universo, a génese da epopeia camoniana entronca num tempo remoto, o tempo dos verdadeiros heróis – integrado num “passado absoluto”, segundo a terminologia de Goethe ou de Schiller – diverso e distante do nível axiológico em que se encontram poeta e leitor ou ouvinte. Na ótica romântica, Camões pertence à categoria dos *poetas malditos*, abandonados à sua Sorte, revestida de lágrimas, desencanto e miséria. Mas que é, afinal, a casta dos verdadeiros poetas, daqueles a quem a voz das musas insufla um grandioso e épico sonho: “En fait, il fut l’expression même du classicisme renaissant, l’exemple parfait du dialogue vivant de la sensibilité moderne avec le monde de Virgile et des Anciens.”, enfatiza Eduardo Lourenço, na obra *Nós e a Europa ou as duas razões* (1988, p. 94).

Na linha interpretativa que tem por base a pervivência mítica da ideologia épica, o Tejo figura como reflexo de uma grande nação, ostentando como joia da coroa a ínclita Ulisseia, como temos vindo a notar. Mas a inclusão do Tejo nas narrativas contemporâneas assume-se, ainda, como um elemento natural que recorta a paisagem lisboeta, no quotidiano das personagens. Mostrando, sub-repticiamente, o perfil de “leitor implícito” de que fala Wolfgang Iser, no seu livro *Der Akt des Lesens* (1994), que reflete a matriz aventureira – porventura filiada nos heróis – de quem a contempla, *Esta Cidade!*, de Irene Lisboa, descreve o Tejo inserto numa ambiência sensorial de agradável frescor, e eivada de sonhos:

A manhã estava tão clara e tão alegre que a minha cozinha, virada para os lados do Tejo parecia um lugar de embarque. É verdade que aquele bairro onde muitas vezes chegava o cheiro da maresia, o apito dos barcos e um ventinho fresco que semeava fuligem na roupa, nos dava muitas tentações de partir. Estava-se em casa e tinha-se a impressão de se ir sair para o mar. O ar carregava-se de muita frescura! (1942, p. 32)

2. Figuração dessacralizante e ominosa do Tejo e dos mitos associados ao rio

Tal como as brancas e salgadas ondas se espriam e balanceiam no largo Oceano, lembrando a grandiosidade pretérita, assim a idiossincrasia que perpassa as obras hodiernas em que se alude ao Império oscila entre a heroicidade passada e a mediocridade coeva. Contrariamente à imagem de excelência heróica do povo luso

veiculada na e pela estética camoniana, o discurso que perpassa a literatura portuguesa moderna e contemporânea tende a dessacralizar, abertamente, a grandiosidade pretérita do Império, pelo recurso a efeitos de burlesco e de sátira. No reflexo antinômico da estética dignificante da portugalidade, Miguel Torga traz à colação a mais disfórica das imagens, assumindo uma visão pessimista dos Descobrimentos e caracterizando Camões como “Poeta de um império que era louco”, nos *Poemas ibéricos* (1965). Outros escritores e poetas assumem a decadência do país, relacionando-a com a disseminação da fé e do Império, esboroando os símbolos da nacionalidade, através de rebaixamentos carnavalescos e de mecanismos paródicos. Substituindo-a por imagens de decadência, exibem ostensivamente uma nação alienada, fragmentada, ressentida, soterrada na poalha árida de Alcácer-Quibir, sob o comando de um rei igualmente alienado e inábil. Falamos, entre outros, dos versos de Natália Correia (*O Morto Colectivo*, 1972) ou das canções paródicas de Sérgio Godinho.

Adivinhando-se posterior aos Descobrimentos, o romance *Os Infiéis*, de Fernando Dacosta, localiza-se numa temporalidade imprecisa: “Estava-se então numa nova fase das navegações. Definida a grande carta do globo, dobrados os principais mares e continentes” (1992, p. 15). A determinada altura, menciona-se a grandeza dos primeiros nautas, aqueles que passaram o mais perigoso dos cabos: “[O] oceano era, para baixo, o inferno, o fim do mundo, o fogo que se alimentava da água, dos peixes, do vento, das aves, dos barcos arrastados até ele” (1992, p. 62). Noutro momento, a realidade contesta, desconstrói e parodia a imagem grandiosa do Império: “Após descobrirem o mundo, os nautas portugueses, desiludidos com o descoberto adormeceram.” (1992, p. 53).

Ao nível da estrutura semântica, uma extensa lista de narrativas dessacraliza a dimensão gloriosa de um passado coletivo dignificante. Debrucemo-nos, a título exemplificativo, sobre o romance *As Naus*, de António Lobo Antunes. Ao evocar, memorialisticamente, a sua partida, o discurso do protagonista oscila entre uma dupla essência temporal, que se sobrepõe: a do passado glorioso, que tem como centralidade o Restelo, em Belém, de onde haviam partido as naus para a Índia, e o “angustioso presente”, como o define Vanessa Castagna, num artigo que dedica ao romance supracitado (2004, p. 82). Enquanto estruturas arquitetónicas erguidas junto ao Tejo, ironicamente evocadoras de uma grandeza irremediavelmente perdida, a Torre de Belém e os Jerónimos espelham a ambiência corrompida em que se movimentam as personagens e acentuam a ruína moral, a decadência e, paradoxalmente, o seu carácter desumano. Sofrimento, angústia, exploração do homem pelo homem: eis a fotografia que nivela as personagens, a lembrar a máxima latina *homo homini lupus*, que constitui uma referência a Plauto, *Asinária*, II, 4, 88.

Ainda que narrados por diversas vozes e entrecortados por fragmentos dialógicos que afloram ao discurso e se cruzam num ágil caleidoscópio de constantes *flashbacks* subjetivos, chamamos a atenção para o discurso do homem “chamado Luís”, (triste) figuração de Camões, e do caixão que contém o corpo de seu pai – representação sinedóquica da pátria em ruína. A narrativa diegética traduz um encontro de tempos e de espaços numa convocação grotesca, como sublinham Evelyn Fernandes (2015), Gabriela Ferreira (2012) e Leonardo Rommel (2015), nos estudos que dedicam à narrativa de António Lobo Antunes. Remetendo para uma portugalidade ruínosa, e indiferente aos humanos, o Tejo vai corroendo os balcões de pedra das janelas, acidificando-os. Ou testemunha a degradação física e humana da cidade, numa imagem asfixiante e tentacular: “o taxi deixou-nos junto ao Tejo numa orla de areia chamada Belém consoante se lia no apeadeiro de comboios próximo com uma balança de uma banda e um urinol da outra” (Antunes, 1988, p. 10).

As narrativas contemporâneas apresentam o Tejo numa tripla faceta: enquanto janela aberta para o mundo, enquadrado numa geografia que possibilita o contacto com outros povos; como representação paisagística que emoldura a cidade no seu ambiente natural, ou como símbolo derrisório de um império transfigurado. Enquanto representação mítica, associado à epopeia, a simbologia do Tejo tende a esboroar-se, na contemporaneidade, e com ela se derrubam figuras emblemáticas de grande autoridade pretérita.

Partindo de uma visão eufórica, nas obras explicitamente relacionadas com os Descobrimentos, o Tejo surge como sinédoque de um povo que comunga de uma existência particular, messiânica, que no rio vislumbra (um)a abertura para o mundo. A existência modelar de insígnies varões, que outrora mostraram a grandeza lusitana ao orbe – religiosos, nobres, marinheiros, soldados –, e a atividade discursiva dos poetas que a exibiram, tende a insuflar-se de vozes coevas discordantes e, não raro, paradoxais, que derribam o prisma numinoso inerente à épica clássica.

No livro *A ordem natural das coisas*, de António Lobo Antunes, o Tejo que emoldura o retrato paisagístico de Lisboa constitui, acima de tudo, um elemento onnipresente no quotidiano das personagens assoladas pela doença e fechadas sobre si próprias:

Não existe aí, já notou, restaurante onde se não escute o murmúrio do rio, onde as vitrinas não ondulem consoante o humor das marés, onde os estabelecimentos não estalem batidos pelas correntes do Bugio, onde as vidraças se não encarnicem de pulsações de farol. Lisboa é uma cidade submersa, senhor, a água fecha-se sobre as nossas cabeças [...].” (1992, p. 32)

Ao deparar-se com as cinzas que restam dessa supremacia estatutária, o sentimento de incompletude de cada português agiganta-se. Miguel Real legitima-o, declarando que “cada português sente-se, em si, *incompleto*, irrealizado, guardando memória de um *inacabamento* essencial. A sua realização, identificada com a realização do País, deveria ter obtido cumprimento material completo no tempo forte do Império. Porém, este esvaiu-se, nulificando-se” (2017, pp. 26-7).

António Lobo Antunes não é exemplo único no seio da representação paródica romanesca contemporânea. No entanto, as suas obras veiculam uma mensagem tragicamente radical e pessimista da portugalidade coeva. Remetendo para a inadaptação das personagens à realidade em que se inserem, as narrativas antunianas surgem (obsessivamente) eivadas de imagens de desencanto, loucura e solidão. Os seus protagonistas surgem emocional e psicologicamente envolvidos numa brumosa e solitária existência, que o autor sanciona em entrevistas, admitindo que, “no mais fundo de nós, estamos sozinhos”.

Considerações finais

Copiosos testemunhos aludem à privilegiada situação geográfica de Lisboa e asseguram a importância do Tejo como meio privilegiado na realização das rotas comerciais entre povos, como asseguram, nos seus relatos, Estrabão ou Osberno. Outras composições – de cariz literário – legitimam a dupla supremacia do rio. Por um lado, fundamentam o valor e a singularidade do *Tagus*, rio de áuricas areias, segundo Ovídio, Cervantes ou o Padre António Vieira. Como suprarreferimos, o Tejo é o mais importante dos rios que sulcam a cidade edificada pelo rei de Ítaca e berço de ilustres navegações – aquelas que outrora conduziram os nautas lusos às partes de além. Por isso o immortalizaram poetas e escritores, anunciando o sopro dos ventos que *brandamente respiravam* e embalavam as naus portuguesas para o Oceano Atlântico, cujas irrequietas ondas as impulsionalia até ao seu destino glorioso. *Romance de Dom Dinis. El-Rei que (nom) fez tudo quanto quis, A Casa do Pó* ou *O Ouro dos Corcundas* corporizam um diálogo intertextual com a simbologia (eufórica) mítica do Tejo.

Ao abordar o conceito de intertextualidade, relembramos a autoridade de vários filósofos, como Umberto Eco, em *Porquê “O Nome da Rosa”* (1991), ou Pierre Barbéris, na obra *Prélude à l’utopie* (1991), quando advogam que todos os textos convocam outros textos. Se a premissa é hoje verdadeira e irrefutável, mais vincadamente se assumia como tal em épocas longínquas, em que o código retórico e estético dos autores se pautava, expressamente, por uma dupla *mimesis*: a imitação da natureza e a dos modelos greco-latinos (*auctoritates*). O legado homérico revela-se,

efetivamente, um suporte literário essencial na elaboração das epopeias modernas, no entanto, no que à construção da épica lusitana respeita, Virgílio constitui a sua mais importante autoridade modelar.

A epopeia camoniana traduz a *viagem*, centrada numa ideologia expansionista sedimentada numa tradição que tinha como modelo as epopeias homéricas e a romana, ligadas a ações realizadas por heróis. No enalço da teorização filosófica equacionada por Eduardo Lourenço, constatamos que a identificação de Portugal a Camões constitui caso único no seio da cultura europeia, graças aos acontecimentos históricos e à revolução cultural romântica, que o transforma num herói cultural. Melhor: no símbolo de Portugal: «Seul l'ensemble de notre destin collectif et l'histoire de notre imaginaire peuvent rendre compte de cette conversion de l'auteur des *Lusiades* en symbole même du Portugal.» (1988, p. 106).

Camões desponta como um idealista, um visionário. O sonhador da constelação literária resplandecente de um Império de heróis simultaneamente ousados e verdugos, de acordo com o prisma ocular com que a contemporaneidade encara a sua missão. Na senda da apologética crença nesse Império a devir, para Fernando Pessoa, Camões figura como *ethos* heróico da portugalidade, símbolo da alma-pátria, gloriosa: “Comecemos por nos embebedar desse sonho [...]” – declara a outra face da alma lusíada, numa evidente apologia da identidade nacional. “Então se dará na alma da Nação o fenómeno imprevisível de onde nascerão as Novas Descobertas, a Criação do Mundo Novo, o Quinto Império. Terá regressado El-Rei D. Sebastião.” (1979, p. 100).

Não obstante a preponderância da imagem do Tejo enquanto reflexo de uma portugalidade inegável e associada a Camões, relativa a um Império outrora florescente, a literatura coeva tende a questionar e a dessacralizar o mito dos Descobrimentos e todos os elementos que, por imanência, lhe estão associados. Ao constatar que os alicerces do Império – o que restava da glória cantada por Camões e por si próprio – se esbarrondavam aceleradamente, Fernando Pessoa diria, com desalento: “Somos hoje um pinga de tinta seca da mão que escreveu Império da esquerda à direita da geografia.” (1979, p. 3). Na contemporaneidade, os símbolos de grandeza nacional outrora mitificados por Camões estiolam-se. A “lira destemperada” e a rouquidão da voz que canta para gente “surda e ensurdecida” (Canto X, 145, vv. 1-2) anunciam em Camões a dimensão “simultaneamente espectral e epifânica” que encontraremos na *Mensagem*, como faz notar Annabela Rita (2018: 38). Na complexidade discursiva da dessacralização paródica dos mitos, a própria visão da História aquilata outras vozes e outras perspetivas. As proezas (outrora) heróicas são agora postas em causa e redimensionadas num ato discursivo expresso pelas *fictae personae*, cujo testemunho

debela os registos canónicos, valorizando-se a poética que culmina na reflexão do *Outro*, do ser relegado. Do olhar que impõe uma conceituação diferente e, não raro, divergente, da legitimada pela visão oficial da História: *A senhora, Os Infiéis, Peregrinação de Barnabé das Índias* ou *O Feitiço da Índia* exemplificam este paradigma.

Pelos exemplos aduzidos, constatamos que a figuração da História na literatura portuguesa hodierna se apresenta como um portentoso cenário. E porque a verdade é plurívoca, ou multifacetada, inúmeras obras aludem ao Império mostrando a problemática do registo histórico numa vertente (auto)reflexiva, sob a égide de uma focalização heterodoxa. De facto, o romance histórico contemporâneo tende a subverter os emblemas da História e os emblemas de poder que se lhe associam.

Não podemos, todavia, relegar o facto de que a “literatura es una parte inseparable de la totalidad de una cultura y no puede ser estudiada fuera del contexto total de la cultura.”, como sustenta Mikhaïl Bakhtine (2003, p. 362). Adormecidos sobre a fria arca tumular que os acolhe [*si vera fama est...*], as figuras mais emblemáticas da época dos Descobrimentos repousam no silêncio do Mosteiro dos Jerónimos, numa evidência mítica e euforizante que reenvia para o culto e a disseminação do Império expansionista. E traduz o que nos caracteriza, como povo, em busca – permanente – de uma identidade, obrigando-nos a questionar sobre a memória do que fomos, propiciando aos vindouros uma imagem que possibilita uma circumspecta reflexão sobre as ambiguidades da condição humana, sobre o ser que somos e sobre o *ser-no-mundo*.

Referências

Bibliografia ativa

<https://cantigas.fcsh.unl.pt>

Entrevista a António Lobo Antunes. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=S5RHgWnyOFE>

ABELAIRA, Augusto. **Enseada Amena**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1965.

ANTUNES, António Lobo. **As Naus**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.

ANTUNES, António Lobo. **A ordem natural das coisas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**. Lisboa: Publicações Europa-América, 2003.

CAMPOS, Fernando. **A Casa do Pó**. Lisboa: Difel, 1986.

CLÉMENT, Catherine. **A Senhora. Gracia Nasi e a saga dos judeus no século XVI**. São Paulo: Editora 34, 2001.

CONSTÂNCIO, Natália. **Romance de Dom Dinis, El-rey que (nom) fez tudo quanto quis**. Lisboa: Colibri, 2022.

DACOSTA, Fernando. **Os Infiéis**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

LISBOA, Irene. **Esta Cidade!** Lisboa: Presença, 1995^{2ª}.

MOREIRAS, Paulo. **O Ouro dos Corcundas**. Lisboa: Casa das Letras, 2011.

REAL, Miguel. **O Feitiço da Índia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2012.

SARAMAGO, José. **Memorial do Convento**. Lisboa: Editorial Caminho, 1986.

VIEIRA, Pedro Almeida. **O Profeta do Castigo Divino**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005.

Bibliografia passiva

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da Literatura**. Vol. I, Coimbra: Livraria Almedina, 1990.

ARISTÓTELES. **Poética**. Lisboa, INCM, 1994^a [Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa].

ALVES, José Felicidade (apres. e notas). **Conquista de Lisboa aos Mouros em 1147. Carta de um cruzado inglês que participou nos acontecimentos**. Lisboa: Livros Horizonte, 2004^{2ª}.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTINE, Mikhail. **Estética de la creación verbal**. México: Edición Siglo Veintiuno Editores, 2003 [1983].

CASTAGNA, Vanessa. "A representação de Lisboa em As Naus de António Lobo Antunes". **Rassegna Iberistica**. Setembro, 2004, pp. 79-88.

CRESPO, Ángel. **Lisboa Mítica e Literária**. Lisboa, Livros Horizonte, 1990.

DUBY, Georges, & LARDREAU, Guy. **Diálogos sobre a Nova Historia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.

ELAM, Diane. **Romancing the postmodern**. London: Routledge, 1992.

ESPÍRITO SANTO, Arnaldo do. "Os Lusíadas à Luz da Teorização da Epopeia nos Tratados Latinos de Cinquecento". In FRAGA, Maria do Céu, MARTINS, José Cândido de Oliveira, SILVA, João Amadeu de Carvalho da, et. al. **Camões e os contemporâneos**. Braga: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos. Universidade dos Açores. Universidade Católica Portuguesa, 2012, p. 63-74.

FERNANDES, Evelyn Blaut. **A ficção de António Lobo Antunes: da coreografia dos espectros à caligrafia dos afectos**. Tese (Doutoramento). Coimbra: Universidade de Coimbra, 2015.

FERREIRA, Gabriela Semensato. "Linguagem e estrutura na narrativa em As Naus, de António Lobo Antunes". In **Nau Literária**. Vol. 08, N.02 - Jul./Dez. 2012. seer.ufrgs.br/NauLiteraria. ISSN 1981-4526.

FOLEY, Barbara. **Telling the Truth. The Theory and Practice of Documentary Fiction**. Ithaca and London: Cornell University Press, 1986.

GOFF, Jacques le, Le Roy LADURIE, e Georges DUBY. **A Nova História**. Lisboa: Edições 70, 1986.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**: ensinamentos das formas de arte do século XX. Lisboa: Edições 70, 1989 [1985].

KYNDRUP, Morten. **Framing and Fiction, Studies in the Rhetoric of Novel, Interpretation, and History**. Denmark: Aarhus University Press, 1992.

LANCIANI, Giulia. "A Figura Histórica e a Personagem d'Os Lusíadas." In FRAGA, Maria do Céu, In FRAGA, Maria do Céu, MARTINS, José Cândido de Oliveira, SILVA, João Amadeu de Carvalho da, et. al. **Camões e os contemporâneos**. Braga: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos. Universidade dos Açores. Universidade Católica Portuguesa, 2012, p. 75-79.

LOURENÇO, Eduardo. **Nós e a Europa ou as duas razões**. Lisboa: INCM, 1988².

MARINHO, Maria de Fátima. **O Romance Histórico em Portugal**. Porto: Campo das Letras, 1999.

MARTINS, José Cândido de Oliveira, SILVA, João Amadeu de Carvalho da, et. al. **Camões e os contemporâneos**. Braga: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos. Universidade dos Açores. Universidade Católica Portuguesa, 2012, p. 75-79.

NÉLOD, Gilles. **Panorama du roman historique**. Paris: Soc. Gén. D'Éditions, 1969.

NÓBREGA, Luiza. "Camões para o futuro. Excerto de uma teoria sobre a composição d'Os Lusíadas". In FRAGA, Maria do Céu, MARTINS, José Cândido de Oliveira, SILVA, João Amadeu de Carvalho da, et. al. **Camões e os contemporâneos**. Braga: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos. Universidade dos Açores. Universidade Católica Portuguesa, 2012, p. 537-547.

OGRIZEK, Doré. **Le Portugal**. Paris: Éditions Odé, 1950.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. [Tradução de Bocage]. São Paulo: Hedra, 2007.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos sobre língua e literatura portuguesas**. Lisboa: FCG e Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020.

QUADROS, António. **A Ideia de Portugal na Literatura dos Últimos 100 Anos**. Lisboa: Fundação Lusíada, 1989.

ROMMEL, Leonardo von Pfeil. "A desconstrução do imaginário imperialista português no romance As naus, de António Lobo Antunes". **Nau literária**, ano 11, vol. 11-2, jan/jun 2015, pp. 1-10.

PESSOA, Fernando. **Sobre Portugal – Introdução ao Problema Nacional**. (Recolha de textos com introdução organizada por Joel Serrão). Lisboa: Ática, 1979. – 100: [http:// multipessoa.net/labirinto/portugal/14](http://multipessoa.net/labirinto/portugal/14).

REAL, Miguel. **Nova Teoria do Sebastianismo**. S/l: Publicações Dom Quixote, 2014.

RITA, Annabela. “Viagens, Patrimonialidade e Utopia”. In MAIOR, Dionísio Vila (Org.). **Viagens pela Identidade e Utopia**. Lisboa: CLEPUL, 2018, pp. 35-43.

SEIXO, Maria Alzira. “Literatura e História. Poética da descoincidência. Peregrinação de Barnabé das Índias, de Mário Cláudio”. In **Actas do Colóquio Internacional sobre Literatura e História, II**. Porto: Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, 2004, pp. 231-232.

VILLANUEVA, Darío. “Prefacio”. In CARTELLE, Enrique Montero, e INGELMO, Maria Cruz Herrero. **De Virgilio a Umberto Eco. La novela histórica latina contemporánea**. Madrid: Ediciones del Orto. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Huelva, 1994: p. ix-xiii.

WAUGH, Patricia. **Metafiction. The Theory and Practice of Self-Conscious Fiction**. Methuen, London & New York: Routledge, 1984.

WELLEK, René, e Austin WARREN. **Teoria da Literatura**. Tradução de José Palla e Carmo. 5ª Edição. Lisboa: Publicações Europa-América, s/d.

YVANCOS, José María Pozuelo. **Poética de la Ficción**. Madrid: Editorial Sintesis, 1993.

Vol. 01, **Nº 02** (2024)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**

NÃO PERDERÁ SEU PREÇO E SUA VALIA

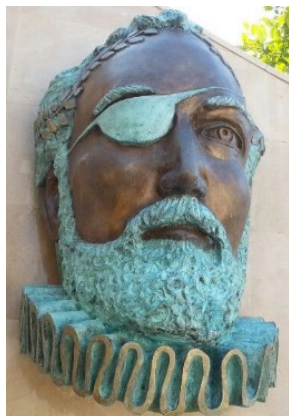
Isabel Ponce de Leão



NÃO PERDERÁ SEU PREÇO E SUA VALIA'

2

IT WILL NOT LOSE ITS PRICE AND ITS VALUE



Francisco Simões, *Parque dos Poetas*, Oeiras, 2013²

Isabel Ponce de Leão³

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1965-0092>

Ciência Vitae: <https://www.cienciavitae.pt/E314-D183-oB42>

RESUMO: No quingentenário do nascimento de Luís de Camões cabe uma reflexão sobre a forma como a sua produção linguística suscita a interação de outras linguagens que o representam e a passos da sua obra.

PALAVRAS-CHAVE: Quingentenário. Camões. diálogos. interartes.

ABSTRACT: In the quingentenary of Luís de Camões's birth, it is appropriate to reflect on the way in which his linguistic production raises the interaction of other languages, which represent him and at the same time as his work.

KEYWORDS: Quingentenary. Camões, dialogues, interarts

O quingentenário do nascimento de Camões convoca uma série de reflexões que concitam todas as artes, um pouco na senda do espírito renascentista que as configura enquanto reações extrínsecas e intrínsecas do ser humano, não ignorando, contudo, fenómenos políticos, sociais, culturais, históricos... locais e mundiais havidos na sua génese. Grande motor do entrecruzamento entre a literatura, as artes e as ciências que, com ele e por ele, continuam a estabelecer um diálogo profícuo, o autor de *Filodemo* atravessa os tempos e desmistifica-se pela força da sua obra.

¹ Luís de Camões, *Os Lusíadas* (V-C).

² Créditos fotográficos - Diana Pinheiro. Livre de direitos autorais.

³ Professora Catedrática da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa. Porto, Portugal. E-mail: ivaz@ufp.edu.pt. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1965-0092>. Ciência Vitae: <https://www.cienciavitae.pt/E314-D183-oB42>

De facto, o mito camoniano é a realidade, ela própria, alimento de projetos, mais ou menos lendários, sustentados por artistas que experimentam o prestígio de Camões, dentro da tese de que toda arte paga alguma espécie de tributo ao Poeta que, mesmo se não nomeado, é sempre convocado pela celebração dos feitos portugueses e pela qualidade da sua produção.

A realidade que foi a vida e que é a obra de Camões instituíram-se matéria que engrossou o caudal da produção erudita e popular no domínio artístico, dentro e fora do mundo lusófono. O referido caudal dá a noção da cultura estética do século camoniano e converte-se em excelente ponto de partida para futuras investigações. Assim, uma heterodoxa estética de sedução óbvia e legítima as relações entre o grande público e a obra camoniana, alimentando o fogo sagrado de Vesta que o panteão de Atena reivindica.

Muito justamente considerado o grande embaixador literário português, tal como o foram Dante em Itália, Cervantes em Espanha, Shakespeare em Inglaterra ou Goethe na Alemanha, para enumerar só alguns, Luís de Camões, pela envergadura de uma obra ímpar, motivou, como atrás referi, artistas de todas as áreas que o invocaram e representaram, ou a passos da sua produção, nas diferentes linguagens.

Ficando por Portugal, penso na literatura e ocorrem-me nomes como os de Bocage (1756-1805), Almeida Garrett (1799-1854), Gomes Leal (1848-1921), ou, mais recentemente, Miguel Torga (1907-1995), Jorge de Sena (1919-1978), Sophia de Mello Breyner (1919-2004), Manuel Alegre (1936), José Valle de Figueiredo (1942), Frederico Lourenço (1963) e Gonçalo M. Tavares (1970) que usam o discurso linguístico para enaltecer o poeta.

A 7.^a arte, através de Leitão de Barros (1946), Paulo Rocha (1998) ou Jorge Carmez (2000), em diferentes perspetivas, traz a público a figura do vate quinhentista, por vezes apoucando o pouco que se sabe da sua vida, mas sempre enaltecendo a sua obra.

Amália Rodrigues, pela mão de Alain Oulman, trouxe-o para a música popular (1965) causando um estridente escândalo. Depois dela, José Mário Branco (1971), Zeca Afonso (1974) e Sérgio Godinho (1986) gravaram álbuns com os seus poemas, e hoje ouvem-se textos camonianos nas vozes de Cristina Branco, Marisa, Amélia Muge ou José Cid. Em qualquer noite de fado, seja ele vadio ou mais erudito, ecoam, em vozes anónimas, as palavras de Camões.

É, contudo, nas artes plásticas – desenhos, pinturas, esculturas – que são mais copiosas as referências ao universo camoniano alicerçadas na faceta sinestésica da vida e da obra do poeta que inspiraram e continuam a gerar trabalhos de relevo.

Presumo que não haja nenhuma cidade em Portugal que não tenha uma

escultura de Camões ou alusiva à sua obra. Por agora apenas refiro os, já canónicos, conjuntos escultóricos *Monumento a Camões* (1867) de Victor Bastos em Lisboa, *Monumento a Luís de Camões* (1881), de António Augusto Gonçalves, em Coimbra, ou *Monumento a Luís de Camões* (1980) de Fernando Marques, em Leiria; a originalidade do *Monumento a Camões* (1981), na pequena Vila de Constância, onde Lagoa Henriques o representa jovem e ainda com os dois olhos; ou a interessantíssima *Ilha dos Amores* (2013) no *Parque dos Poetas* em Oeiras da autoria de Francisco Simões configuram uma escassíssima mostra do muito que foi produzido.

Na pintura lembro os já clássicos *Camões e as Tágides* (1894) de Columbano, *Camões lendo Os Lusíadas* (1929) de António Carneiro, *Retrato de Luís de Camões* (1934) de José Malhoa, *Aparição do Adamastor* de Carlos Reis (1941) ou *Retrato de Camões* (1981) de José Guimarães. Olho as Ilustrações de Lima de Freitas, os guaches de Paulo Ferreira e os desenhos de Júlio Gil na edição referenciada na bibliografia infra; depois os azulejos (1983) de Júlio Pomar (Estação de Metro do Alto dos Moinhos em Lisboa), que também elaborou diferentes retratos de Camões (1984); *Camões, Eis o Homem* (2002) de Luís Vieira Baptista, *Lamento da gaivota à mãe de Vasco da Gama* (2005) de Graça Morais e *Luís Vaz de Camões* (2024) de Jorge Curval, através de técnicas e materiais inovadores, demonstram que o século XXI não postergou a figura que aqui se convoca e que, apesar de certas torpitudes e abusivas interpretações, ela continua a inspirar os lusos desígnios apregoando o inevitável nexos de causalidade entre texto e contexto.

Na senda do seu pregão – “quem não sabe arte não na estima” –, e do cruzamento das linguagens plástica e linguística se urdiram uma série de trabalhos que ocuparam um amplo espaço expositivo na *Cooperativa Árvore*, Porto, onde também se realizaram conferências e visitas de estudo.

Deles me ocupo; são catorze no seu conjunto, que, de forma corajosa e competente, associam o labor plástico ao linguístico de Luís de Camões. Interessantemente, ainda que recuando ao século XVI, refletem novas questões e definem horizontes que desafiam o cânone, quer através dos materiais e técnicas usados – óleo sobre tela, serradura, papelão, metal, madeira, acrílico sobre tela, técnica mista sobre tela, gesso, bronze, mármore, material biológico –, quer das formas e da perspetiva crítica em feição de comentário, mas sempre respeitando o Poeta, e chamando assim a atenção para o seu papel na sociedade portuguesa hodierna.

Eis as imagens das legendas camonianas ou a escrita camoniana legendada pelas imagens, como se queira; importa sim a consciência da interação e completude das linguagens na forma aglutinadora como formatam a mensagem tendente à perpetuação do poeta.

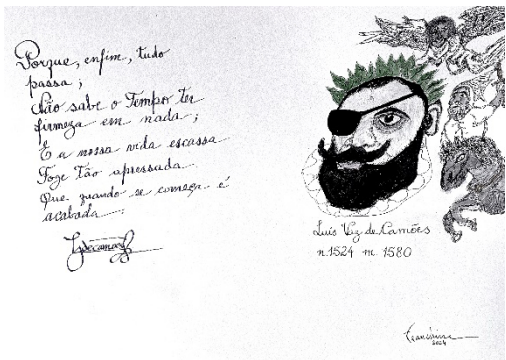


Afonso Pinhão Ferreira, Do Carmo Vieira, Filipe Rodrigues, Humberto Nelson, Isabel Alves, Nuno Ferreira e Susana Bravo leram atentamente passos de *Os Lusíadas*, deles fazendo o seu ponto de partida e de chegada; Carlos Silva, Evelina Oliveira, Francisco Simões, Hélder Carvalho e Jorge Marinho preferiram o soneto do “doce estilo novo”; António Franchini opta pela obra de influência greco-latina; José Emídio não esquece como tudo começou deixando-se seduzir pela medida velha ao sabor das redondilhas. Todos, sem exceção, dão conta da imensa proporção do maior autor de Língua Portuguesa. Percorro, por ordem alfabética, textos e paratextos.

Afonso Pinhão Ferreira, em *Camões a salvar a língua* (escultura em bronze, 140x50x35, 2024) plastifica um hino à língua portuguesa; a lenda presentifica-se quer na visível proteção das sereias, Vênus por metonímia, quer no esforço salvífico do manuscrito, claro manifesto da pureza e da dimensão da portugalidade; o vate não está só antes coadjuvado pela parafernália mítica sugerida pelo texto linguístico; o artista persegue a ordenação estética dos elementos fantásticos expressando a sua força em termos simbólicos. Trata-se de uma narrativa alegórica, herança greco-romana, aqui garante da identidade cultural, de que Hieronymus Bosch (1450-1516) e Sandro Botticelli (1455-1510) foram expoentes máximos.

	Sustentava contra ele Vênus bela, Afeiçoada à gente Lusitana, Por quantas qualidades via nela Da antiga tão amada sua romana; Nos fortes corações, na grande estrela, Que mostraram na terra tingitana, E na língua, na qual quando imagina, Com pouca corrupção crê que é a latina. (I, XXXIII) (...) Este receberá, plácido e brando, No seu regaço o Canto que molhado Vêm do naufrágio triste e miserando, Dos procelosos baixos escapados, Das fomes, dos perigos grandes, quando Será o injusto mando executado Naquele cuja Lira sonora Será mais afamada que ditosa (X, CXXVII) (Luís de Camões, <i>Os Lusíadas</i>. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo, 1980, pp. 17 e 341)
---	---

A *Ode XIII* inspirou António Franchini (desenho s/t, caneta, grafite s/ papel Canson 300g/m2, 29,7X42, 2024) na aproximação ao tema clássico da relatividade e da fugacidade da vida, preconizado por Zenão (sec. V, a.C.) e Horácio (sec. I, a. C.), com ecos nos nossos Sá de Miranda (1481-1558) e Ricardo Reis (1913-1936) entre muitos outros. Camões toma a mesma preocupação / constatação e, em clima de aquiescência, olha a inevitabilidade da morte. O artista plástico, em jeito quase *naïf*, recupera a tipicidade dos motivos camonianos do retrato e, usando de uma caligrafia consentânea, acrescecenta-lhe seres antropomórficos, num contraste claro / escuro, inscritos no domínio do fantástico. Lenda e realidade interagem no inexurável destino.

	(...) Porque, enfim, tudo passa; não sabe o tempo ter firmeza em nada; e nossa vida escassa foge tão apressada que, quando se começa, é acabada. (...) Luís de Camões, <i>Lírica II</i>. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo, 1980, p. 130.
--	---

O dia em que nasci moura e pereça, primeiro verso de um soneto de Camões e título da obra de Carlos Silva (acrílico sobre tela, 70X90, 2024), recupera, pelo figurativismo, todos os motivos com que Camões blasfema o dia do seu nascimento. Os elementos – água, ar, fogo e terra – em guerra encenam o terrífico e o maldito na configuração de um espaço fantasmagórico, a que a espuma branca do mar confere um movimento pressagiador de desgraças. O infortúnio de uma vida de tempestades e naufrágios, amores e desamores está vertido na capacidade policromática evocadora belo horrível. A (con)fusão das cores encerra o dramatismo de uma vida embarcada nas frágeis caravelas quinhentistas, que legou obra de monta.

	O dia em que nasci moura e pereça, Não o queira jamais o tempo dar; Não torne mais ao mundo, e, se tornar, Eclipse nesse passo o Sol padeça. A luz lhe falte, O Sol se lhe escureça, Mostre o mundo sinais de se acabar, Nasçam-lhe monstros, sangue chova o ar, A mãe ao próprio filho não conheça. As pessoas pasmadas, de ignorantes, As lágrimas no rosto, a cor perdida, Cuidem que o mundo já se destruiu. Ó gente temerosa, não te espantes, Que este dia deitou ao Mundo a vida Mais desgraçada que jamais se viu! Luís de Camões, <i>Lírica I</i>. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo, 1980, p. 259.
---	---

Do Carmo Vieira, há muito considerada exímia retratista, traz um *Luís de Camões* (pintura, acrílico e folha de ouro sobre lona, 158X132, 2024) convicto do que deve e a quem se deve. Partindo do retrato tradicional, encontra na folha de ouro a valorização do vate quinhentista que oferece os seus préstimos ao Rei para lutar e cantar os feitos gloriosos de um povo. Tal canto sobrepor-se-á aos de Horácio ou Vergílio porque eternizará o homem português, metonimicamente chamado “o peito ilustre Lusitano”, aqui vertido na Cruz da Ordem de Cristo, na coroa de louros, símbolo da vitória, na expressão confiante do retratado e na suavidade cromática que, conjugando o branco divino com o castanho térreo, se eleva pela nobreza do ouro ao domínio da espiritualidade.

	Pera servir-vos, braço às armas feito, Pera cantar-vos, mente às Musas dada; Só me falece ser a vós aceito, De quem virtude deve ser prezada. Se me isto o Céu concede, e o vosso peito Dina empresa tomar de ser cantada, Como a pressaga mente vaticina Olhando a vossa inclinação divina, (X, CLV) Ou fazendo que, mais que a de Medusa, A vista vossa tema o monte Atlante, Ou rompendo nos campos de Ampelusa Os muros de Marrocos e Trudante, A minha já estimada e leda Musa Fico que em todo o mundo de vós cante, De sorte que Alexandro em vós se veja, Sem à dita de Aquiles ter enveja. (X, CLVI) Luís de Camões, <i>Os Lusíadas</i>. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo, 1980, p. 350
---	--

Que o amor é um dos veios matriciais da poética camoniana prova-o também Evelina Oliveira em *Esse áspero desprezo com que olhais* (acrílico e pastel s/tela, 100X50, 2024). Materializando o retrato petrarquista da amada e as suas contradições, interpreta os traços hiperbólicos do texto linguístico, envolvendo o amador numa neblina que carrega a incerteza de sentimentos também insinuada no azul gélido da indiferença. Na senda aristotélica, demonstra que a ideia demanda a forma usando de um simbolismo figurativo.



Vossos olhos, Senhora, que competem
Com o sol em beleza e claridade,
Enchem os meus de tal suavidade,
Que em lágrimas de vê-los se derretem.

Meus sentidos prostrados se submetem
Assi cegos a tanta majestade;
E da triste prisão, da escuridade,
Cheios de medo, por fugir, remetem.

Porém se então me vedes por acerto,
Esse áspero desprezo com que olhais
Me torna a animar a alma enfraquecida.

Oh gentil cura! Oh estranho desconcerto!
Que dareis com um favor que vós não dais,
Quando com hum desprezo me dais vida?

Luís de Camões, *Lírica I*. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo, 1980, p. 190.

Filipe Rodrigues, em *O Adamastor e os amores na ilha* (acrílico sobre tela, 70X100, 2024), opta por uma pintura narrativa que materializa o passado. Sob a figura canónica e tutelar de Camões, há uma história de tormentas e deleites. Os perigos da viagem, configurados num qualquer Adamastor, encontram, numa ilha de sensualidade e afetos, a sua panaceia. Planos mítico e humano imbricam-se num figurativismo alegórico que interpela e desafia o momento atual, questionando a condição humana e a sua história, de forma mais misteriosa do que dramática como sugerem as opções cromáticas.



Contar-te longamente as perigosas
Coisas do mar, que os homens não entendem,
(V,XVI)

Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura;
O rosto carregado, a barba esquelada,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a cor terrena e pálida;
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.
(V, XXXIX-XL)

Enfim, com mil deleites não vulgares,
Os esperam as Ninfas amorosas,
De amor feridas, para lhes entregarem
Quanto delas os olhos cobiçarem.
(IX, XLI)

Oh! Que famintos beijos na floresta,
E que mimoso choro que soava!
Que afagos tão suaves, que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passam na manhã e na sesta,
Que Vénus com prazeres inflamava,
Melhor é exprimentá-lo que julgá-lo;
Mas julgue-o quem não pode exprimentá-lo.
(IX, LXXXIII)

Luís de Camões, *Os Lusíadas*. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo, 1980, pp. 159, 165, 288 e 301.

O rigor do soneto de matriz petrarquista, a frieza, a altivez, a crueza e a indiferença da mulher amada têm em *Esquiva* (Escultura ónix rosa da Turquia, 47X17X12, 2024) de Francisco Simões a sua materialização. Contradições e sofrimentos amorosos plasmam-se no frio da pedra de onde surge, imponente e imperturbável, o objeto de desejo num jogo de esconde-esconde em que a ausência de rosto nutre a expectativa de uma perfeição distante e ausente. A beleza física, dita perfeição, da amada opõe-se ao turbilhão dos atributos espirituais causadores de sofrimento. Esbelta, sublime, mas enigmática porque esquiva e imperturbável ainda mesmo que a opção pela cor rosa com várias tonalidades não oblitere estratégias de sedução.



Se, como em tudo o mais fostes perfeita,
Fôreis de condição menos esquiua,
Fora a minha fortuna mais altiva,
Fora a sua altiveza mais sujeita;

Mas, quando a vida a vossos pés se deita,
Porque não a aceitais, não quer que eu viva;
Ela própria de si já a mim me priva;
Que, porque me enjeitais, também me enjeita.

Se nisso contradiz vossa vontade,
Mandai-lhe vós, Senhora, que dê fim
À minha profundíssima tristeza,

Pois ela não mo dá porque piedade
Tenha deste meu mal, mas porque em mim
Possais assim fartar vossa crueza.

Luís de Camões, *Lírica I*. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo, 1980, p. 197.

Hélder Carvalho em *Luís Vaz de Camões* (arquivo histórico nº 33707: PT/MRP/LVC, caixa em madeira com enchimento de papelão e fitas de serradura, busto em gesso branco, 49X62X55, 2024) traz o poeta para a pós-modernidade numa instalação com diferentes e inovadores materiais onde repousa o busto canónico de Camões. Apelando à reciclagem num planeta ameaçado, de forma eclética e diversa, usa da arte conceptual para figurar a morte física / espiritual ocorrida naquela “triste e leda madrugada”. Catarina de Ataíde, Dinamene, Bárbara, pouco importa. O fâcies desalentado do poeta, descansando em materiais menos nobres, insinua, num tom hiperbólico e antitético, a dimensão do sofrimento.



Aquela triste e leda madrugada,
Cheia toda de mágoa e de piedade,
Enquanto houver no mundo saudade
Quero que seja sempre celebrada.

Ela só, quando amena e marchetada
Saía, dando ao mundo claridade,
Viu apartar-se de uma outra vontade,
Que nunca poderá ver-se apartada.

Ela só viu as lágrimas em fio,
Que de uns e de outros olhos derivadas,
Juntando-se, formaram e largo rio.

Ela ouviu as palavras magoadas
Que puderam tornar o fogo frio,
E dar descanso às almas condenadas.

Luís de Camões, *Lírica I*. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo, 1980, p. 167.

Parece-me haver duas preocupações evidentes em *Luís de Camões* (gesso a partir de molde respigado e grãos de café, 16X9X11/X3, 2024) de Humberto Nelson que correspondem ao estudo, à experiência e ao engenho que Camões reivindica para si próprio. A multiplicação de pequenos bustos e os grãos aromatizantes de café reclamam a universalidade e a atualidade do poeta sugerindo a longa viagem em que bordejou costas africanas. Apelando aos sentidos, sobretudo à vista e ao olfato, o artista descobre uma preocupação ecológica ao utilizar material biodegradável e, numa linha pós-colonialista, na senda de *Orientalismo* de Edward Said, reabilita valores da africanidade.

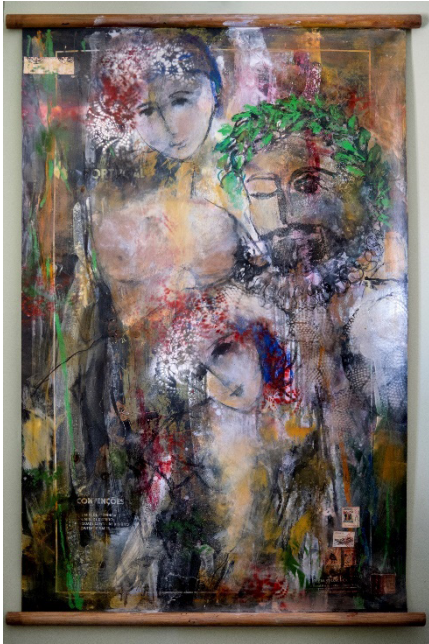


Mas eu que falo, humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei, contudo,
Que o louvor sai às vezes acabado.
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiência misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.

(X, CLIV)

Luís de Camões, *Os Lusíadas*. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo, 1980, p. 350

Em *EVós, Tágides Minhas* (técnica mista, colagem, s/napa, 120X80, 2024), de Isabel Alves, há uma matriz mítico-alegórica, conducente a uma imagística simbólica, que é dada por uma pessoalíssima linguagem a que se associa uma convicta expressão pessoal. Sendo a mulher um dos motivos recorrentes, da artista, a sua relação com a Invocação de *Os Lusíadas* projeta-a numa dimensão mítica. Viagem da memória através dos tempos e dos sonhos presentificada em ténues desfigurações a que a diversidade cromática impõe a força de uma crença. Camões sempre presente, envolto no verde da esperança que, sabemos hoje, foi bem ouvido e atendido pelas ninfas do Tejo.



E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mim um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mim vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandiloquo e corrente,
Por que de vossas águas, Febo ordene
Que não tenham inveja às de Hipocrene.

Dai-me uma fúria grande e sonora,
E não de agreste avena ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe e se cante no Universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.

(I, IV-V)

Luís de Camões, *Os Lusíadas*. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo, 1980, p.10.

A conflitualidade é marca distintiva de *O canto do cisne* (mista s/tela, 100X80, 2024) de Jorge Marinho. Dada pelo vermelho sangue, que cobre o cisne e parte do menino cupido, insinua a morte de um sonho, de forma quase perturbadora, pelo contraste estabelecido com as restantes cores usadas. Na tela dividida, há amores e desamores, dores carentes de panaceias, a tragédia humana dos desencontros que nem a ironia alivia. Afinal, toda uma simbólica de afetos em traços impressionistas, num processo narrativo indiciador de morte. Canto porque vou morrer, ou canto porque o amor me mata? A resposta é, felizmente, inconclusiva. A morte, não.



O cisne, quando sente ser chegada
A hora que põe termo a sua vida,
Harmonia maior, com voz sentida,
Levanta pela praia inabitada.

Deseja lograr vida prolongada
E dela está chorando a despedida;
Com grande saudade da partida,
Celebra o triste fim desta jornada.

Assim, Senhora minha, quando via
O triste fim que davam meus amores,
Estando posto já no extremo fio,

Com mais suave acento de harmonia
Descantei pelos vossos desfavores
La vuestra falsa fé, y el amor mio.

Luís de Camões, *Lírica I*. Edição Comemorativa do IV
Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo, 1980, p. 211.

A simplicidade, ingenuidade e frescura da donzela portuguesa que outrora protagonizava a poesia trovadoresca são agora recuperadas num vilancete de Camões e em Leanor (acrílico s/tela, 150X160, 2024) de José Emídio. Rituais do quotidiano implicam um revivalismo dado pelo traço simbolista do artista que, mesmo assim, não escamoteia pormenores do texto linguístico como a bilha e o tímido toque escarlata. Ao fundo, verdes e azuis contornam a figura feminina na expressão correta de um mundo idílico, sempre em movimento; augura-se o desequilíbrio insinuado na beleza hiperbólica conferida a Leanor. Camões alertou, José Emídio corroborou a ideia estética da insegurança. A beleza, essa, é desmedida.



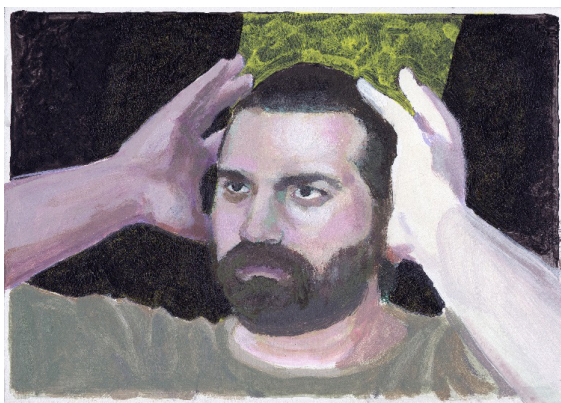
Mote
Descalça vai para a fonte
Leonor pela verdura;
Vai formosa, e não segura.

Voltas
 Leva na cabeça o pote,
 O testo nas mãos de prata,
 Cinta de fina escarlata,
 Sainho de chamalote;
 Traz a vasquinha de cote,
 Mais branca que a neve pura.
 Vai formosa e não segura.

Descobre a touca a garganta,
 Cabelos de ouro entrançado
 Fita de cor de encarnado,
 Tão linda que o mundo espanta;
 Chove nela graça tanta,
 Que dá graça à formosura.
 Vai formosa, e não segura.

Luís de Camões, *Lírica I*. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo, 1980, p.122.

Nuno Ferreira, em *Marte* (acrílico em MDF e pinho, 14,8X21X2, 2024) recupera o tom ameaçador do apaixonado de Vénus na intransigente defesa dos portugueses. O retrato mítico-alegórico expressa orgulho, estatuto e segurança na capacidade persuasiva; a captura da intimidade é envolvida num tenebrismo à Caravaggio; os traços, esses, insinuam um realismo comprometido com a causa. Corta a dureza e a intransigência da figura humana a “viseira do elmo de diamante” recentrando-a no plano mitológico.



Mas Marte, que da Deusa sustentava
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia,
De entre os Deuses em pé se levantava:
(Merencório no gesto parecia),
O forte escudo, ao colo pendurado,
Deitando para trás, medonho e irado,

A viseira do elmo de diamante
Alevantando um pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer se pôs diante
De Júpter, armado, forte e duro:

(...)

(I, XXXVI-XXXVII)

Luís de Camões, *Os Lusíadas*. Edição Comemorativa
do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo,
1980, p. 20.

Perseguindo uma outra forma de dizer Pedro, Susana Bravo em *O nome que no peito escrito tinhas* (técnica mista s/tela, 100x100, 2024) mostra que as pausas líricas, enquanto comunhão de sentimentos humanos, valem tanto quanto a narrativa épica em *Os Lusíadas*. Tomando o, local e globalmente, célebre e celebrado, episódio de Inês de Castro dá conta dos infelizes amores que ainda hoje comovem as pedras das calçadas da Coimbra de antanho. Dois mundos cortados pelo verde de uma aparente esperança a que se irá sobrepor a tragédia sugerida nos apontamentos rúbidos. Toda uma simbologia idílica conducente à morte. Naufrágios de afetos em barcos de papel no mar da vida.



Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruto,
Naquele engano da alma, ledos e cegos,
Que a fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

(III, CXX)

Luís de Camões, *Os Lusíadas*. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo, 1980, p. 112.

Destarte, aqui chegada, poderei afirmar que alguns destes trabalhos e respetivos autores se distanciaram do Modernismo de Greenberg e, abraçando a *Land Art* ou a *Pop Art*, exploraram a arte para além das técnicas tradicionais numa diversidade de meios, sentidos e contextos pós-modernos. Outros, não se alheando da pós-modernidade optaram por legados de continuidade, sobretudo na seleção dos materiais e das técnicas, mas também dos motivos, usando a arte como mensagem e não desdenhando a *Arte Conceptual*, o *Neofigurativismo* ou o *Neoexpressionismo*. Esta pluralidade conduz ao revivalismo da arte expressa em novas e renovadas configurações. Não há regras nem limites que a restrinjam. É uma espécie do saudável “vale tudo” que aqui e agora, na senda de George Dickie e da *Teoria Institucional da Arte*, sabe traduzir emoções individuais e coletivas em torno de uma figura ímpar da cultura portuguesa evocadora da história de um povo.

Para Camões, que nunca “perderá seu preço e sua valia” (Camões 1980: I: 182) também tudo valeu daí a sua atualidade. Que o vate de *Os Lusíadas* possa prescindir de nós, é consensual, mas que nós tenhamos o dever / prazer de o convocar para o século XXI e de alardear, junto dos mais distraídos, tudo quanto fez pela Pátria e pela Língua Portuguesa, é uma obrigação.

Estes trabalhos refletem-no, refletindo, concomitantemente, que as artes estão ao serviço umas das outras com as suas semelhança e diferenças, ainda que mantenham capacidades idiossincráticas na perseguição de um objetivo único. Porque “quem não sabe arte, não na estima” (Camões 1980: I: 181)

Referências

18

CAMÕES, Luís.. **Obras Completas**. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta, IV vols. Lisboa: Verbo, 1980.

RIO NOVO, Isabel. (2024). **Fortuna, caso tempo e sorte**. Porto: Contraponto, 2024.

SILVA, Vitor Aguiar e (coord.). **Dicionário de Luís de Camões**. Lisboa: Editorial Caminho, 2011.

TELES, Gilberto Mendonça. **O Mito Camoniano**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2012.

Submetido: 01/07/2024

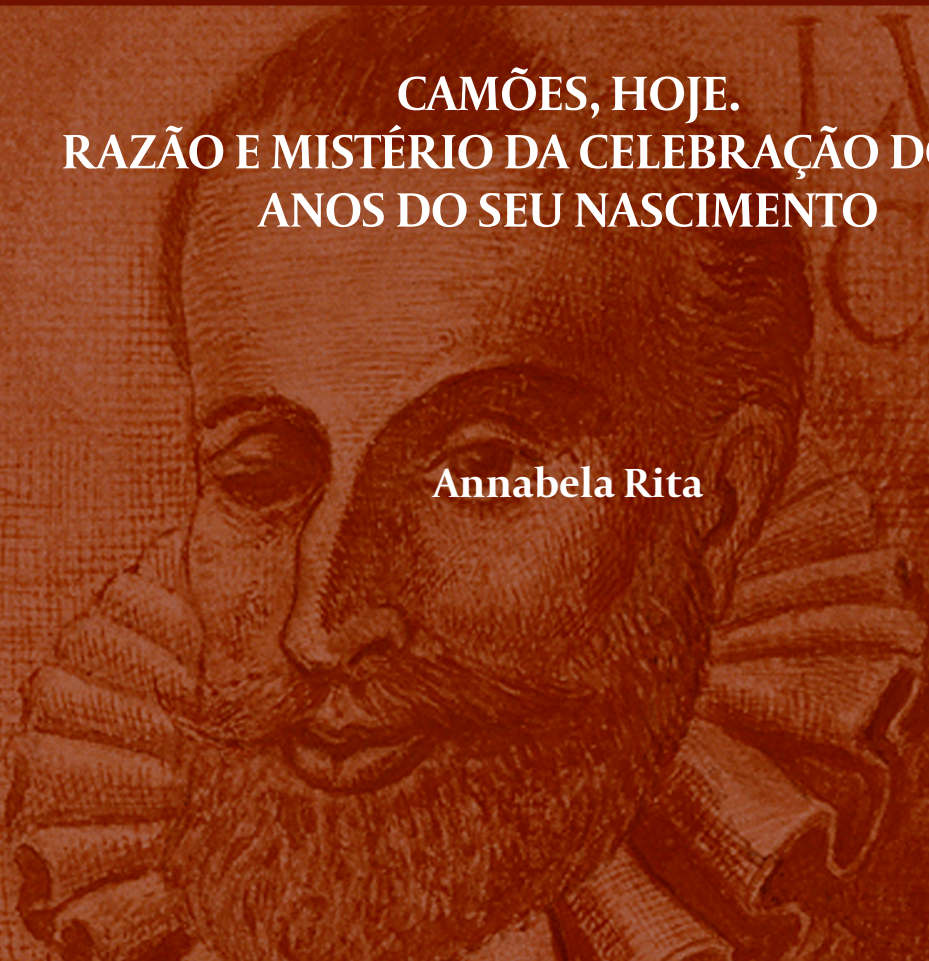
Aceito: 27/08/2024

Vol. 01, **Nº 02** (2024)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**

CAMÕES, HOJE.
RAZÃO E MISTÉRIO DA CELEBRAÇÃO DOS 500
ANOS DO SEU NASCIMENTO

Annabela Rita



CAMÕES, HOJE.
RAZÃO E MISTÉRIO DA CELEBRAÇÃO DOS 500 ANOS DO SEU NASCIMENTO

CAMÕES, TODAY.
REASON AND MYSTERY OF THE CELEBRATION OF THE 500TH ANNIVERSARY OF HIS BIRTH

Annabela Rita¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1541-3006>

Ciência Vitae: <https://www.cienciavitae.pt/9313-DC1B-A42D>

RESUMO: É objectivo deste trabalho enumerar alguns factores que justificam a celebração dos 500 anos do nascimento de Luís de Camões, observando o modo como ele se foi tornando, progressivamente, o símbolo da identidade nacional portuguesa. Do reconhecimento da sua representatividade estética e existencial até à sua construção no quadro da laicização cultural positivista, alguns marcos mais destacados serão evocados.

PALAVRAS-CHAVE: Luís de Camões. Centenário. Cânone literário. Identidade nacional. Portugal.

ABSTRACT: The aim of this work is to enumerate some factors that justify the celebration of the 500th anniversary of the birth of Luís de Camões, observing the way in which he gradually became the symbol of portuguese national identity. From the recognition of its aesthetic and existential representation to its construction within the framework of positivist cultural secularization, some more prominent landmarks will be evoked.

KEY WORDS: Luís de Camões. Centenary. Literary canon. National identity. Portugal.

*Os olhos turvos para o céu levanta,
e já no arranco extremo: – “Pátria, ao menos
juntos morremos...” E expirou co'a pátria.*

Almeida Garrett. *Camões* (1825)

*Brônzeo, monumental, de proporções guerreiras,
Um épico doutro ascende, num pilar!*

Cesário Verde. “O Sentimento dum Ocidental” (1880)

¹ Possui doutorado em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1995), Agregação (2010) e 2 pós-doutoramentos sobre o Cânone Literário (2014 e 2017). Atualmente é professora aposentada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigadora integrada do Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta. E-mail: annabela.rita@gmail.com. Ciência Vitae: <https://www.cienciavitae.pt/9313-DC1B-A42D>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1541-3006>

Se a primeira epígrafe nos fala do homem, a segundo, claramente, descreve o monumento que lhe é dedicado. Mas ambas são *representações* de Camões, leituras e leituras de leituras...

Comecemos pela segunda.

No Largo Camões, em Lisboa, ergue-se o monumento ao poeta que lhe dá o nome: o vate em bronze de 4 metros coroadado de louros e com uma capa pelas costas, a mão direita empunhando a espada caída e a esquerda agarrando a si *Os Lusíadas*. Em torno do pedestal de mármore branco de 7,5m de altura, 8 estátuas, de pedra de lioz, de 2,40m de altura, representam notáveis da cultura, das letras e da ciência dos sécs. XVI e XVII: os cronistas Fernão Lopes, Gomes Eanes de Azurara, João de Barros e Fernão Lopes de Castanheda, o cosmógrafo Pedro Nunes e os poetas Vasco Mouzinho de Quevedo, Jerónimo Corte-Real e Francisco de Sá de Meneses. O conjunto é da autoria do escultor Victor Bastos (1860, inaugurado em 1867, como a praça, e celebrado em 1880), foi pago por subscrição pública (foram trinta e oito contos), preparando as comemorações do terceiro centenário da morte de Camões (1880), promovidas por Teófilo Braga com o apoio de João de Deus, Antero de Quental, Oliveira Martins e Ramalho Ortigão.²

Contrapontisticamente na geografia e na faixa etária e social, em Coimbra, os Estudantes da Universidade de Coimbra promoveram, em 8/Maio/1881, o monumento de homenagem homóloga da autoria de António Augusto Gonçalves: uma coluna encimada por uma coroa de louro em bronze sobre um pedestal e com uma estátua de leão em bronze com a cabeça levantada simboliza o rei dos Poetas, elevando a fasquia do título habitual de “Príncipe”. Inaugurado em 8/Maio/1881, próximo da Porta Férrea, foi desmontado em 1948 e foi reerguido em 1983 na Rua do Arco da Traição, tendo sido novamente transferido para a Av. Sá da Bandeira (faixa central) em 2005.

Passemos à primeira epígrafe.

Segundo o Visconde de Juromenha, o “Príncipe dos Poetas” teria falecido em 10 de Junho de 1580, de acordo com um documento sobre a concessão da pensão à Mãe pela sua morte. Sendo uma data mais comprovada e encerrando o ciclo de vida e obra da personalidade (razão das efemérides), será ela que será celebrada, trabalhada, evocada.

² Mário COSTA. *O Chiado pitoresco e elegante, Histórias, Figuras, Usos e Costumes*. Lisboa, Câmara Municipal Lisboa, 1987, pp. 68-70.

O século XIX, dominado pelos ideais positivistas de progresso, pela decadência das grandes dinastias reinantes e pelo anticlericalismo, é o da reconfiguração do calendário celebratório para que “o Povo se mire”: não já o religioso, mas o das figuras representativas da “caminhada da Humanidade” na senda do “progresso”³. Como diz Garrett na sua “Memória ao Conservatório Real”,

«Este é um século democrático: tudo o que se fizer há-de ser pelo povo e com o povo...ou não se faz. [...] Os poetas fizeram-se cidadãos, tomaram parte na cousa pública como sua; querem ir, como Eurípides e Sófocles, solicitar na praça os sufrágios populares, não como Horácio e Vergílio, cortejar no paço as simpatias de reais corações.”⁴

Esse é um claro sintoma do “désenchantement du monde” (Max Weber, Marcel Gauchet), ou seja, da progressiva laicização do imaginário, buscando nos homens e nos factos a legitimação de uma existência e de uma identidade comunitárias (Benedict Anderson) até então atribuída ao divino, à sua vontade e a uma nova aliança (mito de Ourique). É esse o enquadramento dos centenários, “sínteses afectivas nas sociedades modernas”, de acordo com Teófilo Braga⁵.

E, se a data da morte de Camões (10/Junho/1580) é a data logicamente comemorada (a única comprovada e como o ciclo da vida e da obra completo), a verdade é que ela será reforçada pela identificação entre Camões e Portugal (e, em 1952, pelo culto do Anjo Custódio de Portugal⁶): fundirá definitivamente o destino do poeta e da pátria (derrotada em Alcácer Quibir, 1578), irmanados na tragédia e na inicial (Poeta, Portugal, Pátria) maiúsculadas, na dramática representação garrettiana que epigrafa este texto e que informa *A Morte de Camões* (1824), de Domingos Sequeira, distinguida no *Salon* de Paris com a Medalha de Ouro. Uma dupla tragédia que Guerra Junqueiro envolve no sudário de *A Pátria* (1896), réquiem pel’ “a ditosa pátria minha amada” que em crístico Doido se simboliza, esse “gigante”-Génio- “[outrora] Arcanjo refulgente” “[r]ôto, cadavérico, longa barba esqualida, olhos profundos de alucinado” (Guerra Junqueiro) emergindo em grito-choro “contra a [tempestuosa] noite do Destino” que reúne Junqueiro e Gomes Leal...

³ O Calendário positivista (Auguste Comte, 1849), com os meses nomeados em memória de figuras históricas (Homero, Aristóteles, Arquimedes, Júlio César, São Paulo, Carlos Magno, Dante, Gutenberg, Shakespeare, Descartes, Frederico II, Bichat) e referindo mais de 364 personagens que contribuíram na construção da civilização ocidental, de modo a desenvolver a consciência e sentimento de continuidade histórica (Cf. <http://positivists.org/calendar.html>).

⁴ Almeida Garrett. *Frei Luís de Sousa*, Porto, Liv. Civilização Editora, 1987, p. 26.

⁵ Teófilo Braga. *Os centenários como synthese affectiva nas sociedades modernas*, Lisboa, Typ. de A.J. da Silva Teixeira, 1884.

⁶ A pedido do rei D. Manuel I de Portugal, o Papa Júlio II instituiu em 1504 a festa do “Anjo Custódio do Reino”, oficializando um culto tradicional português. Depois de algumas vicissitudes, o culto seria restaurado em 1952 e inserido no Calendário Litúrgico português pelo Papa Pio XII, para comemorar o Dia de Portugal no 10 de Junho.

Mais ainda: *Os Lusíadas* beneficiarão da identificação entre autor-comunidade, livro, mito e símbolo que o Romantismo promove e se espelha na declaração garrettiana “Primeiro que tudo, a minha obra é um símbolo ... é um mito /...”⁷ no início das *Viagens na Minha Terra* (1946), ostentada num dos 13 painéis de azulejos de 1996 de Lima de Freitas, Estação Ferroviária do Rossio, em Lisboa.

Por isso, Eduardo Lourenço afirmará no seu discurso das comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas (Leiria, 1980):

“É inegável que **a osmose e a identificação entre o Poeta e o Livro, entre o Livro e a consciência nacional** é não só um facto, mas o facto capital da nossa Cultura. Se o não fosse, não estávamos aqui, reunidos colectivamente em volta de Camões, refazendo neste templo de prodígios siderais, uma nova versão dos painéis de Nuno Gonçalves.”⁸

Sendo, pois, Camões celebrado desde o seu tempo⁹, a verdade é que o Tricentenário foi uma efeméride marcante quer para o projecto da reconfiguração da identidade nacional, quer para o da memória camonianiana. Valerá apenas recordar alguns factos.

Em 1879, **Joaquim de Vasconcelos** propôs a comemoração do **Tricentenário da morte de Camões** na **Sociedade de Geografia de Lisboa**, em janeiro de 1880, **Teófilo Braga** colocou o tema na ordem do dia (com a série de textos “*O Centenário de Camões em 1880*”, no jornal *Comércio de Portugal* (8, 9 e 10/Jan./1880) e, em Abril, criou-se uma comissão para a organizar, com destaque para **J. C. Rodrigues da Costa**, **Eduardo Coelho**, **Sebastião de Magalhães Lima**, **Teófilo Braga**, **Ramalho Ortigão**, **Jaime Batalha Reis**, **Luciano Cordeiro**, **Rodrigo Afonso Pequito**.¹⁰ Como diz Carlos Cunha,

“Os textos escritos por Teófilo aquando do Tricentenário, reunidos no significativo *Camões e o Sentimento Nacional* (1891), apresentam Camões como patrono cívico da ressurreição da pátria, uma espécie de santo padroeiro do culto da Humanidade. No contexto da “síntese afectiva” (moral e estética), Teófilo integra Camões no quadro da sua Teoria dos Grandes Homens, que foram os que fizeram prevalecer os valores religiosos e espirituais sobre o arbítrio do poder temporal. A comemoração dos grandes homens é assim uma espécie de “hagiografia laica”, a celebração das figuras mais

⁷ Almeida Garrett. *Viagens na Minha Terra*. In: *Obra completa*. Porto, Lello & Irmão, 1966. p. 16.

⁸ Cf. <https://leduardolourenco.blogspot.com/2011/06/dia-de-camoes.html>. Negritos meus.

⁹ Cf. <http://www.luisdecamoes.pt/p/efemerides.html>.

¹⁰ Cf. Teófilo Braga, *História das Ideias Republicanas em Portugal*, Lisboa, Vega, 1983, p. 163-164. Alexandre Cabral, *Notas Oitocentistas – I*, Lisboa, Livros Horizonte, 1980, p. 63.

representativas do progresso humano nas diversas épocas históricas, para dar a conhecer ao povo português um passado glorioso e revigorá-lo nas suas tradições, para dar coesão e unidade à consciência e ao sentimento nacionais.”¹¹

Camões como símbolo da comunidade marcada pela oscilação entre luzes e sombras, épica e tragédia, e o dia 10 de Junho de 1880 como “o começo de uma era nova” da “democracia portuguesa”¹²... numa Europa de circunstâncias cada vez mais favoráveis à ocorrência do *Ultimatum* inglês (1890) e onde Portugal, do desalento d’*O Desterrado* (1972), de Soares dos Reis, parece agigantar-se, agonicamente, como “povo (de) suicida(s)” (Miguel de Unamuno, Manuel Laranjeira) pelo gesto de intelectuais marcantes (Antero de Quental, Camilo Castelo Branco, Mouzinho de Albuquerque, Soares dos Reis, Júlio César Machado, Silva Porto, Manuel Laranjeira...).

No tricentenário¹³, em 1880, foi apoteótica a trasladação dos restos mortais dos 2 heróis, Vasco da Gama e Luís de Camões (os deste dispersos pelo terramoto de 1755), o novo Ulisses e o novo Homero, o nauta e o seu cantor (na expressão de Guilherme d’Azevedo, 1880¹⁴), através do Tejo, conduzindo a população aos Jerónimos, templo dos Descobrimentos, e colocando-os lado a lado, como reporta, dentre outras, a revista *O Ocidente* (N.º 60, de 15/Jun./1880)¹⁵. Foi o decisivo enlace da identidade nacional através da viagem além-mar unindo Ocidente e Oriente, viagem ultrapassando as velhas Argonáuticas e Odisseias. Dominava o sentimento de que a Europa estava com olhos postos nessas festas.

As representações de Luís de Camões variam entre o grande Poeta, “o novo santo de Lisboa”¹⁶, o Génio trágico d’*A Fome de Camões* (1880), de Gomes Leal, o naufrago “salvando um livro a nado” (“O Sentimento dum Ocidental”, 1880), de Cesário Verde. Cruzam-se e convivem com a memória comunitária as diversas perspectivas da elite literária, por vezes, inspirada nas *petrarquistas italianas* (1874) e nas *homenagens francesas aos “génios do século”* (Voltaire, Rousseau, Diderot, d’Alembert, Condillac e Adam Smith).

11 Cf. Carlos Cunha. “III Centenário da morte de Camões (1880)”, p. 3 [https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/17069/4/III%20Centen%C3%A1rio%20da%20morte%20de%20Cam%C3%B5es%20%281880%29.pdf]

12 Teófilo Braga. *Camões e o Sentimento Nacional*, Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1891, 275-8.

13 A mais importante do ciclo que Maria Isabel João analisa em *Memória e império. Comemorações em Portugal: 1880-1960*. Lisboa, Universidade Aberta, 1999.

14 Guilherme d’Azevedo. “O Tricentenário” in *O Ocidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*. Suplemento ao N.º 59 (10/6/1880), p. 90, cols. 1-2 [https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/1880/N59s/N59s_master/JPG/OOcidenteN59s_0002_branca_to.jpg].

15 Cf. *O Ocidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*, N.º 60, de 15/Jun./1880.

16 Cf. *Ilustração Portuguesa*, Lisboa, 2ª série, vol XI, 1911, pp. 780-81.

E porquê este consenso em torno deste Poeta? E o consenso na homenagem a ele?

Primeiro. Porque é um autor maior do nosso Cânone literário¹⁷. Um Clássico no duplo sentido da palavra e tal como Italo Calvino, Harold Bloom, George Steiner e outros o afirmaram: dos que relemos, referimos e consagramos nos nossos programas académicos, mas, também, expoente destacado da nossa Renascença. Obra e autor cristalizando a resposta ao enigma enunciado por Fernando Pessoa no texto da rainha-Mãe “D. Tareja” (“As nações todas são mistérios./ Cada uma é todo o mundo a sós.”¹⁸) e que justificará o título de António Quadros “Portugal, Razão e Mistério” e o esclarecimentos que a obra constitui:

“A razão de Portugal, a *razão de ser* deste país antigo, encontra-se envolta na mais densa bruma. *Tornou-se* um mistério ou *é* um mistério? A emergência da nação lusíada, o seu destino inesperadamente fulgurante, o seu projecto áureo, a sua persistente resistência à adversidade, a sua longa e relutante decadência, os seus mitos de regeneração, as suas obras de génio, tudo é hoje interpretado casualmente, a partir de teorias da história opacas, diminutivas, reducionistas, que no fundo espelham o dominante espírito empedecido da nossa época positivista, materialista, utilitarista.”

“A razão de Portugal, a *razão de ser* de Portugal, é antes de tudo *uma razão teleológica*, isto é, uma razão aberta para com um *telos* ou um fim que é a justificação última do seu movimento no tempo e no destino.”¹⁹

Segundo. Porque nele convergem o singular e o plural, a figura e a paisagem: consubstancia e simboliza o país entre a euforia e a disforia, a paixão e a morte, o heroísmo e a tragédia, e sintetiza magistralmente a linhagem de varões com “numa mão a espada e noutra a pena”, figurações humanistas pontilhando a História luminosamente e inscritas como símbolos de uma sua hermenêutica.

E, nesse enlace, ele também protagoniza paroxisticamente a confluência genológica (tragédia, épica e lírica) “[n]a história funesta, inexorável,/ do Génio morto à fome, indignamente” e o “o choro masculino/ Do Génio contra a noite do Destino!”²⁰

17 Cf. longa reflexão sobre o tema que desenvolvi na trilogia dedicada ao Cânone literário (*Luz e Sombras no Cânone Literário* (2014), *Do que não existe. Repensando o Cânone Literário* (2018) e *Perfis & Molduras no Cânone Literário* (2018)), trilogia fundamentada numa duologia dedicada ao *sfumato* em que ele emerge e se vai metamorfoseando (*Sfumato. Figurações in hoc signo. Na senda da identidade nacional* (2019) e *Sfumato & Cânone. Na senda da identidade nacional* (2021).

18 Fernando Pessoa. *Mensagem*. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1934, p. 28.

19 António Quadros. *Portugal, Razão e Mistério: A Trilogia* [1986 ss.], Rio Maior, Fundação António Quadros e Alma dos Livros, 2020, pp. 22 e 23.

20 Gomes Leal. *A Fome de Camões*, Lisboa, & Etc., 1979, p. XII.

Terceiro. Porque a sua obra, em especial, a épica, constitui uma verdadeira “enciclopédia da tribo” (Eric Havelock) ou “livro de cultura” (Iuri Lotman): “cápsula do tempo”, sintetiza o imaginário, as sensibilidades, os saberes e a gramática da cultura da sua comunidade, oferecendo-se como um “observatório” do seu momento histórico e um “museu imaginário” (André Malraux).

Quarto. Porque, n’*Os Lusíadas*, Camões faz a ponte entre o mundo antigo e o seu contemporâneo alvorecer do futuro: na cartografia, na cosmovisão, na viagem para além do “*mare clausum*” dos Argonautas e afins, na caminhada em direcção ao “V[er], claramente visto” (*Os Lusíadas*, C. V, Est. 18) anunciador da Revolução Científica... Na Ilha dos Amores, a encenação do duplo prémio reunindo o amor e o conhecimento, culminando com a epifânica “Máquina do Mundo”, retoma os velhos mitos e anuncia uma nova progénie gerada na união entre o humano (nautas) e o divino/sobre-humano (ninfas), uma nova Humanidade, a do Futuro!

Quinto. Camões tem a capacidade de *comover* os leitores, de *mobilizar* as massas, com textos em que o Povo “se mira” (Almeida Garrett), novos espelhos de autoconhecimento e formativos da comunidade (não apenas dos Príncipes) renovadores dos laços sociais, geracionais, transversais. Expressão disso, no 3^o Centenário, Teófilo afirmou serem *Os Lusíadas* um bastião da nacionalidade, desde a Restauração à Revolução liberal e ao ideário republicano, bebendo no velho “Evangelho Português” mencionado por Fernão Lopes (*Crónica de D. João I*, cap. 159) e mais atrás ainda, na “Nova Aliança” de Ourique, pedra angular do mito nacional onde o programa histórico se sintetizara, anunciando a independência e o império:

“Na eloquência dos factos, em as três Revoluções de 1640, 1820 e 1910, em que Portugal reconquistou a sua autonomia e reassumiu a soberania nacional, *Os Lusíadas* actuaram como o livro que conserva a tradição de uma raça; bem merecem o título de *Bíblia Lusitana*, que sintetiza a sua potência moral.”²¹

Enfim, outros aspectos poderia elencar nesta lista de “razão & mistério” (parafraseando o belíssimo título de António Quadros) cuja vertigem é inevitável face a uma obra tão central, expressão mais do que nacional e peninsular, mas também de uma Europa em busca de si no que a excede, na sua ânsia de “mais azul” (Mário de Sá-Carneiro).

Suspendo-me.

21 Teófilo Braga. *Camões. A Obra Lyrica e Épica*, Porto, Livraria Chardron, 1911, pp. 742-3.

Que as comemorações dos 500 Camões desenvolvam a reflexão, seja por impulso de iniciativa governamental (a Comissão Nacional nomeada *ad hoc*), seja por impulso de iniciativas da sociedade civil (com destaque para a Exposição Universal da Matriz Portuguesa – CAMÕES 500 Anos, que comissário²², e a que este número especial da *Fios de Letras* está associado... e leia-se Camões! E tenhamos em conta o que dele nos diz Eduardo Lourenço, esse psicanalista do nosso imaginário:

“*Os Lusíadas*, enquanto mito nacional, escapa a esses imperativos ou transcende-os. Não é a sua música eloquente, o milagre estético que representa na poesia épica moderna, a emoção que ainda hoje pode provocar, o que fundamentalmente celebramos enquanto comunidade nacional. É a *imagem camoniana de nós mesmos*, a nossa imagem épica, sublimada ou mesmo sublime, tal como *Os Lusíadas* a configuraram há quatro séculos e continuam a irradiá-la até ao presente.”

“Muitas nações se revêem com natural complacência nos seus grandes poetas, a Itália em Dante, a Inglaterra em Shakespeare, a França em Molière, ou Alemanha em Goethe, mas nenhuma delas é Dante, Shakespeare, Molière, ou Goethe, como nós somos Camões.

O que cada um desses poetas encarnou pode separar-se deles sem afectar a imagem dos povos a que pertencem. Sem dúvida, a Alemanha é a Alemanha de Goethe como a Itália é a pátria de Dante.

Mas só Camões, graças a *Os Lusíadas*, se converteu para nós, ao longo do tempo, na imagem mesma de Portugal, e o poema, na tão celebrada “bíblia da pátria”, alma da nossa alma.”²³

REFERÊNCIAS:

BRAGA, Teófilo. *Camões. A Obra Lyrica e Épica*, Porto, Livraria Chardron, 1911.

BRAGA, Teófilo. *Camões e o Sentimento Nacional*, Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1891.

BRAGA, Teófilo. *Os centenários como synthese affectiva nas sociedades modernas*, Lisboa, Typ. de A.J. da Silva Teixeira, 1884.

BRAGA, TEÓFILO. *História das Ideias Republicanas em Portugal*, Lisboa, Vega, 1983.

CABRAL, Alexandre. *Notas Oitocentistas – I*, Lisboa, Livros Horizonte, 1980.

²² Cf. <https://www.exposicao-universal-da-matriz-portuguesa.pt/2024-camoes-500-anos/>.

²³ Discurso proferido em Leiria, nas Comemorações do 10 de Junho, Dia de Camões e das Comunidades reproduzido em: <https://leduardolourenco.blogspot.com/2011/06/dia-de-camoes.html>

COSTA, Mário. *O Chiado pitoresco e elegante, Histórias, Figuras, Usos e Costumes*. Lisboa, Câmara Municipal Lisboa, 1987.

CUNHA, Carlos. “III Centenário da morte de Camões (1880)”, p. 3 [<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/17069/4/III%20Centen%C3%A1rio%20da%20morte%20de%20Cam%C3%B5es%20%281880%29.pdf>].

GARRETT, Almeida. *Obra completa*. Porto, Lello & Irmão, 1966.

Ilustração Portuguesa, Lisboa, 2ª série, vol XI, 1911.

JOÃO, Maria Isabel. *Memória e império. Comemorações em Portugal: 1880-1960*. Lisboa, Universidade Aberta, 1999.

LEAL, Gomes. *A Fome de Camões*, Lisboa, & Etc., 1979.

O Ocidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro. Suplemento ao N.º 59 (10/6/1880) e N.º 60, de 15/Jun./1880.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1934.

QUADROS, António. *Portugal, Razão e Mistério: A Trilogia* [1986 ss.], Rio Maior, Fundação António quadros e Alma dos Livros, 2020.

RITA, Annabela. *Duologia: Sfumato. Figurações in hoc signo. Na senda da identidade nacional* (Lisboa, Edições Esgotadas/CLEPUL, 2019) e *Sfumato & Câneone. Na senda da identidade nacional* (Lisboa - Madrid - Paris - Rio de Janeiro - Roma - Siena - Turim - Veneza, Edições Esgotadas | IECC | Cátedras do Instituto Camões “Vasco da Gama”/ Università degli Studi Internazionali di Roma, “Fidelino Figueiredo” / Universidade do Estado da Bahia, “José Saramago” / Universidade de Vigo, “Fernando Pessoa” / Università di Firenze | Real Gabinete Português de Leitura (RGPL) do Rio de Janeiro | Universidad Complutense de Madrid | Universidad Libre de Infantes Santo Tomás de Villanueva | Università Ca’ Foscari Venezia | Università degli Studi Internazionali di Roma – UNINT / Università di Torino | Università per Stranieri de Siena | Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3, 2021).

RITA, Annabela. *Trilogia dedicada ao Câneone literário: Luz e Sombras no Câneone Literário* (Esfera do Caos, Lisboa, Esfera do Caos, s.2014), *Do que não existe. Repensando o Câneone Literário* (Lisboa, Manufatura Editora/CLEPUL, 2018) e *Perfis & Molduras no Câneone Literário* (Lisboa, Edições Esgotadas, 1ª e 2ª eds. 2019).

Submetido: 24/06/2024

Aceito: 27/08/2024

Vol. 01, **Nº 02** (2024)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**

AGOSTINHO DA SILVA E O MUNDO IDEALIZADO
POR CAMÕES

Renato Epifânio



AGOSTINHO DA SILVA E O MUNDO IDEALIZADO POR CAMÕES

AGOSTINHO DA SILVA AND THE WORLD IDEALIZED BY CAMÕES

Renato Epifânio¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8007-1997>

Ciência Vitae: <https://www.cienciavitae.pt/8919-FF45-7AD7>

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo geral analisar a contraposição entre existência e essência nas construções histórica, cultural e identitárias de Portugal. O mundo existente é o objeto de estudo do poeta e filósofo português Agostinho da Silva, enquanto que a essência é o mundo idealizado por Luís Vaz de Camões. A construção desta idealização é investigada através da filosofia, da cultura, da historiografia e da literatura portuguesa estudadas por Agostinho da Silva na sua obra *Reflexão à margem da literatura portuguesa*. Logo, o artigo inicia com um panorama da historiografia e da cultura de Portugal, destacando as conquistas e as construções identitárias e espaciais portuguesa. Em consequência à contextualização histórica e cultural, a análise deste estudo enveredará para uma discussão que contrastará os dois mundos, isto é, o existente e o idealizado.

PALAVRAS-CHAVE: Agostinho da Silva. Camões. Mundo idealizado. Portugal.

¹ Professor Universitário; Membro do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, da Direcção do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira e da Associação Agostinho da Silva; Investigador na área da “Filosofia em Portugal”, com dezenas de estudos publicados, desenvolveu um projecto de pós-doutoramento sobre o pensamento de Agostinho da Silva, com o apoio da FCT: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, para além de ser responsável pelo *Repertório da Bibliografia Filosófica Portuguesa*: www.bibliografiafilosofica.webnode.com; Licenciatura e Mestrado em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; doutorou-se, na mesma Faculdade, no dia 14 de Dezembro de 2004, com a dissertação *Fundamentos e Firmamentos do pensamento português contemporâneo: uma perspectiva a partir da visão de José Marinho*; autor das obras *Visões de Agostinho da Silva* (2006/2024, edição revista e aumentada), *Repertório da Bibliografia Filosófica Portuguesa* (2007), *Perspectivas sobre Agostinho da Silva* (2008), *Via aberta: de Marinho a Pessoa, da Finisterra ao Oriente* (2009), *A Via Lusófona: um novo horizonte para Portugal* (2010), *Convergência Lusófona* (2012/2014/2016), *A Via Lusófona II* (2015), *A Via Lusófona III* (2017), *A Via Lusófona IV* (2019), *Pensar de novo, pensar o novo: em tempos de pandemia* (2021/Brasil) e *A Via Lusófona V* (2022). Dirige a NOVA ÁGUIA: Revista de Cultura para o Século XXI e a Colecção de livros com o mesmo nome (Zéfiro). Preside ao MIL: Movimento Internacional Lusófono desde a sua formalização jurídica (2010). É, desde 2021, Membro do Conselho Supremo da SHIP: Sociedade Histórica da Independência de Portugal e, desde 2022, Membro da Academia Internacional da Cultura Portuguesa e Presidente da Direcção da PASC: Plataforma de Associações da Sociedade Civil – Casa da Cidadania.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the contraposition between existence and essence on the historical, cultural and identity construction of Portugal. The existing world is the object of study from the Portuguese poet and philosopher Agostinho da Silva, while the essence is the world idealized by Luís Vaz de Camões. The building of this idealization is investigated through the Portuguese philosophy, culture, historiography and literature studied on Agostinho da Silva's *Reflexão à margem da literatura portuguesa*. Therefore, the article begins with an overview of Portugal's historiography and culture, highlighting the achievements and the construction of Portuguese identity and space. As a consequence of the historical and cultural contextualization, the analysis of this study will lead to a discussion that contrasts both worlds, in other words, the existing and idealized ones.

KEYWORDS: Agostinho da Silva. Camões. Idealized World. Portugal.

Se fatalmente pensar é, ainda que da forma mais tácita, pensar com, em diálogo, importa escolher bem aqueles com quem, ao pensarmos, dialogamos. Quanto melhor escolhermos, mais o nosso pensar se elevará... A par de alguns outros, Agostinho da Silva tem sido um dos filósofos com quem mais temos dialogado. Desde logo por isso. Porque sentimos que, ao dialogarmos com ele, o nosso pensar se eleva e, nessa medida, se alargam os horizontes...

Não privilegiamos, porém, o diálogo com Agostinho da Silva apenas por ele ter sido um insigne Filósofo – entendendo por Filósofo aquele que, partindo de si, ou do que em si é, se eleva, e nos eleva, até, em última instância, ao Além-Horizonte do Ser –, mas também por ele ter sido um insigne Português – entendendo por Português aquele que, independentemente da sua proveniência geográfica, assume a tarefa de reflectir sobre o mais íntimo sentido da cultura portuguesa, e de o cumprir. Nessa perspectiva, atrevemo-nos a dizê-lo, nunca ninguém foi tão Português quanto Agostinho – pois que nunca ninguém, como ele, assumiu essa dupla tarefa.

A nosso ver, ao ter assumido essa dupla tarefa, não foi por isso Agostinho da Silva menos Filósofo. Pelo contrário, foi mais. E isto porque, ao ter assumido essa dupla tarefa, assumiu cumulativamente Agostinho aquela que é, ainda a nosso ver, a dupla fonte da Filosofia: o Espírito e a Terra. Nessa medida, defendemos que o pensar será tanto mais filosófico quanto mais assumir essa

dupla fonte, essa dupla radicação. De outro modo, ainda e sempre a nosso ver, ele será, tão-só, ou um abstraccionismo oco ou um concretismo sem horizonte.

Só, ao invés, assumindo essa dupla fonte, essa dupla radicação, poderá a Filosofia cumprir, enfim, a sua fundamental tarefa: dar sentido ao ser e ao tempo, à existência e à história... Precisamente por isso, por ter assumido essa dupla fonte, essa dupla radicação, procurou, Agostinho da Silva, esse sentido. Em que medida o conseguiu, eis o que iremos aqui verificar. Para tal, debruçar-nos-emos sobre a obra em que, a nosso ver, Agostinho mais reflectiu sobre a nossa história e cultura – *Reflexão à Margem da Literatura Portuguesa* –, curiosamente, uma obra que Agostinho escreveu e publicou já no Brasil, em 1957, como se só no Brasil, face ao espelho atlântico, tivesse Agostinho descoberto Portugal.

*

Inicia Agostinho da Silva o primeiro capítulo da sua *Reflexão à Margem da Literatura Portuguesa* por afirmar a “cultura peninsular” como um “todo”² – eis a primeira grande premissa desta obra. Apesar de afirmar a “cultura peninsular” como um “todo”, considera, porém, Agostinho da Silva, à primeira vista de forma paradoxal, que a “grande façanha” de Portugal foi, precisamente, o de ter conquistado e mantido, “através de sangue o fogo”, dentro desse “todo”, a sua “independência”³.

Aliás, à luz desta visão, ao ter conquistado e mantido, “através de sangue o fogo”, a sua independência, Portugal não apenas assegurou isso como também, sobretudo, a independência, ou, pelo menos, o “princípio de independência”, dos outros “territórios periféricos” – e não só relativamente a Castela. Eis, com efeito, à luz desta visão, todo o alcance da conquista da nossa independência – ao conquistarmos-la, consagramos o direito à independência, à auto-determinação, não só, desde logo, de todos os povos periféricos relativamente a Castela, à Castela hispânica, bem como ainda relativamente a todas as outras “Castelas” deste nosso mundo.

E isto porque ao ter conquistado e mantido, “através de sangue o fogo”, a sua independência, assim desde logo consagrando o direito à auto-

² In *Ensaio sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira*, org. de Paulo A.E. Borges, Lisboa, Âncora, 2000 (doravante: *ECLPB*), vol. I, p. 27.

³ Nas suas palavras: “O que Portugal fez de maior no mundo não foi nem o descobrimento, nem a conquista, nem a formação de nações ultramarinas: foi o ter resistido a Castela. O ter mantido, através de sangue e fogo, o princípio de independência dos territórios periféricos.” [*ibid.*, pp. 29-30].

determinação de todos os povos periféricos relativamente a Castela, à Castela hispânica, Portugal afirmou a Península como um “todo”, mas como um “todo” não totalitário, antes um “todo” que se afirma na afirmação, não na negação, da sua endógena heterogeneidade, dando assim um exemplo de relação entre o “todo” e as “partes”, entre o “Uno” e o “Múltiplo”, que, segundo Agostinho da Silva, deveria ter sido seguido em todo o resto do mundo. Infelizmente, não foi isso o que aconteceu. O mundo não seguiu, de todo, esse exemplo.

*

Após debruçar-se sobre essa genesíaca cisão com Castela, debruça-se Agostinho da Silva, nesta sua obra, sobre a nossa aliança com Inglaterra. A respeito dela, diz-nos: “A aliança inglesa era, por uma parte, uma aliança de interesses, e é bem sintomático que seu primeiro acto tivesse sido comercial, e muito mais sintomático que, de um lado, o tivesse assinado o rei de Inglaterra e, do outro lado, um negociante ou armador do Porto; era como se do lado de Portugal o comércio fosse uma actividade particular naturalmente útil ao país e que ele não podia dispensar, mas de que o soberano, como seu representante supremo, não tomava conhecimento oficial; e como se, do lado da Inglaterra, o comércio fosse uma actividade nacional, profundamente intrínseca à nação e, como tal, sancionada pelo rei (...).”⁴.

Eis, aliás, um “erro histórico” – este, o da aliança com Inglaterra – que, ainda segundo Agostinho da Silva, teve amplas e profundas consequências, desde logo o sacrifício do chamado Infante Santo: “...com a própria morte do Infante [D. Fernando], Portugal estava pagando o preço de outro erro que anteriormente cometera: o erro de se ter enganado quanto ao fundamental do carácter inglês e quanto ao destino que à Inglaterra se marcara na História. Cada povo é o que é, mesmo antes de o ser (...). E, tendo a dirigir os seus destinos de expansão, um príncipe que era metade inglês e metade português, Portugal introduziria fatalmente o erro que fez que a Inglaterra não fosse, apesar de tudo, um grande condutor do mundo. A verdadeira grandeza do Infante D. Henrique está no que tem de português (...). Mas também nele existe o que diminui a expansão portuguesa: a dureza de sacrificar irmãos (...); o gosto do isolamento (...); e a terrível tentação de fazer que importe nas empresas o lucro material.”⁵.

⁴ *Ibid.*, p. 39.

⁵ *Ibid.*, p. 45.

Como expressamente defende Agostinho da Silva a encerrar o quarto capítulo da sua *Reflexão à Margem da Literatura Portuguesa*, “com o sacrifício de D. Fernando, o que se atingia era a própria e mais delicada raiz de Portugal império fraterno”⁶. Eis, como reiterará ainda Agostinho logo a abrir o capítulo seguinte desta sua obra, o “pecado original”, a inicial “fenda”, de todo o empreendimento das chamadas “Descobertas”⁷. Por essa “fenda” que rapidamente se torna “já brecha” – como nos diz ainda Agostinho – “vão entrar e tomar conta da inteira história de Portugal dois acontecimentos que por completo destroem tudo quanto se pudera levantar de extraordinário na Idade Média: de modo que se poderia dizer que Portugal, depois do século XV, só vai ser grande naquilo em que continua a ser medieval; no resto se empequenece”⁸.

*

Segundo o próprio Agostinho da Silva, “o primeiro desses acontecimentos é o que diz respeito ao tratamento dos judeus, logo agravado por D. Manuel e pelos reis seguintes”⁹; o segundo, a nossa submissão “ao direito romano e, com o direito romano, à mentalidade romana”¹⁰. Daí, ainda segundo Agostinho, os três “alicerces” do nosso ilusório progresso – nas suas palavras: “O resto seguir-se-ia naturalmente. E faria que Portugal, depois de ter assentado base de império sobre sacrifício de irmão; depois de, secundado, outra base de império ter lançado sobre outros sacrifício de irmão, desta vez o judeu; o terceiro alicerce fundaria sobre terceiro sacrifício: o do direito concelhio ao direito cesarista, imperialista, anticatólico de Roma”¹¹.

Contrapõe, Agostinho da Silva, este Portugal, “triplamente sacrificado”, ao Portugal, ao mundo, idealizado pelo autor d’ *Os Lusíadas*, o mundo pelo qual os portugueses, como defende, “teriam gostosamente perdido a vida” – nas suas palavras: “O mundo pelo qual Portugal e Camões teriam gostosamente perdido a vida é o mundo não das existências mas das essências; com uma

6 *Ibid.*, p. 46.

7 Ainda nas suas palavras: “Porquanto, se uma primeira falta é grave por si própria, muito mais grave se torna pelas suas consequências, na medida em que abre caminho a pecados outros. Na velha imagem, é aquela fenda, que pode ser insignificante, e não o era no caso presente de Portugal, mas que vai a pouco e pouco, por seus alargamentos, acabar na ruína das muralhas. Pecando, com o Infante D. Henrique, Portugal, a par de todo o grandioso que vai realizando pelo mundo, deixa que nele penetre o que, mais tarde, também apesar de sua grandeza, haveria de fazer condenar a Europa e de levá-la àquilo que tem hoje, uma civilização sem saída.” [*ibid.*, pp. 36-37].

8 Cf. *ibid.*, pp. 47-48.

9 Cf. *ibid.*, p. 48.

10 Cf. *ibid.*, p. 49.

11 Cf. *ibid.*, pp. 49-50.

condição, a de que não fossem essências intangíveis, puramente ideias; Portugal e Camões perdem a vida por um mundo, sempre de futuro e nunca de passado, um mundo em que finalmente se concilhassem, se unissem num só corpo de doutrina Aristóteles e Platão: em que o ideal fosse, ao mesmo tempo, do mundo dos sentidos.”¹².

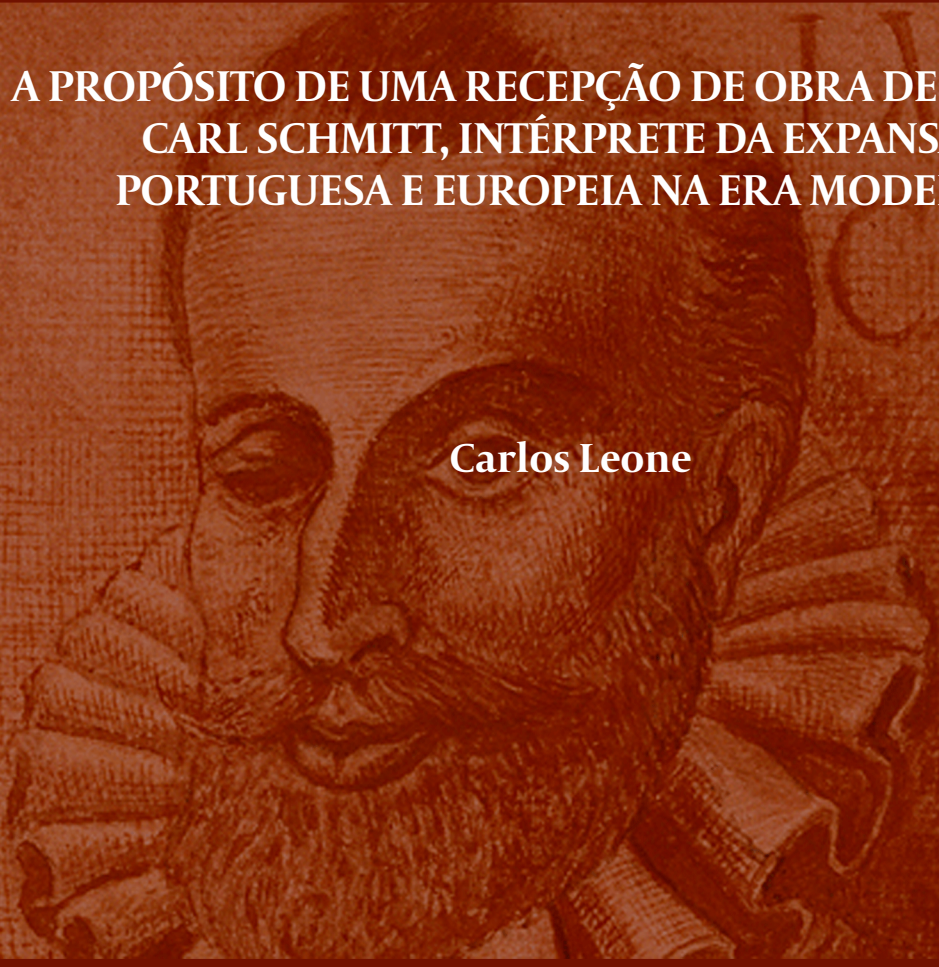
¹² *Ibid.*, p. 54.

Vol. 01, **Nº 02** (2024)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**

A PROPÓSITO DE UMA RECEPÇÃO DE OBRA DE CAMÕES:
CARL SCHMITT, INTÉRPRETE DA EXPANSÃO
PORTUGUESA E EUROPEIA NA ERA MODERNA

Carlos Leone



**A PROPÓSITO DE UMA RECEPÇÃO DE OBRA DE CAMÕES:
CARL SCHMITT, INTÉRPRETE DA EXPANSÃO PORTUGUESA E EUROPEIA
NA ERA MODERNA**

ON A RECEPTION OF CAMÕES:
CARL SCHMITT AS AN INTERPRETER OF EUROPEAN MARITIME EXPANSION
IN MODERNITY

Carlos Leone¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8580-8441>

SCOPUS: <https://www.scopus.com/authid/detail.uri?authorId=37124590500>

RESUMO: Na secção V da longa crítica que fez ao ensaio de Ernst Jünger *O Nó Górdio*, Carl Schmitt dedica a Camões e, por arrasto, aos portugueses, algumas breves linhas que destoam não apenas da autoimagem cultivada em Portugal e na língua portuguesa a respeito de *Os Lusíadas* e das Descobertas portuguesas, mas que, além disso, merecem exame próprio pela concatenação que fazem destas temáticas com as navegações globais europeias que marcaram a era moderna. Nesta nóttula, tentamos 1) dar conta do argumento geral de Schmitt (e subsidiariamente do seu pretexto jungeriano); 2) analisar o seu juízo a respeito de Camões e de *Os Lusíadas*; 3) discutir a leitura schmittiana enquanto parte da recepção da Expansão portuguesa por outras culturas europeias.

PALAVRAS-CHAVE: Camões. Modernidade. Early modernity. Carl Schmitt.

ABSTRACT: In section V of his critical review of Ernst Jünger's *Der Gordische Knoten*, Carl Schmitt, makes a brief remark regarding Camoens and the Portuguese maritime Expansion that conflict with the Portuguese image of the Expansion. Also, Schmitt presents a view of European expansion that is noteworthy and calls for comment regarding the following aspects: 1) the overall argument of Schmitt and its reference to Jünger's work; 2) his comment on Camoens and *The Lusiads*; 3) the overall European reception of the Portuguese expansion.

KEYWORDS: Camoens. Modernity. Early modernity. Carl Schmitt.

¹ Doutor em História das Ideias (FCSH_UNL, 2004), investigador no Centro de Estudos Globais-Uni-
versidade Aberta. Email: ce.leone@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8580-8441>

O texto de Ernst Jünger *Der Gordische Knoten* data de 1953 e a sua recepção crítica por Carl Schmitt surge em 1955, também em Alemão. Neste texto servimo-nos da edição conjunta na tradução italiana, Jünger e Schmitt 2023².

O ensaio de Jünger gira em torno da contraposição espiritual entre Oriente e Ocidente ao longo da História, que traça a História da oposição no momento em que o autor de *O Trabalhador* escreve, já em plena Guerra Fria. Mais do que seguir os passos do argumento jungeriano, para o nosso fito importa reter dois pontos: primeiro, o episódio do nó “de” Górdio, que ressalta do título da edição que usamos, salienta bem um ponto importante para o nosso tema, a centralidade das personagens históricas para a definição das eras da Humanidade, metodologicamente controverso em História mas aqui dado por adquirido; em segundo lugar, o argumento jungeriano não visa apenas remontar às origens históricas da oposição manifesta na Guerra Fria, pretende sim definir dois tipos de relação com o poder, uma baseada na liberdade (Occidental), outra na submissão (Oriental). Na impossibilidade de revisitar aqui este texto de Jünger como ele merece, registamos apenas a sua pertinência actual, além do brilhantismo da sua escrita.

A recepção de Schmitt ao texto é notável a vários títulos: pela sua elaboração, constituindo um ensaio schmittiano de direito próprio; pela apropriação que faz do texto ao seu amigo Jünger, em desvirtuar a argumentação deste para a melhor adaptar ao seu próprio argumento (que foca a dimensão técnica da era moderna e o seu efeito nas mundivisões); e, para o nosso fito, o papel que confere à Expansão marítima europeia nesse processo global de modernização pela técnica.

Segundo Schmitt, na secção V do seu texto (cf. p. 198, ed. cit.), desde o século XVI a Inglaterra tinha gradualmente vindo a integrar as “grandes descobertas e conquistas territoriais de portugueses, espanhóis, franceses e holandeses” (tradução nossa) e, chegado o momento da Revolução Industrial, estava já em posição de ganhar predominância na dominação global através dos mares. Isto porque foram os ingleses os primeiros (cf. pp. 198/9) a passar da terra ao mar de forma coerente: “Os espanhóis permaneceram terrestres. Os portugueses, não obstante as suas viagens extraordinárias, nunca conseguiram criar uma imagem marítima do mundo.” (p. 199) E, antes de prosseguir para considerações similares a respeito de holandeses (demasiado frágeis) e franceses (derrotados pelos ingleses ao fim de dois séculos de guerras), Schmitt faz uma referência directa a Camões que permite e motiva este nosso texto: “Até o poema heróico dedicado à época das suas descobertas, *Os Lusíadas* de Camões, no fundo fala do oceano Índico de um modo não diverso de como a *Eneida* de Virgílio fala do Mediterrâneo” (p. 199).

² Jünger, E. e Schmitt, C., 2023, *Il Nodo di Gordio*, Adelphi, Milão.

LEONE. Carlos. A propósito de uma recepção de Obra de Camões: Carl Schmitt, intérprete da Expansão portuguesa e europeia na era moderna.

E como não o entender imediatamente, nós que crescemos a escutar “Cesse tudo o que a Musa antiga canta, Que outro valor mais alto se alevanta”? Do Canto I de *Os Lusíadas*, e das suas múltiplas referências a outros deuses, sábios e conquistadores gregos (incluindo Alexandre), decorre exactamente esse confronto directo, intencionalmente pretendido por Camões. Nessa estratégia retórica de afirmação por contraposição resulta contudo, como Schmitt secamente anota, uma limitação inevitável – a de se perpetuar como reprodução de um modelo, obra ainda de um renascimento muito marcado pelo culto do Antigo, ainda que empenhado em superá-lo.

No fundamental, o argumento de Schmitt reduz Portugal, a sua Expansão, assim como a sua épica própria, a um passo preliminar da europeização mundial que serão os ingleses a consumir, precisamente pela combinação de a sua expansão marítima se intensificar quando a sua preponderância técnica se manifesta na Revolução Industrial. Isto vale, aliás, para todos os projectos expansionistas europeus anteriores, como já notámos. Mas, no caso português adquire um traço mais marcado, pela preponderância que ao longo do seu texto Espanha tem sobre Portugal e pela referência concreta a Camões, que Schmitt lê numa chave bem diversa da sua recepção predominante, ainda hoje.

Este último ponto é o que mais nos interessa e o que justifica – esperemos – recordar Schmitt em época de celebração camoniana. Mais do que uma leitura anómala perpetrada por um estanho ao campo dos Estudos Literários, o singelo comentário de Schmitt ilustra muito bem algo que a todos os que têm conhecimento da recepção da Expansão portuguesa em língua inglesa é imediatamente familiar. Falo do facto de o período da Expansão ibérica, para nós pináculo de uma modernidade própria, é descrito como «early modernity», em contraposição com a modernidade em sentido forte, a do Iluminismo, da técnica, do predomínio anglófono (para aqui incluir já o herdeiro e continuador americano do Império Britânico). Com efeito, e sem que Schmitt possa ser acusado de qualquer anglofilia, o comentário que faz a respeito da limitação do texto camoniano e a ênfase que coloca na coerência única dos ingleses enquanto povo marítimo integram-se naturalmente nesta visão canónica da Modernidade no mundo de língua inglesa. Ora, essa visão é justamente algo que a autoimagem portuguesa, e em particular a glorificação da épica camoniana, não pode acolher, sob pena de autoflagelação, mesmo autodestruição. Problema de definição identitária, afinal: ou bem que a a Expansão portuguesa é um processo histórico, parcelar e limitado, parcialmente contraditório nos seus resultados como é típico de processos históricos (e então a leitura schmittiana diminui a obra camoniana na

sua pretensão de cantar uma realidade); ou então é uma aventura cultural, cujo valor simbólico não pode aliás ser reduzido aos *Lusíadas* (penso desde logo na *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, mas outras obras serão de mencionar), mas desprovido de «valor de verdade» enquanto registo de uma modernidade histórica portuguesa plenamente autónoma.

Como já foi notado há muito tempo pelo sociólogo português Hermínio Martins (cito de memória o seu *Classe, Status e Poder*, de 1998), “em Portugal as discussões políticas terminam sempre em discussões históricas”. Longe de ser uma particularidade portuguesa – embora o percebamos sem dificuldade – esta é uma característica dos povos com demasiada história e insuficiente modernização social (pensemos nas sociedades dos Balcãs, por exemplo). Pode ser argumentado que Camões não pretendeu cantar um processo social, mas sim um evento histórico específico, a empresa de Vasco da Gama, pelo que todo o plano a que Schmitt se reporta é estranho à sua Obra. Sucede que essa tentativa de um esplêndido isolamento artístico não colhe. E dizemos que não colhe a dois títulos, pelo menos:

- em primeiro lugar, porque o passo excessivo é dado desde logo pelos portugueses, que não resistem a ler Camões como símbolo mais do que cultural – e desde logo a elevá-lo (ou, afinal, a rebaixá-lo?) a testemunho histórico, com as decorrentes derivações políticas, sociais, enfim, com todo o tipo de aproveitamentos espúrios da sua épica;

- em segundo lugar, não colhe ainda – e de modo decisivo – para a cultura Ocidental, não apenas a inglesa diga-se, esta singularidade camoniana e portuguesa, pois a Expansão portuguesa é pensada sempre no âmbito europeu e ibérico e por a épica de Camões ser lida em cotejo que o próprio autor suscitou com o modelo Antigo e, desse modo, ainda no âmbito da Literatura renascentista.

De tudo isto decorre algo que é bem sabido por todos aqueles que já tiveram a experiência de ensinar História ou Cultura portuguesa no mundo de língua inglesa. Mais do que qualquer crítica pós-colonial ou afim (às quais a literatura deste período se exime bem pois não está focada sequer no colonialismo), a resistência maior à valorização portuguesa de *Os Lusíadas* fora do mundo lusófono reside na marginalidade histórica da “early modernity”, um período importante e interessante sem dúvida mas menor quando cotejado com a Modernidade em sentido forte. Seja nos *curricula*, na comunicação social, na vida institucional, esta “early modernity” é como que uma pré-história da modernidade, algo de certo modo arcaico e exótico (quando os povos nativos das Américas eram tomados por índios!). A modernidade,

LEONE. Carlos. A propósito de uma recepção de Obra de Camões: Carl Schmitt, intérprete da Expansão portuguesa e europeia na era moderna.

essa, verdadeira superação dos Antigos, é entendida como algo diverso, com outros agentes que não os ibéricos, de um período posterior – e marcado, definido, concretizado pela técnica, pela indústria, pela dominação da Natureza que era ainda a grande opositora dos navegadores.

Em tempo de celebrações do quinto centenário esta nótula não serve para diminuir a Obra nem o seu Autor. Na verdade, uma e outro navegam com notável sucesso a relativa obscuridade da “early modernity” sem contudo soçobram na exegese fatal da crítica ao Canône exarada em nome de realidades que não se lhes aplicam e de valores que não os movem. Entre Cila da obscuridade histórica e Caribdis dos ultrajes culturais, a relativa marginalidade da literatura da Expansão – não apenas a camoniana, insistimos – tem virtualidades não menosprezáveis. Contudo, é apenas justo referir, como mão amiga me fez notar em tempo, que precisamente o século XXI está a ser marcado por uma revisão desta imagem dominante da Expansão portuguesa, com a multiplicação de títulos sobre o «milagre português» no panorama editorial anglófono. Fenómeno ainda demasiado recente para podermos aferir a sua influência, a sua ênfase parece contudo incidir numa reavaliação da História portuguesa da Expansão enquanto fenómenos geopolítico e não tanto na sua expressão cultural e artística específica (literária ou outra). Alguns percursos bem conhecidos (como Charles Boxer) não mudam o cenário geral, aliás ainda marcado pelo comparativismo de extração geográfica, método que enviesa a compreensão do caso português pela sua proximidade a Espanha e aos seus «conquistadores», que não são de todo os portugueses, mercadores por excelência (afora casos excepcionais como Afonso de Albuquerque)³.

O comentário *en passant* de Carl Schmitt, no âmbito de uma discussão de alcance totalmente diverso daquela que move os estudos camonianos, serve por isso apenas de mote para uma discussão a fazer sobre o lugar mais apropriado para dar conta a outros (e a nós próprios?) da História de Portugal, não apenas da Expansão, assim como dos papeis que cumpre a Obra de Camões no seu conhecimento e crítica. Essa discussão a fazer, contudo, não deve ser apenas científica ou cultural, mas sim institucional. Em rigor, dar o nome do poeta a prémios pode engrandecer os premiados, mas apenas isso; relevante seria promover o diálogo com a Modernidade no seu todo, *maxime* com a História no seu conjunto. Para tanto, a avaliar pela experiência disponível não parece possível avançar sem uma concatenação de esforços entre o lado português e o lado brasileiro, este indubitavelmente o responsável maior pela divulgação e ensino da língua no mundo. A avaliar pelo

3 Acresce a isto que a realidade geográfica de Espanha, que comporta Atlântico e Mediterrâneo, difere da portuguesa, exclusivamente atlântica. E esta não é uma questão apenas de geografia física, teve (e tem) profunda consequências geopolíticas e culturais.

andamento das comemorações, não estou certo que mesmo toda a grandeza de Camões tenha sido bastante para propiciar tal diálogo. Que o presente dossier (e este modesto contributo) possam ser – como se dizia antigamente – um estímulo oportuno para aquela concatenação.

Lecce, Verão 2024.

Vol. 01, **Nº 02** (2024)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**

DO SUL ESTADUNIDENSE AO NORDESTE
BRASILEIRO: OS CAMINHOS PERCORRIDOS NOS
ROMANCES *ENQUANTO AGONIZO* E *VIDAS SECAS*

Thais Cristina da Silva



**DO SUL ESTADUNIDENSE AO NORDESTE BRASILEIRO:
OS CAMINHOS PERCORRIDOS NOS ROMANCES
*ENQUANTO AGONIZO E VIDAS SECAS*¹**

*FROM SOUTHERN UNITED STATES TO THE BRAZILIAN NORTHEAST:
THE WAYS PASSED IN THE NOVELS ENQUANTO AGONIZO AND VIDAS SECAS*

Thais Cristina da Silva²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7539-4433>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0357028313684323>

RESUMO: O artigo realiza um estudo comparativo sobre a representação do homem ante a jornada física e mental, a fim de observar pontos de convergência na construção estética e na temática das narrativas de William Faulkner e Graciliano Ramos. Oriundos das inovações que tocam o romance do século XX, as histórias de Faulkner e Ramos partem de polos específicos de atuação que cobrem, respectivamente, o sul dos Estados Unidos e o nordeste brasileiro. Por meio da análise dos elementos de composição dos romances *Enquanto agonizo*³ e *Vidas secas*, este trabalho aproxima esses representantes do modernismo norte-americano e brasileiro na tentativa de representar a “voz dos debaixo” e por trazer uma reflexão universal da condição humana, independentemente das barreiras geográficas de representação. Para a realização da pesquisa, usamos como aporte crítico os estudos de Bueno (2006), Bastos (2014) e Hoffman (1966) para discutir as especificidades das obras desses autores e de seus respectivos contextos históricos, além de introduzirmos o pensamento de Karl Marx (2004) referente à discussão sobre a relação sociedade e natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Modernismo. Representação. Jornada. William Faulkner. Graciliano Ramos.

ABSTRACT: The article carries out a comparative study on the representation of man in face of the physical and mental journey, to observe points of convergence in the esthetic construction and in the thematic of the narratives of William Faulkner and Graciliano Ramos. Coming from the innovations that touch the novel of the 20th century, the stories of Faulkner and Ramos start from specific poles of action, which cover, respectively, the South of the United States and the Northeast of Brazil. Through the analysis of the elements of the composition of the novels *Enquanto Agonizo* and *Vidas Secas*, this work brings these representatives of North American and Brazilian modernism together to represent the “voice of those below” and by bringing a universal reflection of the human condition, regardless geographical

¹ Artigo originado de monografia apresentada na Jornada de Monografias do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, UnB, junho de 2015.

² Doutoranda em Literatura e Práticas Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). Mestra em Literatura e Práticas Sociais pela mesma instituição. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7539-4433>. Email: thais.csilva@outlook.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0357028313684323>

³ No original, *As I Lay Dying*.

representation barriers. To carry out the research, we used the studies of Bueno (2006), Bastos (2014) and Hoffman (1966) as a theoretical contribution to discuss the specificities of the works of these authors and their respective historical contexts, in addition to introducing the thought of Karl Marx (2004) regarding the discussion on the relationship between society and nature.

KEYWORDS: Modernism. Representation. Journey. William Faulkner. Graciliano Ramos.

Introdução

Situar a escrita de William Faulkner em um determinado movimento é deveras complicado. John Brown (1973), no seu livro *Panorama da Literatura Americana do Século XX*, atesta que o próprio Faulkner se mantém independente de qualquer escola literária, descrito como uma figura solitária e grandiosa do cânone literário norte-americano.

A pesquisadora brasileira Walnice Nogueira Galvão (2000) compartilha de sentimento semelhante ao de John Brown. Galvão defende que o romance social norte-americano da década de 1930, de tendências inegavelmente à esquerda, conserva equivalências à prosa regionalista da segunda geração modernista brasileira, principalmente no que concerne ao neonaturalismo das temáticas trabalhadas, em destaque a tomada de consciência e denúncia quanto à miséria e injustiças, a reivindicação de reformas que minorassem os sofrimentos dos oprimidos, a degradação moral da sociedade. A ficção norte-americana deste período torna-se abertamente de caráter coletivo, destacando-se autores cujo impacto da obra até hoje é irrefutável como crítica à sociedade estadunidense: John dos Passos, John Steinbeck, Erskine Caldwell, o jovem Ernest Hemingway, entre outros.

Apesar de ser da mesma época, é com pesar que Galvão excetua William Faulkner. Dada sua enorme relevância, a autora observa que Faulkner não se encaixava nas características desse grupo – ser jornalista e declaradamente de esquerda. Nas suas palavras, “embora seja injusto deixar de lado o maior deles, William Faulkner, com o qual, acontece o que sempre acontece com os muito grandes: não cabe muito bem nem nessa nem em nenhuma classificação” (Galvão, 2000, p. 51).

Se seu posicionamento, ou a falta dele, ainda é questionável, o que temos como verdade é que sua obra figura como legítima representante de todas as transformações do romance do século XX, integrando-o ao romance norte-americano “a sofisticação dos achados” (Galvão, 2000, p. 51). Sua complexa técnica, que envolve transgressões no tempo cronológico, como a fusão de passado, presente e futuro, extensos monólogos interiores que promovem rupturas e perdas de sentido do

consciente mundo empírico e inúmeros experimentalismos para descrever o tacanho condado fictício de Yoknapatawpha e a comunidade que lá habita, ainda hoje é alvo de extensas pesquisas e análises.

Mais fácil de posicionar, mas não menos difícil de analisar, são o lugar e o contexto que criam bases para a escrita de Graciliano Ramos. Pertencente à geração dos autores de 1930 do modernismo brasileiro, a obra do autor alagoano configura-se em uma proposta de romance psicológico e social, oriundo do posicionamento ideológico que tinha a segunda fase do movimento, da crescente consciência do subdesenvolvimento da nação e da posição crítica quanto à modernização que orientava os escritores desse período. (Bueno, 2006).

A fim de um estudo de convergências, situaremos a obra de Faulkner e Graciliano Ramos no movimento modernista proveniente da revolução do romance na modernidade, pois, baseado na linha de pensamento de João Alexandre Barbosa (1982), o qual defende que moderno e modernista se vinculam quando estes criam condições tangíveis para se refletir sobre a relação entre realidade e representação, é notório que estes dois representantes abrem espaço dentro de seus respectivos sistemas de articulação – a linguagem – para a reflexão a partir de seu cosmo de atuação e que, conseqüentemente, acabam por se projetar para uma presente universalidade.

É nessa linha de extensão do sistema particular – microcosmo – para a, digamos, “esfera pública” que veremos o ponto principal que distingue, ao mesmo tempo em que une, as duas obras que serão analisadas: o regionalismo.

De maneira sucinta, o regionalismo caracteriza-se como uma “expressão literária que valoriza a força que se dá às peculiaridades locais, tanto em suas formas de dizer quanto na exploração descritiva de seu lugar geográfico” (Araújo, 2006, p. 113).

Afrânio Coutinho, em uma das entradas em que apresenta o regionalismo, defende que a obra de arte é regional quando apresenta como pano de fundo um lugar ou quando parece brotar desse local particular. No entanto, o crítico convencionava que, nessa situação, uma obra poderia ser localizada numa região, mas se tratar de um assunto universal, de modo que a particularidade local seria apenas incidental.

Já Lúcia Miguel-Pereira, de modo geral, pensa a literatura regional em uma linha evolutiva a concepções mais universais do homem. Para a teórica, a literatura regionalista cresceu na medida em que renuncia ao localismo em busca do cosmopolitismo. Nessa concepção, o regionalismo nunca foi: “a literatura que investiu na descrição e costumes de uma região, mas foi um nome que serviu para abrigar toda produção que não estava em sintonia com a da ‘civilização niveladora’, o Rio de Janeiro e, no limite, a Europa e os Estados Unidos” (Araújo, 2006, p. 116).



Longe de chegarmos à unanimidade do conceito acerca do regionalismo e de neutralizar a problemática dessa questão, mas a fim de propiciarmos um estudo convergente, abordaremos a literatura regional à luz de um alargamento de fronteiras, que seja possível, a partir das especificidades locais de representação do homem, buscando um ponto universal no tocante à condição humana que aproxime esses localismos. Aproximamos justamente esses representantes do regionalismo norte-americano e brasileiro pelo trabalho transgressor de transcendência de seus polos de atuação.

Irwing Howe (*apud* Hoffman, 1966) se refere ao trabalho de Faulkner como uma fábula moral, a matéria de sua poética seria a vida do Sul, porém suas intenções transpõem as referências ou limite geográfico. A mesma situação se repete no trabalho de Ramos que, por mais que pareça que tenhamos um relato documental oriundo do posicionamento ideológico da segunda fase do modernismo, possui barreiras geográficas que não são invariavelmente inflexíveis. Ao analisarmos, posteriormente, a construção desses dois textos, vemos que muitas das escolhas estilísticas adotadas por esses autores, por mais diferentes que possam ser devido às divergências de nacionalidade e finalidade do romance, ainda assim se assemelham: ambos os romances se convergem não apenas em termos de composição, como também em acontecimentos narrados e em questões temáticas que excedem as barreiras geográficas de representação.

Ao analisar a obra faulkneriana, Frederick Hoffman aponta uma subdivisão de três períodos. Seria na fase em que o crítico intitula de “época gênio”, final da década de 1920 até o final da década de 1930, que as principais características que representam a obra de Faulkner se encontram, dando a ele a projeção de todo seu trabalho. Na esfera do estilo e de estrutura, suas maiores rupturas com a tradicional forma do romance acontecem nesse período, mostrando uma versatilidade e técnica até hoje “não igualadas na literatura americana moderna” (Hoffman, 1966, pág. 17). Também é nessa fase que o escritor norte-americano não só escolhe, mas fixa sua localização de mundo no registro da escrita: o condado fictício de Yoknapatawpha, localizado em Jefferson. Nesse universo próprio, William Faulkner tem ciência de toda a topografia e de sua gente e desenvolve toda uma profunda análise da condição moral do homem, não demarcando essa verdade apenas “a seu pedaço de terra”, mas estendendo-a a toda a posteridade.

É à luz de toda essa consolidação de estilo e linguagem que se encontra *Enquanto Agonizo* (1930) na sua historiografia, recebendo todas as influências dessa autoafirmação e experimentação de Faulkner. Interessante notar que esse romance vem à sombra de *The Sound and Fury*⁴ (1929), obra que atinge o ápice do grau de

⁴ Na tradução brasileira, *O som e a fúria*.

experimentação das técnicas deste escritor norte-americano. Contudo, desta vez não será a aristocracia sulista derrotada e decadente pós-Guerra de Secessão que o escritor irá retratar. É entre os pobres brancos, a família Bundren, que toda a ação irá ocorrer, numa narrativa composta de monólogos interiores cujo enredo – a dura caminhada para cumprir o desejo de a matriarca ser enterrada em Jefferson ao lado dos parentes – beira o grotesco e o tragicômico.

Por sua vez, as obras de Graciliano Ramos estabelecem-se na segunda fase do modernismo brasileiro, mais especificamente, o romance de 30. O autor se junta a um grupo que ainda tem representantes como Jorge Amado, Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Dyonélio Machado, sendo um dos responsáveis por remodelar a prosa regionalista brasileira, atribuindo-lhe uma análise profunda, intimista e social do meio, mediante uma preocupação com a linguagem e com o relato fidedigno de representação do pobre em seus romances (Bueno, 2001).

É nessa proposta de remodelação que surgem seus principais romances de cunho social: *Caetés* (1933), seu romance de estreia, *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas Secas* (1938), que será um dos objetos de nossa análise. Destaca-se ainda que, dentre essas obras em questão, *Vidas Secas* é a única narrativa feita na 3ª pessoa, um relato primoroso das duras condições de sobrevivência de uma família pobre no sertão nordestino que foge da seca à procura de melhores recursos.

Percebemos que, além dessas obras advirem de um contexto cultural semelhante – a transgressão do romance do século XX e, por extensão, de seus respectivos movimentos literários –, ambas se encontram numa posição central de amadurecimento estético e temático na historiografia desses autores, com o forte intuito de representação de um cosmos próprio que não se limita apenas ao seu espaço de atuação, reverbera-se na tentativa de análise profunda daqueles que não têm voz na sociedade e acaba por refletir no entendimento da própria condição humana. Assim, fazemos um estudo de cada obra com o intuito de observar seus pontos de confluência.

1. Uma jornada funerária em terras sulistas

Enquanto Agonizo narra a saga da família Bundren, no interior do Condado de Yoknapatawpha. Após a morte da matriarca, Addie Bundren, seu marido Anse e seus cinco filhos, Cash, Darl, Jewel, Dewey Dell e Vardaman, decidem cumprir seu último desejo de ser enterrada em sua cidade natal, Jefferson, ao lado de seus parentes. Somado a esse pedido, Addie clama em seu leito de morte para que seu caixão seja feito por um membro familiar.

Podemos dizer que a narrativa de *Enquanto Agonizo* se divide em dois momentos: a construção do caixão da matriarca e a caminhada dos Bundren até Jefferson levando consigo a defuntano ataúde. O fator determinante dessas duas ações é a morte de Addie, tornando-a o centro irradiador que move as personagens. Estabelece-se, assim, um marcador temporal: a morte, que desempenhará a mediação do tempo na narrativa.

Se o grande acontecimento da primeira parte da história são os preparativos para o funeral de Addie prestes a falecer, percebemos que a própria forma na qual o texto se estrutura corrobora para a impressão desse efeito de construção. Nesse momento, a semântica do texto marca uma forte carga de edificação por meio da extensa presença de verbos e nomes que remetem ao ato de construir.

Quando chego lá em cima ele parou de serrar. No meio de um monte de aparas de madeira, ele está colocando duas das tábuas juntas. Entre os espaços em que há sombra são amarelas como ouro, tal como ouro derretido, contendo nas laterais em suaves ondulações as marcas deixadas pela lâmina da enxó: um bom carpinteiro o Cash. Ele segura as duas tábuas sobre o cavalete, juntando as pontas para que formem a quarta parte do caixão. Ajoelha-se e examina a ponta delas, depois as baixa e pega a enxó. Um bom carpinteiro. Addie Bundren não poderia desejar um melhor, um melhor caixão para descansar. Dará a ela confiança e conforto. Sigo para a casa, acompanhado pelo

Chuque. Chuque. Chuque. da enxó. (Faulkner, 2014, p. 10)

Ou seja, o ato de produção do caixão torna-se um exercício metalinguístico da própria construção do texto. Essa metalinguagem estende-se como base para o terreno da segunda parte da narrativa, o trajeto até a cidade de Jefferson. O mimetismo dessa ação de construir resultará nos caminhos que constitui a trajetória da família sulista.

Podemos dizer que o trajeto percorrido pelo grupo até a cidade de Jefferson é o acontecimento mais importante da obra. É nessa parte que a interação familiar ocorre mais profundamente e é nela que os desafios dessa jornada são postos à prova. Nessa difícil caminhada, William Faulkner parece ter o intuito de saber como seus personagens reagiriam em situações adversas que envolvem os quatro elementos naturais: terra, água, ar, fogo. A primeira dificuldade que a família encontra no caminho, e que é um dos momentos mais memoráveis da narrativa, está na queda da ponte provocada pela chuva, que dificulta a passagem da família para a outra cidade.

Estava bem perto da barragem das duas margens, a terra encoberta exceto em sua projeção onde estávamos entrando até a ponte e então descendo para a água, e a menos que conhecesse bem como a estrada e a ponte eram

antes, uma pessoa não podia dizer onde estava o rio e onde estava a terra. Era só uma mistura amarelada a barragem não mais larga do que o cabo de uma faca, conosco sentados na carroça da mula. (Faulkner, 2014, p. 102)

Nesses empecilhos postos, Faulkner expõe sutilmente, por meio da reação de cada personagem e por suas falas, traços da personalidade de cada um deles. Um dos mais marcantes é Anse, marido de Addie, cuja resposta para as dificuldades é a sua lamentação fúnebre:

“Se pelo menos a ponte estivesse de pé”, Anse diz.
O tronco emerge e vai embora. Há muito lixo e espuma, e você pode ouvir a água...
“Mas está caída”, Anse diz[...]
“Bem, Cash diz um pouco depois, o que quer fazer?”
Anse não diz nada. Ele está meio encurvado, resmungando. “Se a ponte estivesse de pé, poderíamos cruzar ela, ele diz. (Faulkner, 2014, p.104)

Se os desafios do caminho obrigam as personagens a agirem e reagirem, podemos considerar que a natureza é a válvula que impele tais ações e que se torna um agente construtivo ou destrutivo entre as personagens e seus atos. Vejamos um exemplo: no início da narrativa, é de consenso a preocupação com a possibilidade da vinda da chuva e as consequências que ela trará na travessia da família. Adiante, sabemos que a chuva causou enormes prejuízos na ponte que liga as cidades; na passagem pela ponte desmoronada, a família acaba perdendo suas mulas e a perna de Cash é fraturada pelo peso da carroça.

Começa a chover. As primeiras gotas ásperas, esparsas, caem velozes pelas folhas e atravessam o solo com um longo suspiro, como aliviada de um suspense insuportável. São grandes como balas de chumbo, mornas como se tivessem sido disparadas de uma arma; golpeiam impetuosamente a candeia com uma mórbida sibilação. (Faulkner, 2014, p. 67)

Analisando o trecho acima, nota-se que a descrição do estado da natureza sempre vem com uma carga de adjetivação, comparação e hipérboles ao ponto de personalizar a chuva em uma personagem da própria narrativa, temida por todos. Observemos outro trecho que enfoca os elementos naturais:

A trilha segue reta como um fio de prumo, desgastada por pisões e esturricada como tijolo pelo calor de julho, entre as verdes fileiras de algodoeiros, rumo ao depósito de algodão no meio da plantação, onde

muda a direção e contorna o depósito com quatro ângulos retos mal marcados e segue novamente para a plantação, desgastada pelos pés com precisão cada vez menos. (Faulkner, 2014, p. 9)

Da mesma forma que a natureza se apresenta como uma ameaça, ela também se metamorfoseia, nesse trecho, numa antiga conhecida em forma de abrigo pelo “calor de julho”, paisagem esta que é uma imagem viva nas obras do autor, pelo sol e pelas plantações de algodão. Parece-nos que a intenção de Faulkner é demonstrar que a jornada dos Bundren só pode ser alcançada mediante o equilíbrio dessas forças e a capacidade de moldagem desses personagens perante as intempéries da natureza. Isso confere à trama a sensação de movimento, já que a natureza interfere diretamente nas peripécias e desdobramentos ao longo do texto, como se seu estado afetasse de algum modo as personagens.

É interessante notar que, em nenhum momento, o mau cheiro do corpo de Addie é relatado pela família, não causando incômodo a eles. O absurdo de toda essa situação vai ser exposto não por parte do núcleo familiar, mas por aqueles que estão assistindo aleatoriamente a esse duro trajeto. O capítulo em que vemos isso mais claramente é o narrado por Moseley, um senhor boticário, que presencia a passagem do grupo perto de sua comerciaria. Neste momento, a família procura cimento para usar na perna quebrada de Cash. A parada deles com a falecida provoca uma onda de reclamações da população por causa do cheiro forte de putrefação. Como consequência, o xerife tem que intervir na situação:

Ela estava morta há oito dias, Albert disse, Eles vinham de algum lugar no Condado de Yoknapatawpha, tentando chegar a Jefferson com aquilo. Deve ter sido como um pedaço de queijo podre entrando num formigueiro, naquela carroça toda desconjuntada que Albert disse que o pessoal temia que de repente caísse aos pedaços antes que eles pudessem deixar a cidade, com aquele caixão feito em casa e outro sujeito com uma perna quebrada deitado num catre em cima do caixão, e o pai e um menino sentado e o xerife tentando fazê-los sair da cidade. (Faulkner, 2014, p. 171).

A responsabilidade da família em enterrar a matriarca deixa de ser uma dificuldade pessoal e passa a ser alvo de críticas coletivas. Esse episódio da narrativa demonstra que o problema dos Bundren sai de sua esfera particular e passa para a pública. Até este instante, Faulkner mantinha seus leitores ao espaço privado daquele núcleo familiar e seus arredores, criando um cosmo próprio de estilização, moldando as situações e as personagens à sua maneira. Quando esse microcosmo familiar entra em contato com o espaço público, o que antes era visto como uma situação surreal e até grotesca concretiza-se como um absurdo e um incômodo aos demais.

O que se expõe é que a fusão desses dois espaços, a qual podemos representar até mesmo pela dicotomia campo (Yoknapatawpha) *versus* cidade (Jefferson), causará atritos por ambos terem perspectivas diferentes sobre a situação. Faulkner escolhe um narrador aleatório para falar da confusão dessa passagem da família pela região, mas nesse discurso de Moseley inserem-se as vozes sociais dos que presenciam essa cena e que julgam severamente o ato dessa família, pensando mais no estorvo causando pelo cortejo para essa comunidade do que na razão desse ato em si.

Porém, se é dado ao homem da cidade o pensamento sobre os habitantes do campo, o autor também oferece o outro lado e mostra o que o homem do campo pensa a respeito da cidade. Isso se encontra bem exemplificado na chegada da família a Jefferson, com um duro tom de crítica no discurso do patriarca: “Em nenhum lugar deste mundo pecaminoso pode um homem honesto, trabalhador, ganhar alguma coisa. Quem ganha são os donos de lojas nas cidades, sem nenhum suor vivendo à custa de quem sua” (Faulkner, 2014, p. 91).

À medida que a jornada avança, percebemos que as personagens seguem seu percurso tendo outros objetivos não muitos nobres à vista. E, aos poucos, revela-se que o enterro da falecida é tido como um meio para os familiares realizarem seus desejos. O exemplo mais claro que temos é o de Anse, o patriarca da família, que almeja com essa dura caminhada conseguir uma dentadura na cidade de Jefferson:

Viajamos todo o dia e chegamos à fazenda de Samson ao pôr do sol e então aquela ponte também tinha caído. Eles nunca tinham o visto o rio tão cheio, e ainda não parou de chover. Os velhos da região dizem que jamais viram ou ouviram falar nisso, ninguém se lembra de nada parecido. Sou o eleito do Senhor, pois Ele castiga a quem ama. Mas raios me partem se ele não escolhe uma forma estranha de mostrar isso, parece.
Agora posso comprar aqueles dentes. Vai ser mais cômodo. Sem dúvida.
(Faulkner, 2014, p. 91)

Impera no relato de Anse uma ideia de preço e recompensa, castigo e superação. O patriarca da família parece querer tornar a peregrinação mais difícil do que já está. Nessa superação dos empecilhos que Deus põe no caminho - e aqui vemos a voz cristã que impera no texto de forma irônica e caricatural-, Anse acredita que no fim de sua jornada será recompensado. Por isso, insiste até o fim na ideia de levar sua esposa a Jefferson, mesmo sendo desaconselhado por todos, como pretexto para o ganho de um bem maior e individualizado a partir do esforço coletivo.

Outro exemplo é a filha Dewel Dell. Grávida, ela enxerga nessa viagem uma oportunidade de conseguir interromper a gravidez, já que a família desconhece o fato e o próprio pai da criança oferece-lhe dinheiro para pagar o aborto. O caso em questão é interessante, pois não nos é revelado de imediato sua gravidez e o desejo de aborto, toda ação é construída sutilmente para, no fim, a revelação acontecer:

Agora começa a dizer. New Hope cinco quilômetros, New Hope cinco quilômetros. É o que querem dizer com o útero do tempo: a agonia e as desesperança dos nossos ossos estendidos, a dura cintura na qual repousa as indignadas entranhas dos fatos a cabeça de Cash vira devagar à medida que chegamos perto, seu pálido vazio triste sereno e inquisitivo rosto acompanha a curva vermelha e vazia. (Faulkner, 2014, p. 201)

A narrativa é atravessada por um fluxo de consciência e, num discurso em que expressões como “útero do tempo”, “dura cintura”, “indignadas entranhas” nos parece desconjuntadas, sua gravidez revela-se por uma imagem que Faulkner arquiteta: o útero do tempo revela a progressão temporal na forma de um pequeno feto, o que acaba por corroer as esperanças da filha de esconder o avanço da gravidez.

A odisseia percorrida pelos Bundren é tanto física quanto psicológica. Esta, porque são reveladas as camadas que compõem esses personagens no desenrolar da narrativa, mostrando os segredos, os desejos e os conflitos que moldam suas figuras do interior para suas efetivas ações. E aquela, pois o meio deixará marcas visíveis nessa jornada.

O rosto parece um encovado, afundado nos cantos ossudos dos buracos dos olhos, nariz, gengivas, como se a água tivesse afrouxado a firmeza que mantinha a pele esticada; seus dentes nas gengivas pálidas estão um pouco entreabertos como se ele tivesse rido em silêncio. (Faulkner, 2014, p. 131)

O filho Jewel sofre graves queimaduras, Cash fratura a perna, Darl vai para o hospício, Dewey Dell é abusada sexualmente na tentativa de interromper a gravidez e Anse, finalmente, consegue sua sonhada dentadura. Por fim, após uma longa jornada, Addie é enterrada em Jefferson e ironicamente Anse, além de sua dentadura, arruma uma nova Mrs. Bundren. Marca-se o fim de um ciclo e o começo de outro, tanto nesse recente arranjo quanto na garantia da futura geração dos Bundren presente na barriga da filha: morte e vida se entrecruzam nesse exercício de reflexão da condição humana que William Faulkner produz nas trilhas do seu Condado de Yoknapatawpha.

2. Os caminhos da seca

Vidas secas, romance publicado em 1938, narra a trajetória de Fabiano, sua esposa Sinhá Vitória, seus dois filhos pequenos e a cachorra Baleia, forçados a se deslocarem, enfrentando um período longo de seca durante sua caminhada, até encontrarem uma fazenda onde se instalarão. Fabiano, mais tarde, acerta-se com o dono da fazenda, se comprometendo a cuidar dela por um determinado tempo.

O enredo, em si, não apresenta grandes complicações, podemos considerar que a história se concentra na mobilidade ou na possibilidade de mudança- e tomamos aqui a mais pura ideia de movimento- que cerca esse núcleo familiar. Logo no primeiro capítulo, intitulado “Mudança”, vemos Fabiano e sua família numa dura caminhada pela seca nordestina: “os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos” (Ramos, 2014, p. 9), até encontrarem uma fazenda que se estende como um raio de esperança para aqueles andantes: “A fazenda renasceria- ele Fabiano, seria vaqueiro, para bem dizer dono daquele mundo” (Ramos, 2014, p.16).

Nesse primeiro capítulo, o autor recorre a uma interessante inversão: não nos é apresentada a totalidade da caminhada da família, pelo contrário, é neste capítulo que os caminhantes se estabelecem na região. Ao fazer um corte da “trajetória da seca”, é imputado ao leitor a extensão do sofrimento das personagens e, ao mesmo tempo, impõe-se no relato um sentido de continuidade do qual não fazemos parte.

Essa rotação presente na narrativa confere um caráter cíclico ao texto e desestabiliza teorias de que o romance *Vidas secas* seria um romance sem uma unidade central, uma série de quadros que poderiam ser lidos isoladamente. Confluímos nosso pensamento ao do teórico Luís Bueno, que atesta a impossibilidade de uma leitura desmontável do romance “uma vez que para desmontá-lo precisamos atender a tantas restrições que o que sobra é o romance inteiro, tal qual foi publicado” (Bueno, 2006).

O sentido de movimento, principalmente nos capítulos “Mudança” e “Fuga”, perpassa a obra, apesar de termos nos demais capítulos a estabilidade da família, que vem na forma de moradia e comida. O autor evoca a todo o momento essa sensação de marcha e necessidade de deslocamento e utiliza como combustível para intensificar essa impressão a imagem-terror da *seca*, tornando-a o elemento constante da obra, imutável perante o sentimento das personagens:

Dentro em pouco o despotismo da água ia acabar, mas Fabiano não pensava no futuro. Por enquanto a inundação crescia, matava bichos, ocupava grotas e várzeas. Tudo muito bem. E Fabiano esfregava as mãos. Não havia o perigo da seca imediata, que aterrorizava a família durante meses. A caatinga amarelecera, avermelhara-se o gado principiara a emagrecer horríveis visões de pesadelo tinham agitado o sono das pessoas. (Ramos, 2014, p. 65)

A seca não é somente a mola impulsora do trajeto obrigatório das personagens, ela também personifica o pesadelo da família. No trecho em questão, presente no capítulo “Inverno”, Fabiano medita a sua boa situação já que a chuva chegou

inundando a região e afastando os indícios do clima árido. Graciliano personifica a seca num ambiente inóspito, pesadelo tão horrendo que não é necessário apresentar-nos os pormenores do período tangente à caminhada da família na caatinga nordestina, apenas mencionando-a, iniciando o romance já na fase da prosperidade. A semântica da seca é associada a ossadas, urubus, aludindo a morte que se faz presente logo no primeiro capítulo, quando sabemos que o papagaio da família passou da condição de animal de estimação a fonte de alimento.

Inserimos, assim, o elemento natural como mediador das ações das personagens. Ao homem é apresentada uma natureza que interfere nos seus atos e molda sua personalidade, a secura deixa de ser apenas um aspecto climático e passa a constituir o interior das personagens, das relações desse núcleo familiar. Interessante constar que a natureza apresenta duas faces: transfigurando-se em polos negativos e positivos e, ainda sim, o único refúgio-limite destes.

Todos os lugares conhecidos eram bons: o chiqueiro das cabras, o curral, o barreiro, o pátio, o bebedouro-mundo onde existia seres reais, a família do vaqueiro e os bichos da fazenda. Além havia uma serra distante e azulada, um monte que a cachorra visitava, caçando preás, veredas quase imperceptíveis na catinga, moitas e capões de mato, impenetráveis bancos de macambira-e aí fervilhava uma população de pedras vivas e plantas que procediam como gente. Esses mundos viviam em paz, às vezes desapareciam as fronteiras, habitantes de dois lados entendiam-se perfeitamente auxiliavam-se. (Ramos, 2014, p. 58)

O trecho sinalizado sugere que dentro de um espaço físico- a natureza-coexistem pequenos cosmos que interferem e auxiliam o homem. Desse relato, depreendemos um sertão que se torna o ambiente de fuga e abrigo da família, um espaço de representação das relações estabelecidas entre as personagens. É nesse microcosmo de atuação que a natureza e o homem criam conexões e almejam um equilíbrio no qual o elemento social não se enquadra nessa relação.

As adversidades naturais em nada se comparam com o desajuste do núcleo familiar ao contato com a sociedade. Todo episódio que apresenta o encontro dos retirantes com o núcleo social traz como consequência a perda do equilíbrio dessa família. Sendo assim, é fácil entender o processo de personificação na qual a natureza é exposta, não sendo apenas um recurso de composição, ela é assimilada à condição das personagens.

Hermenegildo Bastos (2014) observa que Graciliano Ramos coloca seus personagens num espaço no qual a natureza não atua como paisagem, mas é o outro complementar do homem, modelando-o e impondo limites a partir dos quais

ele trabalha e submete-se aos imperativos da escassez e da necessidade. O homem, portanto, atua como um produto e produtor desse espaço que o enquadra. Uma vez fora desse espaço-limite, os personagens mostram seu desajuste com aqueles a quem, em tese, lhe são semelhantes.

Fabiano tentava não perceber essas desvantagens. Marchava direto, a barriga para fora, as costas aprumadas, olhando a terra distante. De ordinário olhava o chão, evitando as pedras, os tocos, os buracos e as cobras. A posição forçada cansou-o. E ao pisar da areia do rio, notou que assim não poderia vencer as três léguas que o separavam da cidade. Descalçou-se, meteu as meias no bolso, tirou o paletó, a gravata, o colarinho, roncou aliviado. Sinhá Vitoria decidiu imitá-lo: arrancou os sapatos e as meias, que amarrou no lenço. Os meninos puseram-se as chinelinhas debaixo do braço e sentiram-se à vontade, (Ramos, 2014, p. 72)

O relato acima faz parte do capítulo “Festa” e é a única excursão de toda a família na cidade para a comemoração do Natal. Fora da fazenda, os personagens são expostos a um desajuste perante um ciclo social que não estão acostumados e o resultado é a resignação de todos os membros do clã. As roupas que incomodam a família são o símbolo dessa inadequação e, numa sutil ironia, delimita as roupas sociais a que eles fazem parte. A opressão desse ambiente é sentida até mesmo pela cachorra Baleia:

Tentaram explicar-lhe o que tinha tido susto enorme por causa dela, mas Baleia não ligou importância à explicação. Achava é que perdiam tempo num lugar esquisito, cheio de odores desconhecidos. Quis latir, expressar oposição a tudo aquilo, mas percebeu que não convenceria ninguém e encolheu-se, baixou a cauda, resignou-se ao capricho de seus donos. (Ramos, 2012, p. 81)

O trecho acima abarca duas vias: Baleia humaniza-se no sentimento de opressão junto aos seus donos e, na contramão, o desajuste da família marca uma animalização condizente à imagem que, mais adiante, Fabiano invoca: a de um tatu, representante do claro desejo de fuga e encolhimento em face daquele ambiente. E se o encontro do microcosmo com o macrocosmo evidencia a opressão da vida dos sertanejos, Graciliano aposta numa fuga de narrativa que amplie o espaço de identificação destes. Todos em *Vidas Secas* almejam a realização de um desejo e é na busca dele que o autor constrói sua idílica fuga.

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes. (Ramos, 2014, p. 91)

Seja na possibilidade da compra de uma cama, almejada por Sinhá Moça, ou na projeção de um futuro em que o filho tem o pai como figura a ser copiada, no encantamento das palavras sentido por Fabiano que o faz admirar Seu Tomás da Bolandeira, ou no refúgio da morte por Baleia, essa necessidade de fuga – uma fagulha da esperança de melhorias – é impedida de ser realizada plenamente, uma vez que as estruturas sociais invocam a sua condição opressora e impõem seus limites. É nessa barreira em que os limites são internalizados e amputados, mas não totalmente combatidos, que tanto o narrador quanto os personagens tomam consciência da vida do sertanejo, por meio da técnica narrativa do discurso indireto livre.

[...] Precisava fatigar-se no lombo de cavalo ou passar o dia consertando cercas. Derreado, bambo, espichava-se e roncava como um porco. Agora não lhe seria possível fechar os olhos. Rolaria a noite inteira sobre as varas, matutando naquela percepção. Desejaria imaginar o que ia fazer para o futuro. Não ia fazer nada. Matar-se-ia no serviço e moraria numa casa alheia, enquanto o deixassem ficar. Depois sairia pelo mundo, iria morrer de fome na catinga seca. (Ramos, 2014, p.99)

A impossibilidade de uma “fuga onírica”, não apenas espacial como também vertical, no sentido de ascensão de classes, confere ao romance um tom determinista. Essa impressão torna-se ainda mais nítida pelo aspecto cíclico do romance, extinguindo a possibilidade de mudança daquele microcosmo retratado no espaço-tempo. Fazemos uma relação de dependência espaço-temporal, uma vez que o tempo da narrativa se dá no deslocamento destes personagens: o romance inicia com o término da caminhada da família e finaliza com o início de outra caminhada com a aproximação do período da seca.

É evidente que a passagem do tempo no romance está intimamente ligada à aproximação que essa família tem com a natureza, tornando-a o relógio cronológico de dependência da narração, e expande-se à construção psicológica destes sujeitos. A escassez de um marcador temporal além dos preceitos de tempo da natureza é o reflexo de uma família que, distante das convenções e dos desajustes sociais, internalizam um tempo primitivo, intimamente ligado ao natural, onde pouca dessa construção é delimitada pelo tempo.

O que se tem, por fim, como descreve Bastos (2014), é a construção da trajetória cíclica dessa e de outras famílias retirantes, narradas perante um mundo reificado, cuja luta do homem é a sua fuga a um espaço de liberdade.

3. Para além do Condado de Yoknapatawpha e do sertão nordestino

Enquanto Agonizo e *Vidas Secas* carregam em seu âmago o exercício da resistência mediante condições físicas e sociais desfavoráveis. Ordenados por um começo em comum, o trajeto forçado de núcleos familiares por diferentes razões, é no caminho dessa resiliência dada em situações-limites que William Faulkner e Graciliano Ramos convergem suas poéticas na busca de uma representação fidedigna de seus espaços de atuação.

Ambos os autores proporcionam ao leitor a oportunidade desgastante de vivenciar o trabalho, a fadiga e os limites naturais e sociais da existência humana. Se o ponto de partida das histórias assemelha-se, os caminhos (fins estéticos) para conseguir tal representação marcam atalhos que os separam, aproximam, entrecruzam, mas que no fim se confluem num exercício de reflexão da condição humana, independente das barreiras geográficas e das distintas marcas literárias.

Tanto a narrativa de William Faulkner quanto a de Graciliano Ramos recorrem ao ato literal da caminhada como um meio de atingir seu objetivo. Os Bundren percorrem quilômetros para enterrar a matriarca, a família de Fabiano foge da seca ao encontro de melhores condições e é nessa desventura espacial, em que a morte é capaz de empurrar a vida, que o universo de representação começa a se delinear na tentativa de compreensão daqueles personagens.

Surge, assim, a necessidade de localização de um cosmo próprio. O Condado de Yoknapatawpha e o sertão brasileiro se espelham ao moldurar uma espécie de confinamento, onde o homem que habita essas terras vê-se num mundo completo e fechado, abalado quando entra em contato com a esfera social. Uma vez que esse universo emerge, é conferida ao autor a possibilidade de manuseá-lo ao seu intuito. Verificamos que o espaço mimético de Faulkner e Graciliano em muito se assemelham: povoado de famílias de poucos recursos, ignorantes, na maior parte, de sua situação e resignados por sua condição social. Esta os isola e distancia-os dos restantes. Uma vez estabelecida essa distância social é na natureza que o homem de *Enquanto Agonizo* e *Vidas Secas* encontrará amparo e, ao mesmo tempo, castigo na sua jornada.

A natureza é uma questão que também atinge ambas as obras. Ao passo que, em *Enquanto Agonizo*, os Bundren passam por uma verdadeira prova de superação dos quatro elementos naturais, em *Vidas Secas*, a fuga da família será por causa da seca. Eis aqui um dos principais pontos de convergência das duas obras: o elemento natural

agirá como fator temporal e combustível de ação e deslocamento das personagens. Todavia, faz-se um atento à questão da natureza nos textos: não é a relação natureza-humana e natureza-física que está sendo problematizada. As obras abrem margem para a discussão das relações entre a ordem social *versus* a natureza.

No texto *Manuscritos econômico-filosóficos*, Karl Marx (2004) disserta o fato de que o homem, assim como os animais, vive de uma natureza inorgânica, estando sempre em intercâmbio com ela. Contudo, essa afirmativa não iguala o homem à natureza, pelo contrário, o homem como agente consciente a manipula para a construção prática de seu mundo objetivo. A natureza aparece como o trabalho e realidade desse homem, é sua confirmação como ente-espécie. A mística de um regresso da natureza humana à vida natural, primitiva, é condenada por Marx, taxado por um naturalismo de aparências, isto porque o estágio em que o homem se encontra é o resultado de um processo histórico, cujo sistema de produção que ele está inserido se caracteriza como o estágio final de evolução.

No prefácio de sua obra *Contribuição à crítica da economia política* (2008), o teórico ainda atesta que o indivíduo só produz em sociedade, este é um ser eminentemente social e histórico, movido pelas novas forças produtivas desenvolvidas a partir do século XVI. Para Marx, o indivíduo aparece dentro de um contexto mais vasto, cuja vivência em sociedade é essencial para sua constituição como sujeito e como fator de desenvolvimento de suas potencialidades.

O caminho de uma fusão indissociável que alinhe a essência do indivíduo a uma natureza primitiva, evidenciada nos romances, não surge como um campo de possibilidade, um ideal naturalista, mas sim como um grave sintoma de regressão da condição humana. As relações sociais estão sendo obstruídas em face de uma ordem social e econômica que não acolhe tais sujeitos. O desenvolvimento das capacidades humanas desses personagens está sendo impedido por uma sociedade que os rejeita, a marginalização desses indivíduos é tamanha ao ponto de se realizar uma reserva ética do homem perante a natureza. Essa ética na sociedade não lhes é conferida, uma vez que os personagens de Faulkner e Graciliano são oprimidos pela ordem social. A forte animalização do indivíduo moldado esteticamente nesses romances é uma forte denúncia das perdas das relações sociais que constituem o sujeito como próprio ser. Independente do lugar em que ele esteja, configura-se como um fenômeno universal. Como dito anteriormente, não se trata de uma relação natureza humana e física, mas do desequilíbrio entre meio social e natural.

Ainda, os dois romances unem a tentativa de representação dos pobres. Para William Faulkner e Graciliano Ramos interessam a compreensão dos que estão por baixo, sendo o foco do discurso. Porém, é nesse ponto que as duas obras tomam caminhos distintos. Em *Enquanto Agonizo*, temos uma narrativa composta por vários relatos dos membros daquela família, que fundem na sua voz acontecimentos

presentes e do passado e que nunca se completam inteiramente, uma verdadeira colcha de retalhos. A escolha de inúmeras vozes para compor o relato reflete a dissonância que se encontram os Bundren, família que, apesar de estarem unidos por todo livro, mostram-se distantes em sua interação. Faz-se presente na narrativa faulkneriana o excesso de flashbacks, quebras temporais, fluxo de consciência, ao passo de não sabermos do relato por completo. O escritor norte-americano propõe a nós leitores descobrirmos os segredos e provações dessa família à medida que acompanhamos sua jornada funerária.

Impõe-se no relato do romance *Enquanto agonizo* o total controle da narração por aqueles que estão por baixo. Ao mesmo tempo, Faulkner não lhes confere plenamente a narração, pois sabe que seus personagens são inábeis no manuseio da palavra, o que resulta na desconstrução dos elementos da narrativa. É o discurso da matriarca, Addie Bundren, que melhor exprime essa dialética: “Foi quando aprendi que palavras não servem para nada; que as palavras não se encaixam nem ao que querem dizer” (Faulkner, 2014, p. 144).

Para William Faulkner, a palavra é um jeito de tornar o homem um objeto, formas sem significação, espécie de floreio. Assim, sobra nos atos das personagens a representação e a evidência de quem são. O autor busca representar retrato daquele condado por meio das inter-relações e da dinâmica daquele núcleo familiar, ilustradas por suas ações – em grande parte, mesquinhas e disfuncionais – e da dissonância de suas vozes.

Ao passo que, em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos não centraliza seu discurso na voz de suas personagens, mas é dada ao narrador, que é uma voz de cima, a oportunidade de compreensão destes através do uso do discurso indireto livre, no diálogo em que as vozes do narrador (letrado) e dos personagens (iletrados) se misturam na tentativa de apontar as saídas dessa condição opressora (Bastos *apud* Ramos, 2014). Mas, ao negar essa perspectiva da palavra para os personagens, o autor reflete a relação deles com o discurso: mesmo que tenham a chance de ter voz, esta é amputada pelo simples fato de que a família não consegue verbalizá-la.

A linguagem em *Vidas Secas* passa por dois polos: o da admiração, marcado pelo encanto das palavras e pelo desejo de alcançar uma vida melhor com o conhecimento delas, e o da desconfiança, gerada pela manipulação da palavra por aqueles que representam o poder: Soldado Amarelo, Tomás da Bolandeira. Uma vez que a palavra perde a capacidade de significação em ambos os universos, cabe ao homem sua introspecção, o que eleva ambas as narrativas ao exercício da distância: distância entre o núcleo familiar, distância social e distância de si mesmos.

Tais opções discursivas nos romances criam um efeito de desagregação. Enquanto *Agonizo* e *Vidas Secas* configuram-se em sua estética como romances de decomposição por excelência. Nada nos é apresentado por inteiro. O que temos são fragmentos do tempo, do espaço, das personagens, do narrador. O descompasso do mundo moderno reflete nas obras, por isso nada está completo ou passível de total compreensão.

Considerações finais

Compreende-se que, neste universo despersonalizado, resta às personagens destes romances a continuação de sua jornada. Se o que se impõe na narrativa é um destino fatalista e de opressão, as duas obras abrem espaço para o mundo da liberdade. Esta vem no sonho de realização de seus desejos. Toda a trajetória dos retirantes nordestinos quanto a dos Bundren esbarram no alcance de seus sonhos, seja na forma de uma vida melhor para Fabiano e sua família, seja na forma mesquinha e rudimentar dos habitantes do sul estadunidense. É conferida às duas obras o escape momentâneo do indivíduo a um universo onírico de sonhos e contemplações.

No fim, um novo ciclo se acentua com o fim de uma jornada e início de outra. Tanto na volta da seca nordestina quanto no regresso familiar a Yoknapatawpha, ambas as narrativas convergem numa rota cíclica que representa uma condição humana imutável, ontológica e universal, que cobre desde as terras místicas do Mississippi ao agreste nordestino.

Referências

ARAÚJO, Adriana de Fátima Barbosa. O regionalismo como outro. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 28. p. 113-124, 2006. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9107/8115>. Acesso em: 14 abr. 2024.

BARBOSA, João Alexandre. A modernidade do romance. In: PROENÇA FILHO, Domício, org. **O livro do Seminário**. São Paulo: LR Editores, 1982.

BROWN, John. **Panorama da Literatura Americana do Século XX**. Editora Dom Quixote, 1973.

BUENO, Luís. Guimarães, Clarice e antes. **Teresa: revista de literatura brasileira**, n. 2, p. 249-261. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116596>. Acesso em: 24 abr. 2024.

_____. **Uma história do romance de 30.** São Paulo: Edusp; Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Anotações à margem do regionalismo. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, v. 5, n. 5, p. 44-55, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/l/article/view/18327/20390>. Acesso em: 23 abr. 2024. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.voi5p44-55>.

HOFFMAN, Frederick J. **William Faulkner**. Twayne Publishers, Inc, 1966.

FAULKNER, William. **Enquanto Agonizo**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

_____. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

_____. **Vidas Secas**. Posfácio de Hermenegildo Bastos. Rio de Janeiro: Record, 2014.

Submissão: 24/04/2024

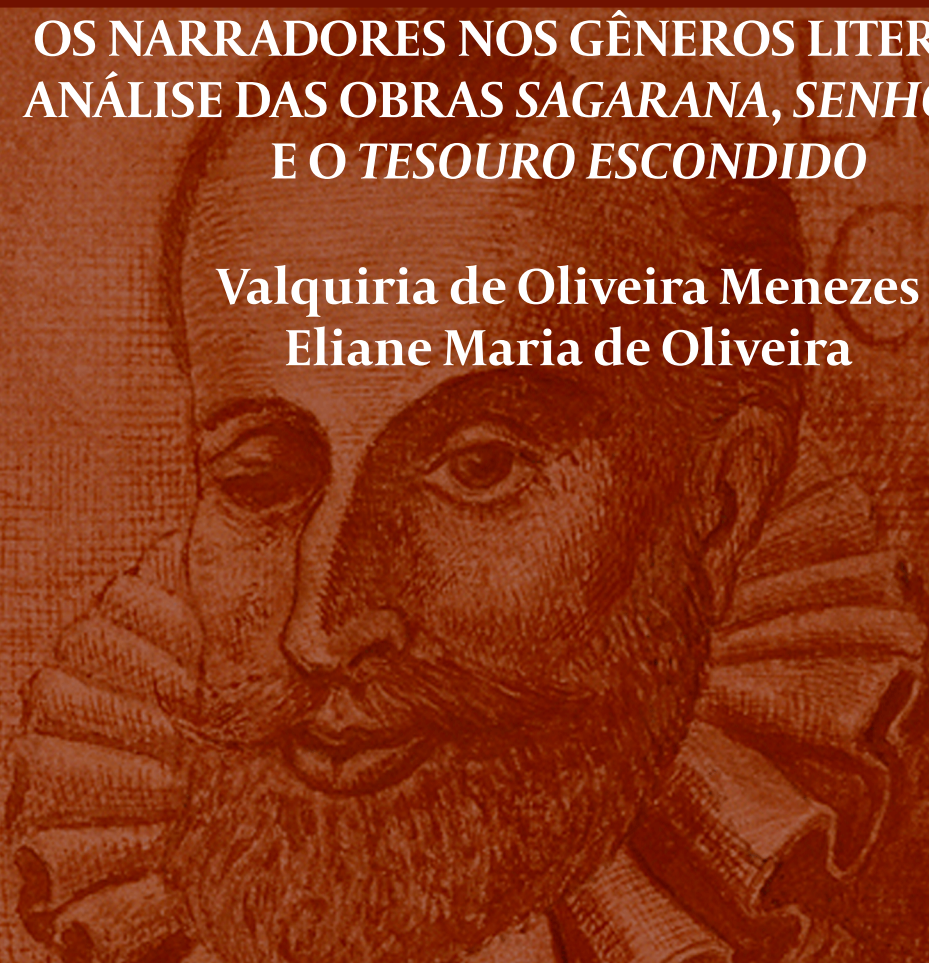
Aceito: 06/05/2024

Vol. 01, **Nº 02** (2024)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**

OS NARRADORES NOS GÊNEROS LITERÁRIOS:
ANÁLISE DAS OBRAS SAGARANA, *SENHORINHA*
E O *TESOURO ESCONDIDO*

Valquiria de Oliveira Menezes
Eliane Maria de Oliveira



**OS NARRADORES NOS GÊNEROS LITERÁRIOS:
ANÁLISE DAS OBRAS SAGARANA, SENHORINHA
E O TESOURO ESCONDIDO**

**NARRATORS IN LITERARY GENRES:
ANALYSIS OF THE WORKS SAGARANA, SENHORINHA
AND THE HIDDEN TREASURE**

Valquiria de Oliveira Menezes¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0643-7778>

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4390722721926312>

Eliane Maria de Oliveira²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0560-4570>

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4390722721926312>

RESUMO: O estudo do narrador na obra literária vem sendo relegado a um papel secundário na teoria literária, entretanto, nesta pesquisa, observa-se a importância da construção de um narrador adequado, segundo as tipologias vigentes, para enfatizar sentidos e enriquecer a narrativa. Dito isto, o objetivo do estudo é validar as classificações tipológicas do narrador, evidenciando que há complexidades narrativas ainda não exploradas que cabem a este elemento. Dessa forma, a partir de pesquisa bibliográfica e revisão de literatura publicada, busca-se evidenciar a diversidade narrativa proporcionada pelo narrador, observando-o nos diferentes gêneros literários e destacando sua contribuição para a construção da história, dos sentidos possíveis e enriquecimento da narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Narrador; Novela; Conto; Romance.

ABSTRACT: The study of the narrator in literary works has been relegated to a secondary role in literary theory, however, in this research, the importance of constructing an appropriate narrator is observed, according to current typologies, to emphasize meanings and enrich the narrative. That said, the objective of the study is to validate the narrator's typological classifications, highlighting that there are narrative complexities that have not yet been explored that fit this element. Thus, based on bibliographical research and review of published literature, we seek to highlight the narrative diversity provided by the narrator, observing him in different literary genres and highlighting his contribution to the construction of the story, possible meanings and enrichment of the narrative.

KEYWORDS: Narrator; Novel; Tale; Romance.

¹ Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Campo Grande/MS, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0643-7778>. E-mail: kiro-menezes@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8150412336237379>.

² Docente no curso de Letras UEMS (aposentada 2020). Doutora e Pós-doutora em Letras (UNESP e UFMG). Campo Grande/MS, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0560-4570>. E-mail: eliane-mariadeoliveira63@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4390722721926312>

As obras selecionadas para o estudo aqui apresentado pertencem a três gêneros literários distintos: romance histórico moderno, conto e novela. Para compreender as características específicas dos gêneros, serão feitas reflexões críticas a partir de alguns lanços selecionados das obras, com o que se pretende demonstrar a relevância do narrador para a construção da narrativa e dos efeitos desejados e esperados para determinado gênero.

Ao analisar a tipologia do narrador, pode-se classificá-lo com características gerais, isto é, como será exposto neste estudo, é possível considerar que o narrador é aquele que conta uma história ao leitor, e, enquanto contador de histórias, possui características únicas que lhe propiciarão personalidade própria dentro da obra. Sabe-se que os narradores podem ser alheios à história que estejam contando. Do mesmo modo, há narradores que se tornam íntimos do leitor e, na narrativa, realmente podem ser sentidos como confidentes ou sátiros sentados em rodas informais.

As obras aqui destacadas possibilitam que se dê início à reflexão acerca do estudo complexo da narrativa em suas variadas formas de contação, ou seja, foram propositalmente escolhidas com gêneros distintos para que se possa delinear disparidades e semelhanças de construção narrativa. A literatura comparada permite que se observe um elemento, isolando-o do texto, analisando e refletindo-se sobre seu papel na narrativa, bem como sua consequente contribuição para a construção dos sentidos presentes na composição literária.

Os objetivos da pesquisa buscam, em suas especificidades, evidenciar a diversidade narrativa proporcionada pelo narrador, seja ele uma personagem ou um contador de histórias. Além disso, observar nos diferentes gêneros literários não apenas a presença do narrador, mas principalmente, sua contribuição para a construção da história, dos sentidos possíveis e o enriquecimento literário próprio de sua presença na narrativa.

1. Voz da Narrativa: o contador de histórias

Existem várias tipologias de classificação do narrador na literatura, que podem variar em complexidade e critérios utilizados. Algumas das tipologias mais comuns são elencadas por Bitencourt (1999) na seguinte categorização: Narrador Personagem; Narrador Observador; Narrador Onisciente; Narrador Testemunha; Narrador Não Confiável; Narrador Focalizador; Narrador Coletivo; Narrador Heterodiegético.

De acordo com Booth (1961 apud Bitencourt, 1999), é chamado Narrador Personagem o que fica explícito, ou seja, trata-se de um narrador que é personagem dentro da história, que participa ativamente dos eventos e pode ter um conhecimento

limitado dos fatos. Esse tipo de narrador utiliza pronomes em primeira pessoa (“eu”) para se referir a si mesmo. Esse conceito contrasta com o que Propp (1984) define como Narrador Observador, cujo papel na narrativa é ser um observador externo aos eventos da história e relata o que vê e ouve. De acordo com Perdigão (2004), ele pode ter um conhecimento limitado das motivações e pensamentos dos personagens e geralmente utiliza pronomes em terceira pessoa (“ele”, “ela”).

Por sua vez, o Narrador Onisciente (Booth, 1961) define-se como aquele tipo de narrador que possui conhecimento ilimitado dos eventos, pensamentos e motivações dos personagens. Ele pode se mover livremente no tempo e no espaço e fornecer *insights* profundos sobre a história e os personagens. Diferentemente do Narrador Testemunha, que lembra a ideia do personagem que narra a história, no entanto, neste caso, segundo Bitencourt (1999), o narrador é um personagem que testemunhou os eventos da história, mas não os participou diretamente. Ele relata os eventos com base em suas próprias observações e experiências.

De acordo com Booth (1961), a tipologia de Narrador Não Confiável remete àquele contador que apresenta informações distorcidas, enganosas ou incompletas, levando o leitor a questionar a veracidade dos eventos narrados. Isso pode ser feito de forma intencional ou não pelo narrador. Booth (1961) demonstra que os narradores não confiáveis podem ser uma ferramenta poderosa para os escritores, permitindo-lhes criar tensão narrativa, explorar a subjetividade da experiência humana e desafiar as expectativas do leitor. Ele analisa várias obras literárias clássicas para ilustrar diferentes tipos de narradores não confiáveis e discute como esses narradores afetam a interpretação da história pelo leitor.

Ainda nessa perspectiva de narradores que enriquecem a narrativa ao guiar uma história, há o Narrador Focalizador, que direciona o foco da história para um personagem específico, relatando os eventos principalmente da perspectiva desse personagem. Isso pode permitir uma maior imersão na mente e nas emoções desse personagem; e também, o Narrador Coletivo, ou seja, uma voz coletiva que representa um grupo de pessoas ou uma comunidade. Ele relata os eventos da história do ponto de vista compartilhado por esse grupo (Bal, 1977).

Por fim, para abranger a maior parte dos tipos de narradores encontrados na literatura até o presente momento, Genette (1972) destaca o narrador heterodiegético como um dos tipos mais comuns de narradores na literatura. Ele é frequentemente usado em narrativas em terceira pessoa, em que o narrador é uma entidade separada dos personagens e dos eventos da história. Dessa maneira, o narrador heterodiegético é aquele externo à história que conta e não faz parte dos eventos narrados. Ele relata os eventos de forma objetiva, sem participar diretamente deles (Genette, 1972).

Vários são os autores que classificam em tipologias as variações do narrador, podendo-se encontrar, entre elas: onisciência intrusa, onisciência neutra, “Eu” como testemunha, “Eu” como protagonista, onisciência seletiva múltipla, onisciência seletiva, modo dramático e câmera (Friedmann, 1967). Alguns desses conceitos serão tratados na proposta de análise dos tópicos do narrador no gênero literário, portanto não serão discriminados neste momento.

Entretanto, observa-se que cada um dos tipos de narrador, seja qual for o gênero literário, oferece vantagens e inconvenientes que irão favorecer ou não os efeitos almejados. Ou seja, a escolha do ponto de vista, segundo Friedmann (1967), está relacionada também ao tema e à natureza da ilusão de realidade que se deseja produzir, desta forma, as intrusões do autor permitem a ironia e a generalização filosófica, ao passo que a apresentação da história por um eu protagonista permite mostrar um espírito em vias de descoberta.

Estas são apenas algumas das tipologias de classificação do narrador na literatura. Muitas vezes, um narrador pode incorporar características de mais de um tipo, tornando a classificação mais complexa. A escolha do tipo de narrador pode ter um impacto significativo no estilo e na experiência de leitura de uma obra literária, dessa forma, a análise de gêneros diferentes permitirá que haja uma visão holística acerca do papel e complexidade do narrador na história.

1.1 Sagarana: as novelas

Parafraseando Moisés (2000), a novela é composta com pluralidade dramática sequencial, ou seja, pela escolha dos elementos de composição, as ações da trama se encadeiam sem que haja aprofundamento nas personagens, no tempo da narrativa ou descrições exacerbadas do espaço; a sucessividade com sequências alteráveis se refere à mudança de espaço que o protagonista vivencia sem prejuízo da trama.

O uso do tempo, por sua vez, geralmente histórico, é determinado pelo relógio e pelo calendário. O espaço, segundo Moisés (2000), é definido pela pluralidade dramática coerente com as ações encetadas pelo protagonista, bem como o uso de linguagem denotando as circunstâncias da narrativa, não se prendendo ao elemento descritivo mais que o necessário para que se estabeleça a próxima ação.

Outra característica marcante é a presença de personagens sem um limite na quantidade ou no momento em que aparecerão no enredo, podendo facilmente se deixar personagens secundárias de lado sem maiores divagações durante a trama. De acordo com Oliveira (2010), o enredo com ritmo acelerado e fluidez narrativa **é a característica mais marcante da novela.**

Nesse sentido, “ao contrário do que acontece com o conto, a novela desenvolve vários enredos ao longo da narrativa, que podem estabelecer conexões entre si” (Moisés, 2000, s/p), permitindo que as relações sejam construídas entre o narrador e as características da novela, como é possível observar nas passagens selecionadas de Sagarana, proporcionando exemplos dos tipos de narradores encontrados nas novelas.

Na novela *Minha Gente* da obra *Sagarana*, o narrador é em primeira pessoa com tipologia homodiegética e impressões narrativas passando apenas pelo narrador e protagonista da fábula. O leitor é levado no mesmo foco narrativo que o narrador, o que podemos ver no intervalo: “Quando vim, nessa viagem, ficar uns tempos na fazenda do meu tio Emilio, não era a primeira vez” (Rosa, 1946, p. 120). O narrador estará todo o tempo da narrativa intrinsecamente envolvido na trama dos acontecimentos. Mesmo sendo em primeira pessoa e tendo o foco narrativo filtrado pelos julgamentos do narrador, os acontecimentos decorrem aligeirados, tendo o protagonista vários episódios vivenciados com personagens variados ao longo da trama, inclusive com o aparente par romântico, a prima Maria Irma.

A novela se desenrola como se fosse um diário do narrador, o que, ainda que não se aprofunde nas características psíquicas deste, permite ao leitor criar uma imagem de garoto de cidade que não sabe bem como agir em meio à família que vive no campo. Diferente deste narrador homodiegético cujo julgamento filtra as imagens passadas ao leitor, em *A volta do marido pródigo* (Rosa, 1946, p. 56), o que o leitor tem é um narrador heterodiegético que não apenas não participa da narrativa, mas é como se apenas observasse de longe e narrasse – como nas radionovelas – os acontecimentos ao leitor:

— Olá, Batista! Bastião, bom dia! Essa força como vai?...
— Boa tarde! Lalino tem um soberbo aprumo para andar.
— Ei, Túlio, cada vez mais, hein?
— An-han...
[...] (Lá além, Generoso cutuca Tercino:
— Mulatinho descarado! Vai em festa, dorme que-horas, e, quando chega, ainda é todo enfeitado e salamistrão!...) (Rosa, 1946, p. 56)

Essas duas características narrativas não são exclusividade da novela, porém, a sequência acelerada que ambos os textos apresentam, esta sim é comumente encontrada neste gênero literário. O tipo de narrador apenas empresta à novela efeitos únicos, como em *Minha Gente*, quando o narrador percebe que o amigo está se afogando, mas salvar a própria vida lhe parece mais importante. Não há julgamentos

externos à sua atitude, porém ele mesmo, em sua consciência, critica-se e cuida para guardar segredo de sua covardia diante do companheiro de pesca. Em *A volta do marido pródigo*, por outro lado, o narrador não exprime seu julgamento diante das ações de Lalino Salãnthiel, mas o foco narrativo delegado à voz das personagens que são companheiros de trabalho de Lalino, estas exprimem julgamentos. É o chamado narrador heterodiegético neutro, e na novela de Guimarães Rosa, exerce um papel muito peculiar, o de permitir ao leitor que conceba a imagem de Lalino como desejar.

Outra observação nas novelas de *Sagarana* deve se voltar às personagens: planas, segundo o conceito de Forster (1969), que ao analisar as pessoas na história contada, afirmou que personagens planas são em geral típicas e se constituem por características gerais, tanto morais quanto sociais ou econômicas, e que o *tipo* é uma personagem construída com caracteres típicos, imutáveis, tanto morais, sociais, econômicos. Nessa categoria tem-se: o capitalista, o jornalista, o fanfarrão, o chato, a dona de casa, a professora, a avarenta etc. São construídas, segundo ele, “ao redor de uma única ideia ou qualidade” (Forster, 1969, p. 53-54), se há um desvio nessa qualidade ou uma mudança na ideia, a personagem é esférica e Forster (1969) define como fator de curva às personagens redondas, psicologicamente complexas.

1.2 *Tesouro escondido*: o conto

O conto e a novela são os gêneros que mais se aproximam por extensão e características dos elementos de composição da narrativa. Na obra de Almeida (2015), *Tesouro escondido*, os contos são vinculados a uma problemática comum: as mazelas sertanejas. As principais diferenças com a novela, contudo, estão nos elementos que compõem a pluralidade dramática e a sucessividade de ações da fábula. Conceitualmente, Gotlib (1988), afirma que o conto é constituído por uma problemática única e a linguagem é largamente descritiva, tendo toda a narrativa seu retorno ao ponto conflituoso.

Gotlib (1988) afirma que a história necessita de um contador, seja ela oral ou escrita. O contador não precisa, necessariamente, ser aquele que viveu a história e, tampouco, é responsável pela exatidão do conto. A narrativa ganha vida própria quando é contada; o narrador, por sua vez, é livre para o uso dos elementos dramáticos, cômicos ou terríveis que a linguagem lhe fornece como recurso narrativo. A autora analisa o seguinte:

A voz do contador, seja oral ou seja escrita, sempre pode interferir no seu discurso. Há todo um repertório no modo de contar e nos detalhes do modo como se conta— entonação de voz, gestos, olhares, ou mesmo

algumas palavras e sugestões —, que é passível de ser elaborado pelo contador, neste trabalho de conquistar e manter a atenção do seu auditório (Gotlib, 1998, p. 13).

Pelo exemplo do fragmento selecionado, percebe-se a oralidade da narrativa nos textos literários, ou seja, ela se dá a partir da demonstração de envolvimento que o narrador do texto transparece com as personagens e com as situações narradas, levando também o leitor a se identificar com o sentimento de intimidade demonstrado. Essa característica do narrador de *Tesouro escondido* perdura por toda a obra, se mostrando uma marcação interessante, oferecendo credibilidade ao narrador, uma vez que, a partir de sua expressão linguística, o narrador faz crer ao leitor que realmente conhece a região e as personagens sobre as quais discorre em sua narrativa.

Como exemplo, podemos citar o primeiro conto da obra, *Lagoa seca*, que oferece uma ambientação descritiva minuciosamente detalhada ao leitor, sem conflitos aparentes, porém numa evolução da situação narrada, aumentando a expectativa sobre o que pode acontecer de repente, conforme segue:

Era uma cidadezinha divertida e cativante, localizada no centro do Estado da Bahia, numa região que fica entre a Catinga e a extremidade norte da Chapada Diamantina. [...]

A vida em Lagoa Seca transcorria numa lentidão somente comparada à dos jegues que andavam soltos pelos seus becos e ruas, revirando monturos e comendo molambos. A impressão era a de que ali o tempo não passava.

Mas se de um lado a cidade era insignificante, o mesmo não se podia dizer de seus habitantes (Almeida, 2015, p. 17-18).

Desse ponto em diante, o narrador descreverá as personagens que irão aparecer ao longo da obra. Como foi dito anteriormente, a composição de *Tesouro escondido* se dá por um total de 19 contos, as personagens são todas apresentadas neste primeiro conto e o cenário é o mesmo: Lagoa Seca, a cidadezinha lentíssima do centro do Estado da Bahia. Sobre as personagens, são também planas, como apresentadas nas novelas de Guimarães Rosa; e sobre o tempo, é sempre evidenciado pelo narrador em dias e meses, ou seja, cronológico, também como na novela. Esta característica se dá pela extensão da narrativa, tanto o conto quanto a novela são narrativas curtas, diferentemente acontece com o romance, cuja extensão permite que se explore o tempo com maior liberdade.

O narrador de *Tesouro escondido* também não se altera na obra. O caracterizaremos como heterodiegético e a narrativa centrada nele, segundo os

conceitos de Reuter (2004), o que equivale a dizer se tratar de um narrador-onisciente, que segundo Moisés (2000), é o narrador sabe mais que qualquer personagem. Em *Tesouro escondido* o narrador não emite opiniões e julgamentos diretos às ações das personagens, ele utiliza-se de Nadinho, personagem adolescente que diz o que vem à cabeça, para emitir julgamentos sobre os acontecimentos, como no lanço de texto selecionado:

Já o coronel Adolfo, velho fazendeiro, estava muito feliz, embora jamais admitisse. Ele chegou até a adquirir um novo hábito: todas as tardes costumava dar umas voltas lá praquelas bandas. Para disfarçar, tinha sempre à mão um cabresto e dizia que estava procurando uma mula que havia se desgarrado de uma tropa que maninha na sua chácara. Nadinho dizia que a mula do coronel era muito bonita e atendia pelo nome de Lurdinha. Coincidentemente, uma das inquilinas da Arcanja tinha esse nome (Almeida, 2015, p. 29).

Neste conto, Arcanja, uma mulher com duas filhas que, observando a economia da cidade de Lagoa Seca, identifica uma demanda: a necessidade de distrações aos trabalhadores que executavam uma obra para a prefeitura. O narrador tece os elementos narrativos de modo a se tornarem cômicos ao leitor, bem como a disposição desses elementos permitem que a ironia dos fatos seja percebida, não apresentada ao leitor, porém, sem informações em demasia.

Diferente da novela, que conta com pluralidade dramática, o conto se concentra em um único núcleo dramático, cuja definição pode estar já na descrição inicial do enredo, in média res, ou pode ser apresentado no desenrolar da trama. No caso de *Tesouro escondido*, o drama é apresentado no início, depois desenvolvido a partir de ações que giram sempre de volta ao mesmo ponto, ou seja, podemos afirmar que a temática principal é a lentidão da vida em Lagoa Seca e a personalidade das personagens que, apesar da vida sertaneja, é interessante, hipócrita e sempre numa mesma linha idealizada apresentada já no início da obra, no conto de descrição de Lagoa Seca e suas personagens.

1.3 *Senhorinha*: o romance histórico moderno

O romance histórico conta com alguns recursos já conhecidos de leitores e estudiosos. A primeira característica que encontramos é conceituada como nível narrativo, ou seja, “a presença de várias narrativas no mesmo romance” (Reuter, 2004, p. 79). Essa característica é um recurso evidente em *Senhorinha*, apresentado no momento em que o estudante encontra, em suas buscas por seus antepassados,

os manuscritos de uma freira que teria convivido com a personagem histórica, dona Senhorinha Barbosa Lopes, esposa do Guia Lopes da Laguna no fim do século XX, conforme registros históricos.

O narrador do romance, em geral, possui liberdade maior para criar seus espaços e explorar o tempo em que aloca a narrativa, primeiramente pelo fator extensão da obra, e em segundo lugar, por se tratar de um gênero que, segundo Moisés (2000), tende a uma construção complexa a partir dos elementos que compõem a narrativa. Vejamos nas palavras dele:

Consiste no desaparecimento da noção de causa-e-efeito no comportamento da personagem, que age dum modo aqui e agora, e doutro modo mais adiante e em hora diferente, sempre disponível psicologicamente para o que der e vier. Não se pode prever como agirá, porque nem ela o sabe, tampouco os leitores. A permanente improvisação conduz a intriga para um aparente beco sem saída. O resultado é uma aproximação cada vez maior com a vida, anseio perene do romance desde o seu nascimento (Moisés, 2000, s/p).

Com este conceito que o estudioso nos oferece, precisamos aprofundar o entendimento sobre o romance e as diferenças entre ele e os gêneros novela e conto. A novela oferece pluralidade dramática a personagens planas num curto espaço narrativo, podendo o leitor sorver a obra em algumas horas, pasmando e alegrando-se no afã aligeirado da novela; o conto, por sua vez, busca fatos cotidianos, os exprime de modo divertido, cômico, com um núcleo dramático e algumas personagens tipificadas que tornam a leitura assaz aprazível.

O romance, por outro lado, tende a tornar a narrativa uma construção complexa, personagens esféricas que não seguem nenhum roteiro ou tipificação, quase um improviso escrito. O romance histórico possui final conhecido por sua base em fatos reais. O que o torna interessante, portanto, é o preenchimento das lacunas com aquilo que poderia ter acontecido quando os fatos registrados ocorreram.

Em *Senhorinha*, quando o estudante se depara com os papéis abandonados no fundo de uma velha mala mofada juntamente com livros e fotos, objetos de outro tempo, o imaginário do leitor imediatamente se entrega a buscar os fatos romanceados, imaginar como poderia ter sido se tivesse realmente acontecido daquela forma que o narrador expõe nas páginas da obra. O momento do encontrar dos manuscritos se dá conforme segue:

A euforia aumentava a cada momento e, dessa forma, não podia perder tempo. Essa descoberta, pura essência das coisas guardadas, estava dentro de minhas expectativas e senti que estava encontrando naquelas memórias

a dinâmica da história não apenas de uma personagem, mas sobretudo de uma memória coletiva. Ao transcrever tudo, nada devo acrescentar ou suprimir. Dividi o texto em capítulos de acordo com o assunto, para reunir as ideias em ordem mais ou menos cronológica. Preocupe-me apenas em atualizar a ortografia e estilo para o nosso tempo, e transpus alguns textos de frete para trás, ou vice-versa, para uma sequência lógica e inteligível (Medeiros, 2007, p. 18).

O romance histórico tende a criar uma conexão com o leitor. Para isso, conta com o tempo cronológico, o espaço alinhado com as características do próprio local do qual se conta. Entre as personagens, vemos alusão àquelas que, de fato, participaram dos fatos históricos oficiais da região. Como característica do romance, o gênero romance histórico também possui, por sua extensão, liberdade narrativa maior que o conto e a novela.

Para aproveitar a liberdade do processo criativo e a extensão do gênero, que permite que detalhes sejam explorados ao máximo dentro do enredo, *Senhorinha* é a história do estudante, o primeiro narrador que aparece na narrativa. Este narrador, no entanto, delega a continuação da narração à freira, cuja vivência que a aproxima do que se conta é que conviveu com a personagem protagonista do romance, dona Senhorinha Barbosa Lopes.

A freira, por sua vez, é uma narradora que, de antemão, já esclarece sua missão como a de simples escriba daquilo que ouve, além de sentir-se livre para exprimir sua opinião em comentários quando necessário, já que suas pretensões com os escritos são definidos por ela como história de ficção, sem compromisso com fatos verdadeiros. Vejamos um fragmento em que a narradora esclarece que recorre à verossimilhança, às suas memórias e a relatos dos filhos da protagonista Dona Senhorinha, uma vez que esta falecera antes de terminar de contar sua história à freira, conforme segue:

[...] Resolvi deixar de lado a timidez, pois, afinal, escrever não é uma tarefa penosa, ao contrário, é gratificante, e encarei a responsabilidade de organizar e registrar os fatos e as histórias ouvidas. Nem sempre fui pontual em escrever o que ouvia; algumas passagens foram posteriormente lembradas ou recorri às lembranças de seus filhos que aqui ficaram, e algumas delas são meros comentários desta singela escriba (Medeiros, 2007, p. 21-22).

Vê-se, pela tipologia do narrador, que há uma mistura de tipos ao se falar da freira, pois não é apenas uma testemunha, também não se trata de uma personagem puramente, mas uma miscigenação entre ambas as tipologias. O estudante, por sua

vez, pode ser categorizado como um “eu narrador”, uma vez que afirma que “escrever em primeira pessoa poderia ser decisão orgulhosa; mostrou-se, entretanto, nos casos de sucesso, gesto de humildade” (Shüler, 1989, p. 28). Shüler (1969) continua afirmando que o eu narrador é limitado, não podendo sequer antecipar o futuro. O conceito do autor sobre aquele que narra é de que “o narrador advém nos romances como sujeito do enunciado, de natureza inteiramente textual” (*idem*). Outra observação de Shüler (1989) sobre o narrador evidente em *Senhorinha*, é que “a técnica de encarregar personagens de parte da narração foi antecipada pela epopeia” (SHÜLER, 1989, p. 29), e o estudante faz precisamente isso, entrega a responsabilidade da narrativa à freira que, por sua vez, está ouvindo as narrativas da protagonista, dona Senhorinha Barbosa Lopes.

O romance histórico nos aparece como mais limitado que o romance, por suas características fixas e a expressão identitária também restrita àquilo que deve ser naquele espaço e tempo sobre o qual narra. Esteves (2010) enfatiza que: “a primeira questão surgida associa-se à identidade, identidade do narrador, em primeiro lugar. O narrador também fixa o espaço: ‘aqui’” (Esteves, 2010, p. 76). A identidade do narrador é a construção de maior relevância, pois deverá ter autoridade para falar daquele espaço e tempo. Em *Senhorinha*, o estudante não interfere na narrativa, é apenas um curioso que esbarra nos escritos. A freira, por outro lado, viveu na cidade de Bela Vista quando ainda se tratava do Estado de Mato Grosso, e conviveu com a protagonista, dona Senhorinha Barbosa Lopes. Antes do convívio, esclarece já ter lido sobre os tempos de guerra entre Brasil e Paraguai e, inclusive, sobre a existência de dona Senhorinha, proprietária de fazenda na região fronteira, feita prisioneira e esposa do Guia Lopes que levou o exército brasileiro pelas terras da Laguna, morrendo na tentativa de travessia.

A autoridade que tais elementos da narrativa concedem aos narradores é de suma relevância para que a narrativa tenha confiabilidade perante o leitor. Outros elementos agregam-se ao contexto do narrador, como o espaço e o tempo, a linguagem utilizada na obra, características típicas do comportamento humano e da região espacial desta. Esses elementos valem para todos os gêneros narrativos, aqui especificados como a novela, o conto e o romance histórico.

Um dos aspectos que as obras selecionadas possuem em comum é o regionalismo que apresentam. Tal tema é delicado devido a uma característica marcante, questionada por críticos de todos os tempos: a descrição em detalhes que exalta, principalmente, a beleza da região. Esse aspecto do regionalismo, supostamente, distancia o leitor que desconhece a região. No entanto, o conceito de literatura regional ganhou grande destaque nos estudos contemporâneos, evidenciando características analíticas e reflexivas sobre determinados assuntos que são pertinentes a esta literatura, especialmente.

Os aspectos regionais, a partir dessa perspectiva, são elementos da construção do discurso literário da narrativa, fornecendo ao leitor um espetáculo literário que o encanta pelo belo ou pelo grotesco que o regional oferece. Tais particularidades singularizam a obra. Como afirmou também Chklovski (apud Teixeira, 1998, s/p): “os momentos tornam-se importantes somente depois de submetidos ao processo de singularização artística, porque, na vida prática, as coisas se tornam imperceptíveis em sua totalidade”. Sendo assim, a composição da narrativa é marcada com detalhes singulares, o que, segundo ele, compõe a definição de literatura.

Essas discussões levaram ao reconhecimento de singularidades das obras estudadas, permitindo que a análise dos sentidos da obra está diretamente relacionada com a construção narrativa e, conseqüentemente, com a escolha dos narradores destas obras. A função do narrador, portanto, pode ser definida como vital para a construção dos sentidos possíveis para uma obra, tenha o escritor a intenção de trazer certos assuntos à luz da análise e reflexão, quer não, pois já não terá mais responsabilidades sobre a leitura que seja possível se fazer de sua obra. Ela se torna independente, e é o narrador quem lidera as intencionalidades a depender do contexto em que o texto é lido e da pessoa do leitor propriamente.

Considerações Finais

O primeiro momento do nosso estudo sobre o narrador foi dedicado à compreensão de quem é ele, quais suas características, quais os desmembramentos e, principalmente, porquê estudá-lo. A complexidade deste elemento narrativo está sendo explorado diante da construção de cada obra, o que permite que o estudo seja direcionado especificamente, ou seja, o narrador em relação à obra estudada.

Observando as principais teorias e críticas da narrativa, foi possível verificar que os elementos narrativos passaram por um processo de consolidação. A princípio, a obra era um todo, uma grande massa à qual se criticava com base na beleza clássica das obras da Antiguidade, período em que o bem falar, o idioma e a linguagem eram exacerbadamente considerados para que se valorizasse a obra, bem como a pessoa na sociedade.

Com o estruturalismo, contudo, os aspectos narrativos que estavam se delineando sem, entretanto, embasarem os estudos por falta de categorização e consolidação, foram firmados e nomeados, se tornaram critério de análise e passaram a formar os estudos literários, por possuírem forma e conceito. Diante desta concretização dos elementos, surge a necessidade de analisar mais particularmente a voz narrativa, o autor foi substituído pelo narrador.

A relação da voz narrativa e os gêneros literários é muito interessante quando pensamos que, mesmo sem existir um limite para a escolha do narrador, essa escolha muda a estrutura da narrativa, de tal modo que esta pode ser simplesmente um gênero literário que conta uma história, tanto quanto pode ser uma obra de valor único, com seus próprios modos de expressão baseados no narrador que a conduz.

O presente trabalho oferece a vivência das obras escolhidas, os narradores de cada uma e a vida com que a obra se oferece ao leitor pelo olhar do narrador sobre a história contada. Para analisar o narrador, utilizou-se a lente da obra em seu complexo tecer dos elementos, favorecendo, com isso, a compreensão do sentido completo e contextualizando a ação narrativa a partir da literatura.

Referências

- BAL, Mieke. **Narration et focalisation. Poétique**, Paris, n° 29, Seuil, 1977, p. 107-127.
- BOOTH, Wayne. **The Relhoric of Ficiion**. Chicago, London: The Univesity of Chicago Press, 1961.
- ESTEVES, Antônio R. **O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)**. São Paulo: Unesp, 2010.
- FORSTER, Ernest M. **Aspectos do romance**. Tradução Maria Helena Martins. Porto Alegre: Globo, 1969.
- FRIEDMANN, Norman. Point of view in fiction. The development of a critical concept. In: STEVICK, Philip (org). **The Theory o f the Novel**. London: Collier-Macmillan, New York: The Free Press, 1967.
- GENETTE, Gérard. Discours du Récit. In : _____. **Figures**. Paris: Seuil, 1972.
- BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. O ato de narrar e as teorias do ponto de vista. **Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura**. Brasília, DF. v. 8, n. 9, 1999, p. 107-124
- GOTLIB, Nádia Battela. **Teoria do conto**. 8. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- MEDEIROS, Samuel Xavier. **Senhorinha Barbosa Lopes: uma história de resistência feminina na Guerra do Paraguai**. Campo Grande: Gibim, 2007.
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária: Prosa I**. 16.ed. rev. São Paulo: Cultrix, 2000.

PERDIGÃO, Noemi Henriqueta Brandão de. Os Contos Maravilhosos e a tradição. **Revista Tecnologia e Humanismo**, n. 27, 2004.

OLIVEIRA, Peterson José de. Novela: um gênero polêmico. **Albuquerque: Revista de História**, Campo Grande, MS, v. 2, n. 3, 2010, p. 135-153.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

REUTER, Yves. **Introdução à análise do romance**. Tradução Angela Bergamini et al. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROSA, J. Guimarães. **Sagarana**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.

SHÜLER, Donaldo. **Teoria do Romance: Narrador**. São Paulo: Ática, 1989, p. 26-39.

TEIXEIRA, Ivan. **Estruturalismo**. Revista Virtual Cult, out. 1998.

Submetido: 15/04/2024

Aceito: 04/05/2024

Publicado: 05/05/2024

MENEZES, Valquiria de Oliveira; OLIVEIRA, Eliane Maria de. Os narradores nos gêneros literários: análise das obras *Sagarana*, *Senhorinha* e *o Tesouro Escondido*.

Revista Fios de Letras, [S.l.], v. 1, n. 02, p. e12241 | 01-16, maio. 2024. ISSN 2966-0130.

Vol. 01, **Nº 02** (2024)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**

PERCEPÇÕES E CRENÇAS DE PROFESSORES DO
ENSINO FUNDAMENTAL DE PALMEIRA DOS
ÍNDIOS/AL SOBRE A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Leila de Souza Santos

Pedro Antonio Gomes de Melo



**PERCEPÇÕES E CRENÇAS DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL DE
PALMEIRA DOS ÍNDIOS/AL SOBRE A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

*PERCEPTIONS AND BELIEFS OF ELEMENTARY SCHOOL TEACHERS IN PALMEIRA DOS
ÍNDIOS/AL ABOUT THE BRAZILIAN SIGN LANGUAGE*

Leila de Souza Santos¹

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4991962928129304>

Pedro Antonio Gomes de Melo²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4873-564X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/229511011001419>

RESUMO: Desde o início do século XXI, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) adquiriu o status de língua por meio do Decreto n° 5.626/2005, que regulamenta a Lei Federal n° 10.436 de 24 de abril de 2002, que a entende como uma forma de comunicação e expressão, de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituindo-se em um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. No entanto, esse reconhecimento linguístico ainda precisa ser evidenciado no contexto escolar da Educação Básica, especialmente em Alagoas. Nessa direção, este texto objetiva investigar como professores atuantes em uma escola privada da cidade de Palmeira dos Índios, Alagoas, que lecionam no Ensino Fundamental (Anos Iniciais e Anos Finais) percebem o surdo e a Libras. Quanto aos aspectos teórico-metodológicos, está embasado em autores basilaes como Antonio e Kelman (2019), Gesser (2009), Kendrick e Cruz (2020), Mantoan (2015), Quadros (1997, 2003, 2012) e Tavares e Nogueira (2023), entre outros, que estudam questões voltadas à Libras e consiste em uma pesquisa do tipo exploratória descritiva de natureza qualitativa. Como resultados, evidenciou-se que os professores investigados demonstraram uma concepção linguístico-gramatical equivocada sobre Libras, evidenciando uma formação docente deficiente para educação especial e inclusiva, mesmo afirmando terem tido contato com essa língua de natureza visual-motora e com a comunidade surda e/ou com a cultura surda.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Básica. Formação Profissional. Libras.

ABSTRACT: Since the beginning of the 21st century, Brazilian Sign Language (Libras) acquired the status of language through Decree No. 5,626/2005, which regulates Federal Law No. 10,436 of April 24, 2002, which understands it as a form of communication and expression, of a visual-motor nature, with its own grammatical structure, constituting a linguistic system of transmission of ideas and facts, originating from communities of deaf people in Brazil. However, this linguistic recognition still needs to be evidenced in the school context of Basic Education, especially in Alagoas. In this

¹Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4991962928129304> E-mail: souzeila588@gmail.com

² Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professor Titular de Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/229511011001419>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4873-564X>. E-mail: pedro.lingua@outlook.com

direction, this text aims to investigate how teachers working in a private school in the city of Palmeira dos Índios, Alagoas, who teach in Elementary Education (Initial and Final Years) perceive the deaf and Libras. Regarding the theoretical-methodological aspects, it is based on fundamental authors such as Antonio and Kelman (2019), Gesser (2009), Kendrick and Cruz (2020), Mantoan (2015), Quadros (1997, 2003, 2012) and Tavares and Nogueira (2023), among others, who study issues related to Libras and consists of a descriptive exploratory research of a qualitative nature. As a result, it was evident that the teachers investigated demonstrated a mistaken linguistic-grammatical conception about Libras, evidencing deficient teacher training for special and inclusive education, even though they claimed to have had contact with this language of a visual-motor nature and with the deaf community and/or with deaf culture.

KEYWORDS: Basic education. Professional qualification. Pounds.

Considerações iniciais

A educação no Brasil passa, constantemente, por muitos desafios que precisam ser enfrentados para que haja melhorias significativas no meio educacional. Mesmo reconhecendo que a educação especial e inclusiva vem passando por avanços ao decorrer do tempo, ainda há muito o que se fazer para a divulgação e para o acesso ao ensino/aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (doravante Libras) para que de fato haja a efetiva inclusão na Educação Básica da pessoa e/ou comunidade surda.

Dessa forma, pesquisas sobre o uso, a prática e a formação docente no trato com a Libras no ambiente escolar são de suma importância, sobretudo quando falamos em inclusão no âmbito do Ensino Básico. Nessa direção, este estudo objetiva investigar como professores atuantes em uma escola privada da cidade de Palmeira dos Índios, Alagoas, que lecionam no Ensino Fundamental (anos iniciais e finais) percebem o surdo e a Libras.

Como problematização deste estudo, levantamos o seguinte questionamento: considerando que a disciplina de Libras faz parte do currículo de um curso de licenciatura e, portanto, deveria contribuir para a competência formativa de futuros professores, como docentes da educação básica, em especial atuantes no Ensino Fundamental em Palmeira dos Índios/AL, percebem a Língua Brasileira de Sinais?

Em relação à hipótese cerne desta pesquisa, inferimos que os docentes investigados não apresentarão conhecimentos linguístico-gramaticais pormenorizados sobre Língua (de Sinais) nem tão pouco sobre a Libras, como também acerca do ser surdo, a comunidade surda, identidade e cultura surda. Apesar

de terem tido, provavelmente, contato com essas temáticas em suas formações acadêmicas, visto que a Libras foi inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores, como preconiza a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 e o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 que a regulamenta.

Quanto aos aspectos teóricos, este estudo está embasado nos pressupostos basilares de Gesser (2009), Godoi, Lima e Andrade (2016), Lima e Córdula (2017), Mantoan (2015), Quadros (2003), Rocha, Oliveira e Reis (2016), entre outros que estudam questões voltadas à Libras.

Quanto aos aspectos metodológicos, esta pesquisa se caracteriza, quanto aos objetivos, como um estudo do tipo exploratório, uma vez que se busca uma maior familiaridade com o problema (explicitá-lo), gerando mais informações que possam ser adquiridas para a realização de futuras pesquisas conclusivas. E quanto à natureza, de abordagem qualitativa, uma vez que trabalhamos os dados, buscando seu significado, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto.

Nesse sentido, esta investigação, enquanto uma pesquisa de natureza básica e de abordagem qualitativa, apresenta características básicas com foco na interpretação, subjetividade com ênfase na perspectiva dos informantes, flexibilidade na conduta do estudo e maior interesse no processo e não no resultado.

Por fim, destacamos que, além das Considerações Iniciais, Considerações Finais e Referências, este texto está estruturado em três seções: a primeira, intitulada de As raízes da Língua Brasileira de Sinais: breve histórico, expõe aspectos sobre a história da Libras, evidenciando seu processo de reconhecimento como língua e sua importância ao decorrer do tempo; a segunda, intitulada de O Ensino da Língua de Sinais na comunidade surda, trata sobre a importância da inclusão das Línguas de Sinais no âmbito educacional. Por fim, a terceira seção, intitulada de Percepções de professores sobre a Libras e a comunidades surda, traz a análise e discussão dos dados obtidos, pondo em foco as opiniões sobre língua, comunidade surda, identidade e cultura surda colhidas dos professores investigados.

1. As raízes da língua brasileira de sinais: breve histórico

O Brasil possui uma língua oficial, a Língua Portuguesa, nas modalidades oral e escrita, para o uso dos falantes-ouvintes e a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como uma língua oficializada para o uso da comunidade surda brasileira.

A Libras é uma língua de modalidade espaço-visual ou gestual-visual, pois segundo Quadros (1997), utiliza o canal visual e o espaço e não o canal oral-auditivo como nas línguas orais. Ela é uma língua independente e oficial da comunidade surda brasileira que não tem sua gênese nas línguas orais.

A Libras não se origina nas línguas orais, ela se caracteriza “como autônoma (dissociando-se da língua majoritária/oral); evolui como parte de um grupo cultural singular quando em contato (Antonio; Kelman, 2019, p. 95).

A Libras ganhou esse *status* por meio da Lei Federal nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que a entende como uma forma de comunicação e expressão, sendo reconhecida linguisticamente, pois possui uma estrutura completa com níveis pragmáticos, semânticos, sintáticos, morfológicos e fonológicos, o seu diferencial se dá por ser da modalidade gestual-visual.

Como já dito, a Libras tem na Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, operacionalizada pelo Decreto nº 5.626/2005, o aparato legal que determina suas regras de difusão e institucionalização, em que seus elementos estruturais “constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (Brasil, 2002, p. 1).

Quando pensamos na origem das Línguas de Sinais de acordo com a história, não há registros que comprovem o início de sua utilização. Entretanto, sabe-se que por muito tempo elas foram marginalizadas, não eram aceitas pela sociedade, nem reconhecidas como meio de comunicação e expressão.

Na antiguidade, a ideia que a sociedade fazia sobre os surdos geralmente era negativa. Havia uma visão completamente errônea sobre os surdos e sua forma de comunicação, acreditava-se que eles – sujeito surdo - possuíam alguma deficiência mental pelo fato de não conseguirem se expressar oralmente e, por essa razão, eles eram excluídos de muitos direitos legais, sendo até condenados à morte, de acordo com LIBRAS (ESCON).

No contexto nacional, foi apenas em 1857, com a fundação do Instituto Nacional de Surdos-Mudos (INSM), no Rio de Janeiro/Brasil, que se deu o início oficial da educação dos surdos brasileiros. Atualmente o INSM foi renomeado e chama-se Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Após um percurso favorável à educação da comunidade surda, em 1911 o INSM apresenta um contexto desfavorável para a educação linguística do surdo quando passou a adotar apenas o método oralista nas disciplinas ofertadas e em 1957 foi proibida, oficialmente, a Língua de Sinais em sala de aula, ou seja, foi uma forma de excluir definitivamente os alunos surdos do âmbito educacional, ainda seguindo o que diz LIBRAS (ESCON).

A criação do atual INES (antigo INSM) significou um grande avanço para a comunidade surda brasileira, pois mesmo com a proibição de utilizar a Libras, os surdos mostraram ser um grupo de resistência, não deixando que a sua língua morresse. Ainda assim, é evidente que tal proibição gerou grandes prejuízos para a língua, identidade e cultura surda.

Mesmo após o reconhecimento da Libras como língua oficial dos surdos, muitos desconhecem seus aspectos linguísticos, como as demais línguas orais-auditivas e acreditam que são apenas mímicas ou gestos reproduzidos como uma tentativa de manterem a comunicação. Mas, ao contrário do que muitos pensam, ao dominar a Libras, a comunidade surda é capaz de se expressar tão bem quanto um ouvinte.

É relevante destacarmos que a principal distinção entre a língua (de sinais) e a língua portuguesa não é o fato de uma ser da modalidade gestual-visual e a outra oral-auditiva, mas em suas estruturas gramaticais. Diferente do que muitos acreditam, a Libras não é um sistema linguístico homogêneo e artificial, ela apresenta variedades semântico-lexicais, ou seja, os surdos não falam a mesma língua em qualquer parte do mundo ou em toda região de um país.

Nessa direção, Gesser (1971, p. 39) ressalta que:

[...] dizer que todos os brasileiros falam o mesmo português é uma inverdade, na mesma proporção em que é inverdade dizer que todos os surdos usam a mesma LIBRAS. Afirmar essa unidade é negar a variedade das línguas, quando de fato nenhuma língua é uniforme, homogênea (Gesser, 1971, p. 39).

Dito o exposto, percebemos que comunidade surda passou por muitos percalços para conseguir que a Língua de Sinais chegasse a ser o que é hoje. No caso da Libras, a comunidade surda brasileira, como já destacado neste texto, tem o seu direito garantido pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, a estudar a Libras (Brasil, 2005), com isso, torna-se imprescindível que a criança surda tenha acesso a esse sistema linguístico de interação verbal o mais cedo possível, para que assim, tenha um bom estímulo e desenvolvimento no uso e pelo uso da Libras, que deveria ser, naturalmente, a primeira língua dos surdos.

No tocante ao desenvolvimento linguístico do surdo, ressaltarmos que o problema não é a surdez, mas a falta de aprendizado e aquisição da Língua de Sinais e a não inclusão de forma efetiva de sua língua, identidade e cultura surda na sociedade e no cotidiano escolar.

Desse modo, Gesser (1971, p. 76) vem afirmar que “[...] o surdo pode desenvolver suas habilidades cognitivas e linguísticas (se não tiver outro impedimento) ao lhe ser assegurado o uso da língua de sinais em todos os âmbitos sociais em que transita [...]”, ou seja, a falta de inclusão acarreta grandes consequências em vários âmbitos da vida dos surdos, tanto no campo intelectual, como no social e emocional.

A educação é um direito de todos, que deve possibilitar o desenvolvimento dos indivíduos em todos os seus aspectos. Nesse sentido, faz-se necessário que a escola esteja apta para oferecer um sistema de ensino que assegure a inclusão de todos os alunos, pois a educação inclusiva permite que o estudante se desenvolva como parte integrante da sociedade, ao mesmo tempo em que atende as demandas das particularidades de cada um.

Doravante, no que diz respeito ao ensino da língua de sinais, é primordial que haja uma educação inclusiva desde o princípio da formação das crianças surdas, para que estas consigam obter um desenvolvimento de forma adequada, obtendo uma boa aprendizagem. Possibilitar a igualdade de oportunidade fará com que seja constituído um processo único de aprendizagem, de forma que não haja discriminação entre os alunos, seguindo o que consta na Constituição Federal de 1988, em seu Art. 5º, que assegura que “todos somos iguais perante a lei sem distinção de qualquer natureza”.

No Brasil, foi a partir da década de 1990 que a Libras toma a devida relevância, talvez pela influência dos movimentos mundiais ligados à causa educacional. Nesse particular, Tavares e Nogueira (2023) exemplificam-nos essa trajetória da seguinte maneira: a Declaração de Jontiem (1990), com o lema basilar de que “a educação é um direito fundamental de todos, mulheres e homens, de todas as idades, no mundo inteiro” (Unesco, 1990, p. 3), unindo-se posteriormente à Declaração de Salamanca (1994), que “demanda que os Estados assegurem que a educação de pessoas com deficiências seja parte integrante do sistema educacional” (Unesco, 1994, p. 01). Com efeito, por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, a Libras passa a ser a língua oficial dos surdos no Brasil, sendo a Língua Portuguesa a segunda língua, utilizada na escrita.

Diante desse contexto, é determinado pelo Decreto nº 5.626/05 (Brasil, 2005, Art. 22) que:

As instituições federais de ensino responsáveis pela Educação Básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva por meio da organização de:

- I. Escolas e classes de educação bilíngue abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental;
- II. Escolas bilíngues ou escolas comuns regulares de ensino abertas a alunos surdos e ouvintes para os anos finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio ou Educação Profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como a presença de tradutores e intérpretes de Libras – Língua Portuguesa (Brasil, 2005, Art. 22).

Os surdos lutam diariamente pelos seus direitos, para que haja a inclusão desse grupo tanto na sociedade como nas escolas, por isso a regulamentação de leis reconhecendo a Libras e os direitos da comunidade surda brasileira é tão importante para a contribuição e garantia da inclusão dessa comunidade.

No campo da educação de surdos, segundo Kendrick & Cruz (2020, p. 572), “com suas contendas internas”, a educação do sujeito surdo “tem se apresentado, à primeira vista, polarizado em duas vertentes historicamente construídas, a saber: perspectiva clínico-terapêutica e perspectiva socioantropológica”. A partir dessa perspectiva diacrônica, há uma diferença conceitual entre a pessoa surda e a pessoa com deficiência auditiva. Esses dois termos são utilizados no campo da surdez; entretanto, o termo surdo é usado dentro da comunidade surda (visão socioantropológica). Já o termo pessoa com deficiência auditiva é mais utilizado especificamente no âmbito clínico (visão clínico-terapêutica), por profissionais da área da saúde e foca apenas na condição física da perda auditiva.

É importante dizer que, ao utilizar o termo surdo, estamos cientes de suas capacidades cognitivas, linguísticas e, o mais importante, reconhecemos sua identidade surda quando o sujeito surdo (ser surdo) vive e se desenvolve em comunidade a partir de experiências visuais. Com isso, é perceptível que o processo de inclusão vem crescendo ao longo desses anos, mas ainda assim existe um grande déficit no que diz respeito à educação para estes, pois apesar dos direitos adquiridos, na prática ainda há muito o que se fazer.

Torna-se imprescindível que os alunos surdos, ao serem incluídos no contexto escolar, tenham acesso a um ensino que respeite a sua língua, no entanto, apesar dos avanços significativos para que haja essa inclusão, as instituições de ensino apresentam muitas precariedades que ficam evidentes no momento de inserção dos alunos surdos no universo ouvinte, tornando-se difícil a comunicação com a língua de sinais.

Não obstante, são muitos os problemas que as escolas enfrentam para que de fato haja uma inclusão que considere todas as necessidades dos alunos surdos. Nesse contexto, a prática docente, sem dúvidas, é um grande desafio, pois muitos profissionais da educação não possuem o conhecimento necessário para lidar com as singularidades e necessidades de ensino e aprendizagem que esses aprendizes necessitam.

Dessa forma, vê-se a necessidade da formação continuada dos professores, para que estes consigam desenvolver uma prática de ensino e aprendizagem que venha de fato incluir esses alunos, respeitando a sua língua e as suas necessidades. Mantoan (2015, p. 81) ressalta que “formar o professor na perspectiva da Educação

Inclusiva implica ressignificar o seu papel, o da escola, o da educação e o das práticas pedagógicas usuais do contexto excludente do nosso ensino em todos os níveis”, ou seja, ao ampliarem a sua formação pedagógica, esses profissionais conseguirão desenvolver novas competências a respeito das práticas de inclusão, oferecendo um ensino de qualidade aos alunos surdos.

É perceptível observarmos que, na maioria das vezes, alguns dos currículos apresentam uma pequena quantidade de conteúdos para o ensino da Língua Brasileira de Sinais e consistem apenas de listagens de tópicos que passam pelo profissional docente. Nesse contexto, para haver inclusão na educação dos surdos, a escola precisa flexibilizar o seu currículo e incluir o ensino da Libras nele, além de buscar e compreender o contexto educacional em que a comunidade surda está inserida, conhecendo as dificuldades presentes, para assim, tornar o currículo mais acessível e significativo.

A escola, como instituição social inclusiva e responsável pela educação, deve desenvolver estratégias que promovam a aprendizagem dos alunos surdos. Em alguns momentos, por falta de conhecimento por parte de alguns, as crianças surdas brasileiras não adquirem a Libras em tempo hábil, isto é, a partir dos primeiros meses de nascidos, e chegam às escolas sem língua construída, fazendo uso apenas de gestos naturais. Essa realidade interfere muito no desenvolvimento infantil (Quadros, 2012).

Nesse particular, de acordo com Gesser (1971, p. 79),

Há uma distância enorme entre o dizer e o fazer. Por tanto tempo se fala nas implicações positivas do uso de língua de sinais na escolarização do surdo e, ainda assim, há resistência quando a essa questão, ora por falta de espaços, oportunidades e apoio para os educadores ouvintes se aperfeiçoarem na sua proficiência linguística, pra por se perpetuarem visões preconceituosas sobre a língua de sinais e posturas paternalistas na relação com os surdos (Gesser, 1971, p. 79).

Dito isso, a escola deve flexibilizar metodologias que contribuam, de maneira significativa, no ensino aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais, ampliando os espaços conquistados no processo educativo, preparando o ambiente e otimizando o espaço com recursos e materiais, promovendo assim uma política de melhoria na educação inclusiva.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Censo IBGE 2010), há um percentual de 10 milhões de pessoas com deficiência auditiva. Nesse particular, dentro desse universo observamos uma grande diversidade, há surdos, por exemplo, que se comunicam em Libras, já outros nascem surdos e com o passar do tempo aprendem a língua oral. Além disso, é notório uma ocorrência permanente de bilíngues e aqueles indivíduos que perderam a audição ao longo da vida.

Doravante, é comum ouvirmos a expressão surdo-mudo, no entanto, não existe esta figura, uma vez que os surdos, sejam eles oralizados ou sinalizados, têm capacidade de comunicação e não podem ser considerados mudos. Nessa perspectiva, os indivíduos que perderam a audição depois de aprenderem a Língua Portuguesa, acomodam-se melhor em escolas regulares, assim, irão precisar do auxílio da tecnologia, como aparelhos auditivos, implante cocleares e radiotransmissores para professores. Logo, o surdo que se alfabetizou em Libras, tem uma identidade e cultura própria e estes possuem a Língua Portuguesa como uma segunda língua em escolas bilíngues.

3. Percepções e crenças de professores sobre a Libras e a comunidades surda: análise e discussão

Nesta terceira seção, iremos apresentar a análise e a discussão dos dados constitutivos do *corpus* da pesquisa por meio de uma abordagem de natureza qualitativa. Dessa forma, buscaremos interpretar as respostas dos dez professores-colaboradores na tentativa de evidenciarmos possíveis conhecimentos linguístico-gramaticais sobre a Libras, como também algumas concepções, compreensões, intuições dos entrevistados sobre língua, comunidade surda, identidade e cultura surda.

Quanto aos procedimentos técnicos para a coleta dos dados e a constituição do *corpus*, utilizamos a entrevista e o questionário.

Quanto à entrevista, foram entrevistados dez docentes-colaboradores, de uma escola da esfera privada, localizada na cidade de Palmeira dos Índios, Alagoas, durante o período de agosto de 2023 a setembro de 2023. O critério adotado para a escolha desses dez participantes foi que todos os professores estivessem, no momento da pesquisa, lecionando no Ensino Fundamental.

Quanto ao questionário, utilizamos um formulário impresso para guiar as entrevistas, ele foi composto por um conjunto de sete questões relacionadas à temática deste estudo. Todas as respostas foram colhidas de forma manuscrita e tabuladas em quadros para, posteriormente, serem analisadas e interpretadas.

O Quadro 1, a seguir, traz os agentes participantes desta pesquisa e algumas informações como: sexo, formação acadêmica e atuação pedagógica. Essas informações são necessárias para conhecermos os agentes, suas formações, suas titulações, seus vínculos profissionais e disciplinas que atuam. São informações preliminares que contribuem para pensarmos em que realidade cada professor constrói sua identidade professoral e de que lugar sua voz parte nas entrevistas.

Quadro 1: Dados gerais sobre os professores-colaboradores da pesquisa

DADOS DOS PARTICIPANTES			
PROFESSOR/A	SEXO	FORMAÇÃO ACADÊMICA	TURMA QUE LECIONA
CELESTINA ³	Fem.	Graduada em Pedagogia.	2º ano – anos iniciais.
FEDRA	Fem.	Graduada em Ciências Biológicas.	6º ano – anos finais.
ADÁLIA	Fem.	Graduada em Geografia.	6º ano – anos finais.
MADALENA	Fem.	Graduada em Pedagogia.	1º ano – anos iniciais.
VALENTINA	Fem.	Graduada em Letras Inglês e suas respectivas literaturas.	6º ano – anos finais.
MARTINA	Fem.	Graduada em Pedagogia.	3º ano – anos iniciais.
AURORA	Fem.	Graduada em Pedagogia.	5º ano – anos iniciais.
MARIA	Fem.	Graduada em História.	6º ano – anos finais.
DANTE	Masc.	Graduado em Matemática.	6º ano – anos finais.
ISLA	Fem.	Graduada em Pedagogia.	4º ano – anos iniciais.

Fonte: Elaborado pelos autores (2024)

3.1 Um olhar qualitativo para o corpus da pesquisa

De início, é necessário pontuarmos o espaço investigado, trata-se de uma escola da esfera privada, localizada no município de Palmeira dos Índios/AL, zona urbana. A referida instituição de ensino atende alunos da educação infantil ao ensino fundamental, anos finais.

Nessa abordagem qualitativa, utilizamos do universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes identificadas nas respostas dos professores-colaboradores, o que corresponde a um espaço mais profundo das percepções, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

3.1.1 Comando 1 do questionário da entrevista

Quadro 2: respostas para o comando 1 dos professores-colaboradores

COMANDO 1: Você já teve algum contato com alguma língua de sinais ou com a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), com a comunidade surda e/ou com a cultura surda?	
Professor/a	Respostas
CELESTINA	Através do curso de pedagogia, do magistério e com uma prima que é surda e sabe se comunicar usando LIBRAS, no início foi difícil para mim, depois fui começando a entender o significado do que ela queria dizer.
FEDRA	O meu contato com a LIBRAS foi durante a disciplina que cursei na faculdade.
ADÁLIA	Em alguns encontros de formação.
MADALENA	Tive experiência no 4º período de filosofia, pouco tempo e limitado.

³ Os nomes dos professores-participantes da pesquisa apresentados no Quadro 1 são fictícios para preservar suas identidades.

VALENTINA	Tenho um primo surdo-mudo.
MARTINA	Na igreja em que frequento tem um grupo que realiza a mesma reunião em língua de sinais.
AURORA	No meu ensino fundamental.
MARIA	Ainda não tive a oportunidade de lecionar com surdo.
DANTE	Sim, tive a oportunidade de estudar com um professor surdo.
ISLA	Não, mas é muito importante ter o contato e o conhecimento com o novo. Pois muitas pessoas da sociedade necessitam de pessoas capacitadas para ajudá-las.

Fonte: Elaborado pelos autores (2024)

Após a análise das respostas apresentadas no Quadro 2, observamos que a maioria dos entrevistados destacaram que, em algum momento de suas vidas acadêmicas ou pessoais, tiveram contato com alguma língua de sinais ou com a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Todavia, não relataram, especificamente, contatos com a comunidade surda e/ou com a cultura surda.

No entanto, mesmo apresentando respostas de forma positiva em relação ao contato linguístico com a temática proposta, eles responderam de forma sucinta, apenas confirmando que já tiveram contato, sem detalhar suas experiências de interação, ensino ou aprendizagem com a Libras, como podemos notar na resposta do professor Dante “sim, tive a oportunidade de estudar com um professor surdo”, a professora Adália também relata de forma sucinta que teve contato “em alguns encontros de formação”, com tais respostas, podemos inferir que as vivências que eles tiveram foram limitadas. Por outro lado, os resultados positivos, quanto ao contato com a Libras, podem evidenciar de alguma forma um avanço ao acesso a Libras, propiciando subsídios ao professor em sua formação inicial e/ou continuada.

Neste primeiro comando, é importante considerar a questão do marco legal que introduz obrigatoriamente a Libras na formação docente, ou seja, a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 que determina a Libras como um componente curricular obrigatório nos cursos de formação de professores.

Essa diretriz, que não faculta aos cursos de formação de professores a opção de não ofertar a referida disciplina em suas matrizes curriculares, possivelmente, oportunizou o contato com a Libras e algumas temáticas linguísticas concernentes a ela para aqueles que mencionaram que cursaram tal disciplina em suas graduações.

Todavia, é preocupante a falta de alusão a experiências referentes à comunidade surda e/ou à cultura surda, tendo em vista que o contato com os usuários nativos da Língua Brasileira de Sinais é primordial para que haja desenvolvimento da linguagem, promovendo uma melhor compreensão da estrutura da Libras. A interação direta com a comunidade surda viabiliza um aprofundamento cultural, oportunizando uma evolução na utilização dessa língua, compreendendo os aspectos históricos e as necessidades dos surdos.

Por outro lado, é perceptível que o reconhecimento da Libras como língua e sua obrigatoriedade como disciplina curricular nos cursos de formação de professores foi um grande avanço, pois permite que os futuros profissionais da educação tenham acesso a esse sistema linguístico, no entanto, essas conquistas precisam ser retratadas em ações para que de fato haja a difusão e uso da Libras no contexto escolar, garantindo os direitos de comunicação e a escolarização da comunidade surda em uma perspectiva, realmente, inclusiva.

3.1.2 Comando 2 do questionário da entrevista

Quadro 3: respostas para o comando 2 dos professores-colaboradores

COMANDO 2: Você acredita que a LIBRAS é uma língua universal ou que cada país utiliza uma língua de sinais diferente, que pode ou não coincidir com a língua de sinais de outro país?	
Professor/a	Respostas
CELESTINA	Não é uma língua universal, mas acredito que algumas coisas devem ter algum significado igual ou semelhante.
FEDRA	A LIBRAS é uma língua universal, podendo ser encontrada em qualquer lugar. O que pode mudar é apenas a forma de se referir, LIBRAS ou Língua de Sinais, ou alguns sinais.
ADÁLIA	Creio que cada país apresenta ou deve apresentar aspectos diferentes.
MADALENA	Acho que cada país utiliza uma língua de sinais diferente.
VALENTINA	LIBRAS é a língua brasileira de sinais, mas acredito que haja sinais que coincidem.
MARTINA	Cada país possui uma cultura diferente e consequentemente a língua de sinais utiliza sinais diferentes.
AURORA	Sim, as regras da linguagem.
MARIA	Não, pois cada país, cada cultura tem sua própria língua e que LIBRAS é uma língua em construção.
DANTE	Cada país usa a sua língua de sinais.
ISLA	Cada país possui uma linguagem diferente, seguindo a gramática da mesma.

Fonte: Elaborado pelos autores (2024)

Após a análise das opiniões dos participantes entrevistados apresentadas no Quadro 3, observamos que a maioria dos professores entrevistados responderam corretamente à questão proposta, visto que as línguas de sinais existentes pelo mundo não são universais, cada país utiliza uma diferente, que pode ou não coincidir, em algum aspecto, com a língua de sinais de outro país.

Neste segundo comando, é importante considerar a questão da variação e mudança linguística - um fenômeno linguístico universal. Sendo assim, não seria diferente em Libras, uma vez que estamos falando de uma língua usada por uma comunidade que apresenta suas próprias nuances, podendo ser influenciadas por diversos fatores como origem étnica, tradições e experiências de vida, expondo diferentes sinais para se referir a conceitos semelhantes.

Por outro lado, observamos que 2 dos professores alegaram que a Libras é uma língua universal, desse modo, inferimos que, nesse contexto, o sistema educacional de formação inicial e/ou continuada de professores ainda apresenta falhas, o que prejudica diretamente os surdos. Esse não reconhecimento, por parte de 2 professores, de possíveis línguas de sinais diferentes é preocupante, dessa forma, é pertinente destacar a importância de implementar o que a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 estabelece, enriquecendo a formação docente, para que assim eles se mantenham atualizados sobre as variações que a Libras apresenta.

3.1.3 Comando 3 do questionário da entrevista

Quadro 4: respostas para o comando 3 dos professores-colaboradores

COMANDO 3: Você acredita que as línguas de sinais são apenas gestos ou mímicas e que copiam as palavras e expressões da língua oral-auditiva. Logo, a LIBRAS busca imitar a língua portuguesa?	
Professor/a	Respostas
CELESTINA	Não são apenas gestos, tem uma gramática por trás de cada sinal.
FEDRA	Não são apenas gestos, a língua brasileira de sinais tem um sistema próprio para se comunicar, além desses gestos, a expressão facial e gestual contam muito.
ADÁLIA	A língua de sinais não tenta imitar ao “pé da letra” a língua portuguesa, ambas podem ser distintas.
MADALENA	Não, é a sua linguagem própria.
VALENTINA	Não, acredito que não sejam gestos ou imitações, mas sinais que representam palavras ou expressões para a comunicação e inclusão.
MARTINA	Não, a língua de sinais é uma forma dos surdos se expressarem.
AURORA	Não, cada língua tem suas regularidades e forma para ser compreendida.
MARIA	Não, pois a língua de sinais trata-se de uma língua natural, com léxico e gramática própria.
DANTE	Não, acredito que a LIBRAS busca trazer um gesto que mais se pareça com o contexto em questão.
ISLA	Não, a língua de sinais é nada mais que a comunicação em libras expressadas pelas pessoas surdas.

Fonte: Elaborado pelos autores (2024)

Ao contemplarmos as respostas do terceiro comando, notamos que todos os professores-colaboradores responderam de forma aproximada ao terceiro comando, argumentando que acreditam que uma Língua de Sinais não diz respeito apenas a gestos ou a mímicas como forma de imitar uma língua oral ou, no caso da Libras ser uma imitação da Língua Portuguesa.

Eles argumentaram que esses sistemas linguísticos devem ter as suas próprias regularidades e gramática própria. Por exemplo, a professora Maria afirmou em sua resposta que “não, pois a língua de sinais trata-se de uma língua natural, com léxico e gramática própria”. Já o professor Dante relata que acredita que “[...] a Libras

busca trazer um gesto que mais se pareça com o contexto em questão”, dessa forma, entende-se que o docente não possui o conhecimento necessário para distinguir gesto de sinal, havendo uma confusão.

Interessante percebermos que os docentes demonstraram o entendimento de que a Libras tem suas próprias regularidades, porém se faz mister ressaltarmos que eles não mencionaram que essa língua reflete a diversidade e a dinamicidade das sociedades humanas.

No entanto, sabemos que as línguas, em geral, não apresentam apenas regularidades. Elas apresentam incompletude, irregularidades, variações etc. A Libras, compreendida como uma língua natural, também apresenta tais fenômenos. Por exemplo, dependendo da região do Brasil, determinado sinal pode apresentar variação linguística.

Ainda considerando as respostas do Quadro 3, como ponto positivo podemos inferir que, mesmo a Libras sendo uma língua natural gesto-visual, os professores fizeram a associação de que não se trata apenas de gestos, mas de algo que apresenta complexidade linguística (entendimento marcado nas narrativas, por exemplo, com as expressões “com léxico e gramática”; “regularidades”; “um sistema próprio para se comunicar” etc.).

É importante ressaltarmos que, mesmo após o reconhecimento do status linguístico da Libras como língua oficial da pessoa surda (Em especial, depois da Lei nº 10.436/2002 e do Decreto nº 5.626/2005 que a regulamenta), grande parte da sociedade ainda não possui uma percepção linguística de que essa língua não se trata apenas de gestos ou mímicas, mas de uma língua natural que a comunidade de surdos adquiriu, ou seja, o surdo fala com as mãos.

3.1.4 Comando 4 do questionário da entrevista

Quadro 5: respostas para o comando 4 dos professores-colaboradores

COMANDO 4: Na sua percepção, a LIBRAS é uma língua completa a qual possui gramática e estrutura linguística igual a outras línguas orais?	
Professor/a	Respostas
CELESTINA	Sim. Não sei explicar muito bem, mas sei que tem sua gramática e estruturas sim, como a oral.
FEDRA	Sim, foi algo que eu não sabia, mas aprendi durante a disciplina que cursei, que existe uma história na construção gramatical para facilitar o entendimento e o aprendizado.
ADÁLIA	Não, creio que ela apresenta técnicas na tentativa da comunicação e não uma gramática complexa.
MADALENA	Acho que não, apenas o alfabeto.
VALENTINA	Sim, na minha percepção toda língua que comunica, que atinge a interação de forma compreensível é completa.
MARTINA	Sim, possui estrutura gramatical.

AURORA	Sim, pois é uma linguagem e tem a gramática para acompanhar a língua portuguesa.
MARIA	Sim, a LIBRAS possui estrutura gramatical própria, portanto é uma língua. O ato de se comunicar através da LIBRAS é fazer o uso da linguagem.
DANTE	Não, pois é uma linguagem visual.
ISLA	Não, a língua de sinais (LIBRAS) possui características diferentes das outras línguas.

Fonte: Elaborado pelos autores (2024)

Apesar da ausência de conhecimento necessário nas respostas, por exemplo, ainda responder que a Libras é linguagem e não uma língua⁴ (presente na resposta de Aurora, Maria e Dante), é apenas um alfabeto (presente na resposta de Madalena, provavelmente ela estava se referindo ao alfabeto manual de surdos-mudos). E não à datilologia que é um recurso muito importante na comunicação em Libras e, muitos casos, passa por um processo de lexicalização para se tornar um item lexical da Libras, por exemplo, os empréstimos linguísticos.

As respostas obtidas nesse quarto comando sinalizaram que a maior parte dos informantes apresentaram respostas minimamente adequada em relação à percepção deles sobre a Libras ser a língua usada para a comunicação e expressão e que apresenta um sistema linguístico completo. Nas palavras da docente Maria “sim, a LIBRAS possui estrutura gramatical própria, portanto é uma língua. O ato de se comunicar através da LIBRAS é fazer o uso da linguagem”

Ainda, conforme as respostas apresentadas no Quadro 5 em relação ao comando 4, observamos que 4 dos professores responderam de forma negativa ao questionamento realizado, como destaque temos Adália que respondeu da seguinte forma “não, creio que ela apresenta técnicas na tentativa da comunicação e não uma gramática complexa”, ainda, seguindo essa mesma linha, a colaboradora Isla argumenta que “não, a língua de sinais (LIBRAS) possui características diferentes das outras línguas.”. Logo, entendemos que para este grupo, a Libras, por não ser uma língua oral, não apresenta léxico e nem gramática própria, diferindo-se das demais línguas, sendo assim, uma forma de comunicação ineficaz, que apresenta características diferentes, sendo apenas uma forma gestual dos surdos tentarem alcançar a comunicação.

Acreditar que as línguas de sinais, dentre elas a Libras, são apenas um combinado de gestos que facilitam a comunicação dos surdos, implica acreditar que

4 Compreendemos, neste estudo, língua como um sistema estruturado de signos linguísticos, que são organizados por meio de normativas gramaticais específicas e compartilhados por um determinado grupo, funcionando como um artefato cultural que reflete e molda a identidade de uma comunidade linguística, ou seja, ela pode apresentar variação dependendo da região, do grupo social e de outros elementos. Já a linguagem, por sua vez, como o ato intrínseco de interação comunicativa, implicando na habilidade de transmitir mensagens, logo, a comunicação pode ser realizada com objetivos diferentes.

há o entendimento da Libras como uma língua estritamente icônica, concreta, sem possibilidade de relações abstratas, nem detentora de arbitrariedade, isto é, como gestos ou simplesmente códigos descontextualizados.

Nesse particular, recorreremos a Honora e Frizanco, (2009) apud Antonio e Kelman (2019) que nos explica a relação de iconicidade e arbitrariedade em Libras da seguinte maneira:

A Libras se apresenta tanto na iconicidade quanto na arbitrariedade, ou seja, quando apresenta uma característica real de um fato, dizemos que é icônica, se bem que a maioria dos sinais sejam arbitrários, isto é, não mantêm relação de semelhança com seu referente (Honora; Frizanco, 2009, p. 14, apud Antonio e Kelman, 2019, p. 96).

Além disso, essa concepção equivocada sobre a Língua (de Sinais) implica também a compreensão de que a Libras não apresenta complexidades linguísticas e pragmáticas como as demais línguas orais. Isso é um grande engano, pois, como corroboram Pereira e Vieira (2009), a língua de sinais é natural e completa, composta por diferentes níveis linguísticos, com estruturas gramaticais próprias.

3.1.5 Comando 5 do questionário da entrevista

Quadro 6: respostas para o comando 5 dos professores-colaboradores

COMANDO 5: Na sua percepção, a LIBRAS sofre influências culturais com o passar dos anos e, como qualquer outra língua, possui expressões (sinais) que diferem de acordo com a localidade (regionalismos). Sendo assim, ao conversar com um surdo de outra região do país, ele poderá usar sinais diferentes do que você aprendeu, pois, cada local cria suas próprias palavras e gírias?	
Professor/a	Respostas
CELESTINA	Sim. Tenho contato com uma pessoa que é surda e ela estudou e sabe se comunicar com a Libras, mas com as pessoas que não entendem Libras ela tem outros gestos para poder se comunicar.
FEDRA	Sim, acredito que alguns sinais podem ser diferentes, dependendo da região/localidade. Assim como toda língua sofre influências culturais, com a LIBRAS acho que não é diferente.
ADÁLIA	Sim. Creio que cada região apresenta uma cultura diferente e por isso ela não é totalmente fixa.
MADALENA	Sim. Cada país possui sua própria língua, diferenciando assim suas expressões.
VALENTINA	Sim. Acredito que seja uma linguagem viva, assim como a língua portuguesa falada e escrita, portanto sofre variações.
MARTINA	Sim. A língua é influenciada pela cultura, os sinais mudam de acordo com a região.
AURORA	Sim. Será difícil a compreensão.
MARIA	Sim, pois os surdos podem criar sinais diferentes para identificar lugares, objetos e conceitos.
DANTE	Sim. Alguns sinais são diferentes em cada região.
ISLA	Não, acredito que a língua de sinais é a mesma utilizada em uma mesma região.

Fonte: Elaborado pelos autores (2024)

De acordo com o resultado apresentado no Quadro 6, analisamos que 9 dos docentes entrevistados responderam à pergunta de forma minimamente apropriada, pois acreditam que, assim como toda língua, a Libras sofre influências culturais, apresentando variações de acordo com a região em que se encontra.

A resposta da professora Fedra exemplifica essa percepção quando ela argumenta que “sim, acredito que alguns sinais podem ser diferentes, dependendo da região/localidade. Assim como toda língua sofre influências culturais, com a LIBRAS acho que não é diferente”. Essa assertiva provoca-nos a pensar que a referida professora possui o entendimento de que a comunidade surda é vasta e que o fato de não verbalizarem oralmente, não implica na ausência de variação linguística.

Como demonstra o Quadro 6, apenas uma informante respondeu ao questionamento sob outra perspectiva, a professora Isla argumenta que “não, acredito que a língua de sinais é a mesma utilizada em uma mesma região”, daí podemos inferir o distanciamento na percepção da citada professora entre a língua portuguesa falada no Brasil e a Línguas Brasileira de Sinais (Libras) quanto ao status de línguas naturais.

Com isso, pontuamos que para referida professora, a Libras não apresenta variação de acordo com o local em que é usada, assim como ocorre no português ou em outras línguas, apresentando-se fixa com a mesma forma de uso em qualquer região,

3.1.6 Comando 6 do questionário da entrevista

Quadro 7: respostas para o comando 6 dos professores-colaboradores

COMANDO 6: Você tem algum conhecimento sobre a Lei nº 10.436/2002, que reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como meio legal de comunicação e expressão dos surdos no Brasil e sobre o Decreto nº 5.626/2005 que a regulamenta?	
Professor/a	Respostas
CELESTINA	Sim, tive conhecimento sobre essas leis, mas não me aprofundei nelas.
FEDRA	Já tive contato com a lei, o decreto, onde tomei conhecimento da sua importância para a comunidade surda, depois das muitas dificuldades e desafios enfrentados.
ADÁLIA	Não, pois deveria ser trabalhado sobre esse tema de forma mais complexa nas escolas.
MADALENA	Não sabia.
VALENTINA	Não, nunca procurei conhecer a lei, algo que preciso fazer.
MARTINA	Não tenho conhecimento sobre a área.
AURORA	Sim. É uma forma de se comunicar, e é importante para inclusão social.
MARIA	Sim. Que esta lei reconhece a língua de sinais como meio legal de comunicação e expressão dos surdos.
DANTE	Nunca ouvi falar.
ISLA	Não. É importante estar por dentro das leis.

Fonte: Elaborado pelos autores (2024)

Com as respostas obtidas no sexto comando, observamos, mais uma vez, um conhecimento limitado das normas jurídicas acerca da Língua Brasileira de Sinais. Essa situação é preocupante, uma vez que estamos falando de licenciados graduados em cursos de formação de professores.

Esse resultado negativo, no sentido do não conhecimento das normas legais que regem a inclusão da Libras no contexto educacional, se sobressaiu nas respostas apresentadas no Quadro 6. Daí questionamos, como exigir direitos se não os conhecemos? Dessa forma, podemos observar que tal decorrência é reflexo da necessidade de formação continuada para que os docentes possam se atualizar, diminuindo a distância entre o que eles sabem e o que deveriam saber. É crucial desenvolver uma consciência crítica e uma compreensão profunda dos direitos fundamentais, entendendo que, em um contexto social, o conhecimento dessa legislação é essencial para a promoção da inclusão e da igualdade de direitos das pessoas surdas.

É um fator crítico esse desconhecimento, pois esses professores deveriam ter tido contato com esses marcos legais e outros ao decorrer da formação acadêmica e/ou durante a formação continuada. O docente Dante relata “nunca ouvi falar”. Já a Valentina destaca que “não, nunca procurei conhecer a lei, algo que preciso fazer”.

Cumprе ressaltar que há anos a comunidade surda vem lutando pelos seus direitos e, sem dúvidas, o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais como língua foi um marco muito importante para contribuir e garantir a inclusão dessa comunidade, de sua língua, identidade e cultura, assegurando os direitos adquiridos. Com efeito, é fator sine qua non que os profissionais da educação tenham um conhecimento mínimo sobre a Lei nº 10.436/2002, que reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como meio legal de comunicação e expressão dos surdos no Brasil e sobre o Decreto nº 5.626/2005 que a regulamenta, entre outras normas legais referentes à educação de surdos e promover cada vez mais a inclusão.

3.1.7 Comando 7 do questionário da entrevista

Quadro 8: respostas para o comando 7 dos professores-colaboradores

COMANDO 7: O Projeto Lei 459/21, apresentado pelo vereador Rafael Pascucci (PTB), autoriza a inclusão do ensino da LIBRAS como disciplina curricular no Ensino Fundamental para estudantes surdos e ouvintes matriculados na rede municipal de São José dos Campos. Qual a sua opinião sobre esse Projeto Lei?	
Professor/a	Respostas
CELESTINA	Concordo. É uma forma de não haver uma rejeição contra a comunidade surda e promover cada vez mais a inclusão.
FEDRA	Concordo. LIBRAS é a segunda língua oficial do Brasil, sendo nada mais justo e necessário que as pessoas que são ouvintes possam aprender essa segunda língua para poder se comunicar de forma efetiva com as pessoas da comunidade surda.

ADÁLIA	Concordo. A educação é um direito de todos e com essa lei, a inclusão do ensino de LIBRAS poderá ser mais intensificada e contribuirá de maneira significativa para uma educação de qualidade.
MADALENA	Concordo. Deveria ser incluído na rede privada também.
VALENTINA	Concordo. Acredito que todos precisam ter acesso a LIBRAS.
MARTINA	Concordo. Todas as pessoas deveriam ter a oportunidade de conhecer e aprender a se comunicar com a língua de sinais.
AURORA	Concordo. Para que o aluno seja acolhido pela turma e surgir uma boa comunicação.
MARIA	Concordo. Muito boa e necessária, pois assim as pessoas que necessitam desse suporte irão se beneficiar muito.
DANTE	Concordo. Facilitaria muito a comunicação para os surdos.
ISLA	Concordo. É de suma importância incluir a disciplina para agregar no conhecimento e incluir os alunos.

Fonte: Elaborado pelos autores (2024)

Com o exposto no Quadro 8, evidenciamos que todos entrevistados se posicionaram de forma favorável em relação ao Projeto Lei 459/21, que autoriza a inclusão do ensino da Libras como disciplina curricular no Ensino Fundamental para estudantes surdos e ouvintes matriculados na rede municipal de São José dos Campos. Logo, identificamos que os participantes reconhecem a importância da disciplina de Libras na escola do Ensino Básico.

É importante dizer que nas respostas obtidas não se materializaram singularidades da realidade local dos entrevistados, acreditamos que tais respostas foram influenciadas pelos mitos e pela ideia simplista do senso comum que são dados à Libras como força de expressão, meio de comunicação de fácil aprendizagem, entre outras. No entanto, há possíveis problemáticas que poderiam ocorrer em relação a implementação do projeto proposto referente a realidade profissional, em especial sobre a formação docente.

Tendo em vista que a referida iniciativa, em uma análise superficial, seria muito benéfica para a comunidade surda, pois poderia contribuir, a longo ou a médio prazo, para promover a inclusão e o acesso à Língua Brasileira de Sinais não só para os surdos como também para os ouvintes, sendo uma forma de evidenciar ainda mais a Libras no contexto educacional, além de tornar o currículo mais significativo e acessível.

Porém, é relevante entendermos que a inclusão do ser surdo, de sua língua, identidade e cultura no ambiente escolar regular vai além do ensino do léxico da Libras, há a necessidade, por parte da comunidade escolar, de um melhor entendimento sobre questões ligadas às noções de bilinguismo, biculturalismo de surdos, traços culturais, históricos e educacionais no ensino de Língua de Sinais.

Por essa razão, faz-se necessário destacar alguns aspectos negativos em relação a essa implementação sem as devidas condições de preparo dos profissionais e da infraestrutura, como a inadequação pedagógica que, pela falta de formação específica dos docentes para o ensino da Libras, pode acarretar em uma barreira para a aprendizagem e a ausência de recursos didático-pedagógicos apropriados que pode prejudicar o desenvolvimento dos alunos surdos, comprometendo seu acesso a uma educação inclusiva e de qualidade, violando os direitos educacionais.

É pertinente destacar que avanços significativos ocorreram para que haja a inclusão dos surdos tanto na sociedade como no âmbito escolar, no entanto, é evidente que apesar dessa conquista, é preciso que os direitos adquiridos sejam traduzidos em ações para que de fato se inclua a comunidade e cultura surda nesses espaços de ensino/aprendizagem. Desse modo, o Projeto Lei 459/21 é um exemplo das ações que podem ser tomadas, como afirma Quadros (2003, p. 85) “(...) a educação deveria estar calcada em um plano que atenda de fato as diferenças no contexto brasileiro: diferenças sociais, políticas, linguísticas e culturais.”.

Considerações finais

A história dos surdos, de sua língua e de sua cultura é marcada por um caminho repleto de dificuldades, pois, por muito tempo, o ser surdo foi discriminado, colocado à margem da sociedade. No entanto, a comunidade surda sobreviveu a esses percalços, superando e resistindo, mostrando a importância da sua língua e da sua cultura, como também conquistando, ao longo desse processo, o *status* linguístico da Língua Brasileira de Sinais e alguns marcos legais que amparam os direitos dos surdos.

Porém, ainda há muito a se conquistar em termos de garantia plena de seus direitos e acesso a uma educação de qualidade, tendo em vista que um dos principais desafios ainda enfrentados pela comunidade surda é a falta de reconhecimento e respeito pela sua língua e cultura, por parte da sociedade, assim como a falta de profissionais capacitados para trabalhar com a Língua de Sinais também é uma barreira para que haja a inclusão efetiva dos surdos no âmbito educacional.

Por conseguinte, este trabalho objetivou evidenciar as percepções dos professores entrevistados sobre questões relacionadas à Língua Brasileira de Sinais, a partir dos sentidos e significados materializados em suas narrativas, como forma de identificarmos como está o atual cenário da formação e contato com a Libras, dos docentes.

No tocante aos dados levantados nesta pesquisa, é perceptível que o reconhecimento da Libras como língua e sua obrigatoriedade como disciplina

curricular nos cursos de formação de professores foi um importante avanço que está apresentando resultados significativos, ao permitir que mais profissionais tenham conhecimento sobre essa língua.

No entanto, observamos que os dez colaboradores apresentaram formas de perceber o surdo e a língua de sinais a partir de um universo limitado, demonstrando que, apesar de evidenciarmos resultados positivos quanto ao acesso à Libras no contexto escolar, torna-se evidente que ainda há um longo caminho a ser trilhado para que de fato todos possam ter acesso e conhecimento sobre a referida língua. Contudo, as respostas obtidas revelaram uma frágil formação profissional do professor, o que afeta diretamente os surdos.

Podemos destacar alguns equívocos a respeito de certas concepções sobre a Língua (de Sinais), a cultura e o ser surdo presentes nas narrativas dos professores entrevistados, como a ausência da percepção da pessoa surda enquanto um sujeito que fala e a importância de sua cultura, evidenciando que a desvalorização da cultura surda está enraizada em uma concepção normativa e exclusivista da língua oral mostrando que ainda há falta de reconhecimento da Libras como uma língua natural e plenamente funcional.

A visão de que é preciso a presença do oralismo para que de fato haja a comunicação, exclui a pessoa surda como um ser falante, marginalizando outras formas de comunicação, como a língua de sinais. Tal percepção reforça um discurso de preconceito, que vem invisibilizando por muitos anos os surdos e impedidos de exercer seu papel de cidadão.

Por fim, esperamos que esta pesquisa possa contribuir para futuros estudos nas áreas de Educação e formação de professores, visto que ainda é uma temática pouco elucidada de acordo com a literatura disponível e consultada *a priori*, viabilizando reflexões acerca da Libras e do quanto que ela ainda precisa ser evidenciada na sociedade, em especial, nas redes de ensino, para que possamos obter um corpo docente capacitado para atender a comunidade surda.

Referências

ANTONIO, Luiz Cláudio de Oliveira; KELMAN. Percepções sobre ensino de libras no currículo de formação docente em licenciaturas fluminenses. **Perspectivas em Diálogo**, Naviraí, v. 6, n. 13, p. 94-110, jul./dez. 2019.

BRASIL. Decreto N° 5626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei N° 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Brasília, DF, 2005.

BRASIL. Lei N° 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/lei10436.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2024.

GESSER, Audrei. Libras?: **Que língua é essa?**: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 1971.

KENDRICK, Denielli; CRUZ, Gilmar de Carvalho. Libras e Formação Docente: da Constatação à Superação de Hierarquias **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Bauru, v.26, n.4, p.571-586, Out.-Dez., 2020.

MANTOAN, M. T. E. (Org.). **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Summus, 2015.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Declaração mundial sobre educação para todos**: plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. Jontiem -Tailândia, 1990.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Declaração de Salamanca sobre Princípios, Políticas e Práticas em Educação Especial**. Salamanca -Espanha, 1994.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha; VIEIRA, Maria Inês da Silva. Bilinguismo e educação de surdos. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. 19, p. 62-67, 2009.

QUADROS, Ronice Müller de. Didática da Libras. In: Evangelina Maria Brito de Faria; Maria Cristina de Assis. (Org.). **Língua Portuguesa e Libras**: Teorias e Práticas. 1ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012, v. 5, p. 61-110. Disponível em http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/didatica_da_libras_1462972859.pdf. Acesso em: 21 maio 2023.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de. Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão/exclusão. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n° 5, p. 81-111, 2003.

TAVARES, J. A.; NOGUEIRA, P. A. S.; Libras nas licenciaturas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba: ensino e inclusão na análise do currículo acadêmico. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S.l.], v. 1, n.23, p.1-18, e13301, mai. 2023. ISSN 2447-1801.

Submissão: 26/04/2024

Aceito: 17/06/2024

SANTOS, Leila de Souza, MELO, Pedro Antonio Gomes de. Percepções e crenças de professores do Ensino Fundamental de Palmeira dos Índios/AL sobre a Língua Brasileira de Sinais.

Revista Fios de Letras, [S.l.], v. 1, n. 02, p. e12243 | 01-24, maio. 2024. ISSN 2966-0130.

Vol. 01, **Nº 02** (2024)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**

ENTREVISTA COM MÁRCIA ANTONELLI

Marta Cortezão



Marta Cortezão¹

RESUMO: A entrevista com Márcia Antonelli aborda sua identidade como escritora independente em Manaus, destacando a importância da escrita em sua vida e seu processo de transição de gênero. Sua paixão pela literatura russa influencia sua escrita, enquanto sua atuação como uma escritora trans amplia sua sensibilidade. Antonelli destaca a necessidade de maior representatividade da literatura trans, reivindicando mais espaços e atuação. Sua relação com Manaus é descrita como uma simbiose complexa de amor e ódio que reflete em sua escrita que, para além de qualquer gênero, é a sua forma de resistir e existir no mundo. A escritora expressa sentimentos de luta e resistência em sua jornada literária, destacando sua recente ascensão no cenário literário de Manaus. Ela descreve seu processo diário de escrita e a construção de personagens a partir de suas observações do cotidiano. Antonelli destaca personagens marcantes em sua obra, como a Louca e Raimundo Perfumado. Ela também fala, desde uma visão positiva, sobre a sua trajetória literária no Amazonas e anuncia o lançamento de seu próximo livro de contos, RASGADA AO MEIO, pela Editora Transe. O livro estará disponível em maio, em versão física e digital (*e-book*) com lançamento presencial, em Manaus.

PALAVRAS-CHAVE: Entrevista. Identidade. Urbanidade Periférica. Literatura Contemporânea. Resistência.

RESUMEN: La entrevista con Marcia Antonelli aborda su identidad como escritora independiente en Manaos, destacando la importancia de la escritura en su vida y su proceso de transición de género. Su pasión por la literatura rusa influye en su escritura, mientras que su trabajo como escritora trans amplía su sensibilidad. Antonelli destaca la necesidad de una mayor representación de la literatura trans, exigiendo más espacio y acción. Su relación con Manaos se describe como una compleja simbiosis de amor y odio que se refleja en su escritura que, más allá de cualquier género, es su forma de resistir y existir en el mundo. La escritora expresa sentimientos de lucha y resistencia en su recorrido literario, destacando su reciente ascenso en el panorama literario de Manaos. Describe su proceso diario de escritura y la construcción de personajes a partir de sus observaciones cotidianas. Antonelli destaca personajes notables en su obra, como Louca y Raimundo Perfumado. También habla, desde una perspectiva positiva, de su trayectoria literaria en Amazonas y anuncia el lanzamiento de su próximo libro de cuentos, que será editado por la Editora Transe, RASGADA AO MEIO. El libro estará disponible en mayo, en versión física y digital (*e-book*), con lanzamiento presencial, en Manaos.

PALABRAS CLAVE: Entrevista, Identidad, Urbanidad Periférica, Literatura Contemporánea, Resistencia.

¹ Escritora e poeta amazonense, radicada na Espanha desde 2012. Livros de poesia publicados: “Banzeiro manso” (Porto de Lenha, 2017) e “Amazonidades: gesta das águas” (Penalux, 2021), “Meu silêncio lambe tua orelha” e “Aljavas para Cupido” (Eu-1, 2023). Colunista da Voo Livre Revista Literária.

Introdução:

Márcia Antonelli se autodefine como transcritora, é natural de Manaus Amazonas. Autora de livros, entre eles contos, crônicas, novelas, resenhas, haicais etc. É coautora da Revista Alternativa SIRROSE, apresentadora do Programa de entrevistas Literatura da Gente (YouTube), corrotista do Curta FORA DO EIXO, em parceria com o DJ Marcos Tubarão. Alguns de seus contos foram adaptados para o cinema (curtas) e peça de teatro. Nesta entrevista conduzida por Marta Cortezão, Antonelli discute diversos aspectos de sua vida e obra, revelando sua profunda ligação com a escrita, descrevendo-a como uma parte intrínseca de si mesma, capaz de influenciar sua compreensão do mundo e sua relação com ele. Antonelli também compartilha *insights* sobre sua relação com a cidade de Manaus, destacando uma simbiose única entre sua identidade e o ambiente urbano periférico e como essa relação é importante para sua escrita literária.

Marta Cortezão: Quem é Márcia Antonelli Santana em sua mais autêntica versão?

Márcia Antonelli: Márcia Antonelli é uma transcritora que sobrevive de sua literatura independente em Manaus.

MC: Quando você se deu conta de que a escrita era imprescindível em sua vida? E de que forma esta necessidade orgânica afeta a sua relação com o mundo?

MA: Quando ela se tornou uma parte de mim, a extensão do que eu sou e que agora me sustenta. Ela me afeta no sentido de me fazer entender o mundo, as pessoas e a mim mesma.

MC: O que a sua paixão pela literatura russa representa para a sua escrita, para o seu fazer literário que vai de contos, crônicas, novelas a haicais?

MA: Os escritores russos foram importantes porque me abriram um leque de possibilidades de me reinventar na escrita e de me humanizar também. Cito como exemplo Dostoiévsky, Gogol, Tourgueniev e Máximo Górgio como referências.

MC: De que maneira o seu processo de transição de gênero reflete na escrita da mulher trans, da “transcritora” Márcia Antonelli, como você se autodefine?

MA: Me deu mais apuro e mais sensibilidade na minha escrita.

MC: Em uma entrevista para o Canal Três, portal de notícias do Estado (AM), dia 12 de abril de 2022 (BRANDÃO, 2022), você afirma que “a literatura trans deveria ser

mais atuante em termos amplos e receber mais apoio”². Para além da atuação e do fundamental apoio, poderíamos cogitar a ideia de que, nas entrelinhas, você também se refere à literatura trans como ferramenta de combate à transfobia?

MA: Em Manaus, a literatura trans é pouco atuante. Penso que só existe uma escritora trans escrevendo e publicando, que sou eu. Queria que houvesse mais escritoras trans atuando em Manaus como acontece em outros estados em que a literatura trans vem ocupando mais e mais seu lugar de fala e, portanto, se tornando mais aguerrida. Escrever não é apenas um ato político, é um ato de existência e resistência independente de qualquer gênero.

MC: Você é uma “transcritora” que transita pela urbanidade periférica de Manaus. Mas como essa Manaus transita dentro da pessoa/“transcritora” Márcia Antonelli?

MA: Há uma simbiose quase perfeita, ou seja, Manaus precisa de mim tanto quanto eu preciso dela. Há uma relação de amor e ódio. Mais amor e tentativa de entender esta cidade e me relacionar com ela.

MC: Que sentimentos lhe assaltam o peito ao contemplar seus longos anos de atuação como “transcritora” de uma literatura potente, de comprometimento político-social com o seu tempo, com o seu chão e que se levanta das margens periféricas ecoando a voz dos invisíveis?

MA: São sentimentos bons, de muita luta, algumas inglorias, outras não. Mas há ainda muito chão para se percorrer. Márcia Antonelli ainda é muito recente no cenário literário da cidade. Há muito chão. Há muito o que se escrever ainda.

MC: Como é um dia comum da escritora Márcia Antonelli em relação à produção literária de seus “livretos”?

MA: Acordo pensando no que escrever. Tomo café pensando no que escrever. Almoço pensando no que escrever. Pego o ônibus pensando no que escrever. Como um pastel com caldo de cana pensando no que escrever. Bebo minha cerveja pensando no que escrever. Vou trabalhar pensando no que escrever. Volto pra casa pensando no que escrever. Ligo o chuveiro pensando no que escrever. Alimento meus gatos pensando no que escrever. Vou dormir pensando no que escrever. Trepo em meus sonhos pensando no que escrever. Acordo pensando...

² GORDIANO, Jalna. A periferia e suas bandeiras de luta: a importância do protagonismo “marginal” na literatura de Manaus/AM. Acesso em março de 2024; disponível em [Vista do A periferia e suas bandeiras de luta: a importância do protagonismo “marginal” na literatura de Manaus/AM \(ufam.edu.br\)](https://vista.doa.periferia.e.suas.bandeiras.de.luta.a.importancia.do.protagonismo.marginal.na.literatura.de.manaus/am.ufam.edu.br).

MC: Como você elabora os seus personagens de modo geral? O que é fundamental nesse processo para seus contos?

MA: Os meus personagens surgem das minhas observações do cotidiano. Eu acolho eles no meu campo de visão e eles me acolhem fornecendo subsídios para as minhas criações.

MC: Com uma lista enorme de personagens que saltam de sua extensa produção literária, há algum personagem com o qual você mais se identifica? Ou ainda, já se apaixonou por algum de seus personagens?

MA: Com a Louca e com Raimundo Perfumado. Dois personagens marcantes e clássicos da minha literatura.

MC: Conte em menos de 50 palavras a cena mais erótica que já escreveu?

MA: No conto, A MEIA FURADA, acontece uma trepada fenomenal entre uma personagem trans que é escritora, e o personagem Lopes que é um pintor e desenhista de rua, em um quarto de motel furreca no centro de Manaus, onde sempre acontece entre os dois os encontros às escondidas, pois que Lopes nunca assume sua paixão e tesão pela escritora trans e, portanto, seus encontros são sempre furtivos onde o desejo e a lascívia rompem amarras do que consideramos uma trepada convencional.

MC: Poderíamos dizer que os personagens Márcio Santana e Mário Augusto que figuram nesta trilogia de contos (*O enterro do anão*, *O anão do açougue* e *O anão trompetista*) são o *alter ego* de Márcia Antonelli?

MA: Não, não são *alter ego*, são meros personagens do dia a dia, da boemia louca de Manaus. O único ponto em comum que deva ter entre eles é que são escritores no limite de suas vidas ainda em busca de seu lugar ao sol.

MC: Como você vê a sua trajetória literária no cenário da literatura contemporânea produzida no Amazonas?

MA: De forma muito positiva. Sou a escritora mais querida e mais aclamada de Manaus. Não apenas daqui, pois a minha literatura já tem alcançado outras paragens com duas obras traduzidas para o Espanhol.

MC: Quando sai o livro a ser publicado com a Editora Transe? É de contos? Onde poderemos adquirir os exemplares?

MA: Em maio de 2024 sai o livro de contos chamado RASGADA AO MEIO. Farei o lançamento ao vivo (ainda não tem lugar e data) e os demais exemplares disponibilizarei em e-books. A ‘viada’ não para!

MC: Para quem quiser adquirir suas obras, onde encontrá-las?

MA: Diretamente comigo, mana, sou muito ativa na minha página de Facebook, posto tudo lá. Quem quiser solicitar meus livretos, deixo os contatos: (92) 9 8425-7217; Facebook: Márcia Antonelli Santana e E-mail: marciasantanam2@gmail.com. Valeu, mana, tô no corre!

Submetido: 22/04/2024

Aceito: 28/08/2024

 <https://doi.org/10.59666/fiosdeletras.v1i02.3879>

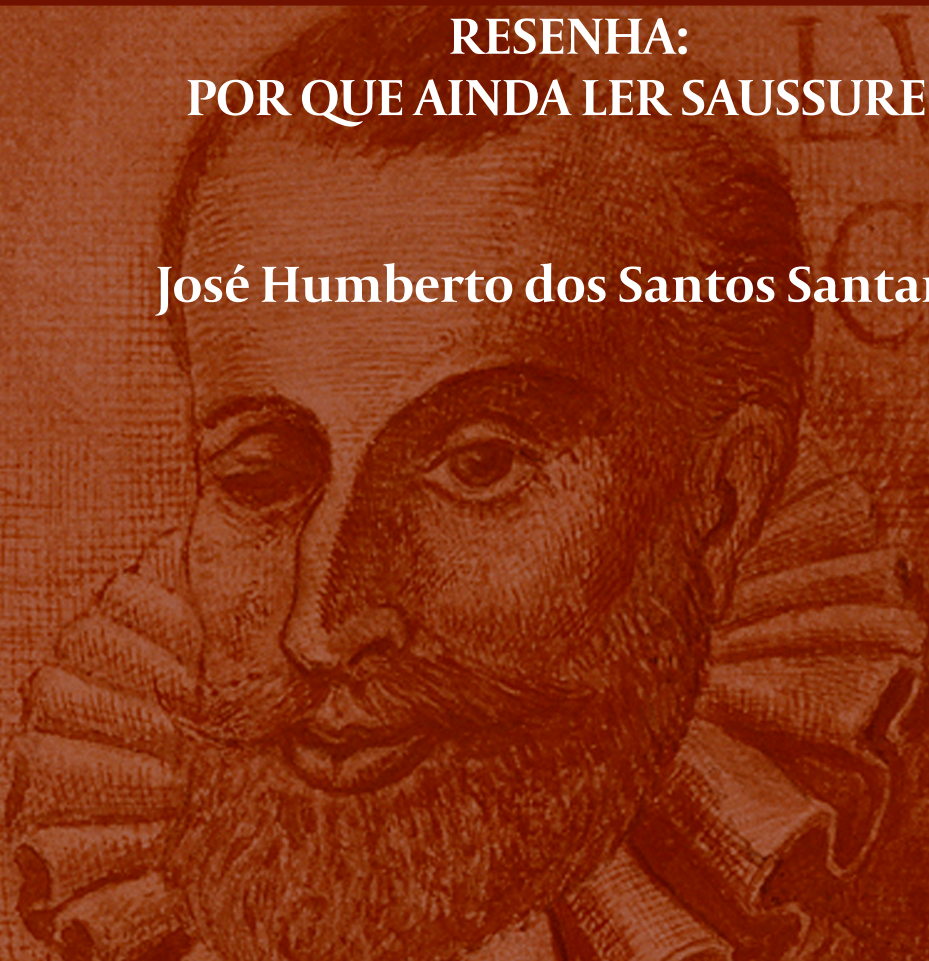
 <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Vol. 01, **Nº 02** (2024)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**

RESENHA:
POR QUE AINDA LER SAUSSURE?

José Humberto dos Santos Santana



POR QUE AINDA LER SAUSSURE?

2

WHY STILL READ SAUSSURE?

José Humberto dos Santos Santana¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6939-1415>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3190279705494282>

Resenha de:

FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023 [2013].

RESUMO: A coletânea *Saussure: a invenção da Linguística*, organizada por José Luiz Fiorin, Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan (três renomados linguistas brasileiros), oferece um panorama das pesquisas brasileiras que investigam se as ideias de Ferdinand de Saussure são essenciais para os estudos linguísticos da atualidade. Os onze capítulos que compõem a coletânea buscam demonstrar que o pensamento Saussuriano permanece relevante. Para tanto, os autores reveem, sob diferentes perspectivas, temas e conceitos estabelecidos por Saussure, como língua, fala, signo linguístico, significante, significado, sincronia, diacronia e Semiologia. Para revê-los, cada autor adotou, como *corpus* de pesquisa, os textos que melhor discutem o tema ou o conceito sob análise. Ao defender que o pensamento saussuriano continua relevante, os autores se unem a pesquisadores que não reduzem as ideias de Saussure a pares dicotômicos e ao estudo estruturalista da forma.

PALAVRAS-CHAVE: Saussure. Invenção da Linguística. Retorno a Saussure. *Corpus* saussuriano. Linguística Geral.

ABSTRACT: The collection *Saussure: the invention of Linguistics*, edited by José Luiz Fiorin, Valdir do Nascimento Flores and Leci Borges Barbisan (three renowned Brazilian linguists), offers an overview of Brazilian research that investigates whether Ferdinand de Saussure's ideas are essential for current linguistic studies. The eleven chapters that make up the collection seek to demonstrate that Saussure's thought remains relevant. To this end, the authors review, from different perspectives, themes and concepts established by Saussure, such as language, speech, linguistic sign, signifier, signified, synchrony, diachrony and Semiology. To review them, each author adopted, as a research corpus, the texts that best discuss the theme or concept under analysis. In arguing that Saussure's thought remains relevant, the authors join researchers who do not reduce Saussure's ideas to dichotomous pairs and the structuralist study of form.

KEYWORDS: Saussure. Invention of Linguistics. Return to Saussure. Saussure's corpus. General Linguistics.

¹ Estudante do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. Licenciado em Letras Português (2016) pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professor efetivo da Rede Pública Estadual de Ensino de Alagoas. E-mail: humbertosantana88@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6939-1415>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3190279705494282>

Obra de finado. Escrevia-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse contúbio.

Machado de Assis, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*

Mas eu ainda espero angariar as simpatias da opinião [...] A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus.

Machado de Assis, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*

Os estudos saussurianos contemporâneos têm defendido que o pensamento de *Ferdinand de Saussure* (1857-1913), o criador da ciência da linguagem, *permanece relevante*. Os onze capítulos que compõem a coletânea “Saussure: a invenção da Linguística” (Figura 1), organizada por José Luiz Fiorin, Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan, buscam reforçar essa tese. Os autores desejam “[...] mostrar que o texto saussuriano ainda aponta caminhos, abre sendas e veredas, permite descortinar horizontes” (Fiorin; Flores; Barbisan, 2023, p. 10). Para tanto, reveem temas e conceitos estabelecidos por Saussure. Para revê-los, cada autor adotou, como *corpus* de pesquisa, os textos que melhor discutem o tema ou o conceito sob análise. Com esse procedimento, desviaram-se da discussão acerca da autenticidade das fontes e preservaram o lugar fundador do *Curso de Linguística Geral* (CLG) (1916), a primeira grande fonte de pesquisa do pensamento saussuriano (Fiorin; Flores; Barbisan, 2023). Tal desvio se justifica, segundo os organizadores, porque

[...] uma discussão dicotomizada entre o *verdadeiro Saussure* e o *falso Saussure* perde relevância quando se tem claro que se está frente a um *corpus* heterogeneamente formado: uma carta pessoal não pode ser equiparada a uma carta profissional; uma nota manuscrita encontrada postumamente não tem o mesmo valor que um texto estabelecido em função de anotações de alunos feitas a partir de aulas. São fontes diferentes e devem ser usadas para fins científicos distintos, obedecendo a critérios pontuais (Fiorin; Flores; Barbisan, 2023, p. 17, grifos dos autores).



Figura 1. Capa do livro *Saussure: a invenção da Linguística*
Fonte: extraída do site Biblioteca Virtual²

O primeiro capítulo, de autoria de Cristina Altman, revê documentos referentes aos três cursos ministrados por Saussure na Universidade de Genebra, entre 1907 e 1911, para responder à seguinte pergunta: “[...] como Saussure teria percebido a si e às suas ideias em relação àqueles que o antecederam na cronologia da disciplina Linguística: como continuador, crítico, renovador?” (Altman, 2023, p. 22). A revisão evidencia que

Não fossem as críticas feitas nos cursos orais aos neogramáticos, flagradas aqui e ali nas anotações de seus alunos, principalmente aquelas relativas aos fundamentos da disciplina linguística, poderíamos interpretar Saussure como tendo feito uso da história em proveito das suas próprias ideias (Altman, 2023, p. 30).

O segundo capítulo, de Marcio Alexandre Cruz, investiga a relação entre língua e história em Saussure. Para tanto, adota-se, como *corpus* de análise, o CLG e os “Escritos de Linguística Geral” (ELG). Os resultados mostram que: a) “a sincronia em Saussure não remete a um domínio desprovido de historicidade, mas, antes, que se trata aí de uma dimensão radicalmente histórica” (Cruz, 2023, p. 42); b) a separação entre sincronia e diacronia não remete à separação entre um domínio a-histórico e um domínio histórico, “mas, antes, à separação de duas ordens de estudo que se

² Disponível em: <https://www.bvirtual.com.br/NossoAcervo/Publicacao/4138>. Acesso em: 25 abr. 2024.

ocupam de objetos distintos” (p. 42): a sincronia “estuda a língua do ponto de vista do sujeito falante” (p. 42), e a “diacronia trata da evolução dos sons reduzidos a seu aspecto físico” (p. 42); e c) o CLG permite refutar a tese de que Saussure teria excluído dos estudos linguísticos a história. Esses resultados, segundo o autor, contribuem para a desconstrução da “[...] representação de um Saussure que teria fundado a ciência da linguagem ao preço da exclusão de uma série de elementos” (p. 42).

O terceiro capítulo, de Eliane Silveira, objetiva identificar, por meio da análise de trechos do CLG e de dois manuscritos produzidos na última década do século XIX, o lugar do conceito de fala na produção de Saussure. Os resultados apontam que tal conceito está no centro das preocupações de Saussure, “determinantemente interligado aos outros conceitos e bastante ancorado na concepção de fala do século XIX” (Silveira, 2023, p. 55-56). Tais resultados contestam a tese de que “Saussure excluiu a fala do escopo da Linguística por ele construída” (Silveira, 2023, p. 45).

O quarto capítulo, de Hozanete Lima, interpreta três metáforas empregadas por Saussure no CLG, a saber: a) a do jogo de xadrez, b) a da moeda e c) a do signo linguístico, entidade psíquica de duas faces. À primeira, segundo a autora, subjaz “o movimento de apreensão da língua em seu aspecto sincrônico” (Lima, 2023, p. 64). Assim como, “numa partida de xadrez, qualquer posição dada tem como característica singular estar libertada de seus antecedentes” (Saussure, 2006, p. 105), para estar na língua como um real falante, não é necessário que um indivíduo saiba como se comportou a língua há cinquenta anos (Lima, 2023, p. 64). A segunda refere-se ao princípio do valor e ao funcionamento dos eixos paradigmático e sintagmático. *O valor*, de acordo com Lima (2023), consolida a concepção de língua como um sistema de signos determinados por aquilo que os rodeia (Saussure, 2006) — um signo é “[...] o que os outros não são” (Saussure, 2006, p. 136) — e impede a inserção, na Linguística, de uma formalização embasada em uma teoria representacionista da língua: para Saussure, a língua não é “[...] uma nomenclatura, em que cada item está relacionado com um significado” (Fiorin, 2023, p. 104); e *o funcionamento dos eixos* revela que os signos — cujos valores são determinados por suas relações com outros valores semelhantes e dissemelhantes (Saussure, 2006) — não só se alinham um após o outro na cadeia da fala — num sintagma, um signo “[...] só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos” (Saussure, 2006, p. 142) —, mas também rolam uns sobre os outros: as relações associativas não se apresentam em número definido nem numa ordem determinada (Saussure, 2006). A terceira metáfora, por seu turno, é empregada para facilitar a compreensão de que o signo linguístico une um conceito (significado) e uma imagem acústica (significante), e não uma coisa e uma palavra (Saussure, 2006, p. 80). Essa concepção de signo é

constantemente usada para acusar Saussure de não ter dado atenção ao fato de que a relação entre significante e significado é histórica, contextualizada, socialmente realizada através da dialogicidade de sujeitos (Lima, 2023). Essa acusação, segundo Lima (2023), não se sustenta, pois o sujeito

[...] pululava em toda a obra saussuriana: como exemplo, podemos tomar o funcionamento dos eixos associativo e paradigmático, já que deveria haver pelo menos “um” [sujeito] que reconhecesse a “diferença” e a “semelhança” neles constitutivas. Caso contrário, a língua, enquanto sistema, correria o estranho risco de funcionar sozinha. Não somos ingênuos a ponto de acreditar que Saussure pensasse dessa maneira (Lima, 2023, p. 67).

O quinto capítulo, de Valdir do Nascimento Flores, objetiva mostrar, especialmente a nós, jovens linguistas, “[...] como o fundador da Linguística contemporânea pensou seu ofício” (Flores, 2023, p. 72). Em outras palavras: busca responder às seguintes perguntas: “[...] como Saussure caracterizou o *fazer* do linguista? Quais tarefas reservou-lhe? Que problemas supôs que deveria resolver?” (Flores, 2023, p. 72, grifo do autor). Para responder a tais perguntas, o autor analisa o conceito de analogia, tema frequente nas reflexões de Saussure. Ele selecionou esse tema porque acredita que “o estudo das análises linguísticas de Saussure podem ser uma forma — talvez a mais importante — de *mostrar ao linguista o que ele faz*” (Flores, 2023, p. 72). Essa crença está ancorada na hipótese de que “[...] aquilo que Saussure atribuiria ao *fazer* do linguista deveria ser constitutivo de seu (de Saussure) próprio *fazer como linguista*” (Flores, 2023, p. 72, grifos do autor). A análise do referido conceito permite ao autor afirmar que, do ponto de vista de Saussure, “[...] ao linguista cabe a difícil tarefa de dar a ver o conhecimento que o falante tem de sua língua” (Flores, 2023, p. 83). Essa afirmação pode surpreender os linguistas estruturalistas, mas é confirmada por outros analistas da obra de Saussure. Normand (2009, p. 47 *apud* Flores, 2023, p. 83-84, grifos de Flores), por exemplo, afirma que, da perspectiva de Saussure, “a *tarefa designada ao linguista* é a de se situar na língua, como um locutor qualquer, mas para poder aí explicitar o mecanismo ignorado pela ‘massa falante’”. Com base nessas afirmações, Flores conclui que, quando analisa fenômenos linguísticos muito específicos, Saussure “[...] coloca em relevo o sujeito falante em relação com a língua, com o conjunto de formas lexicais e gramaticais cuja realização é sempre uma potencialidade de uso irrefletido de cada locutor” (Flores, 2023, p. 83).

O sexto capítulo, de Maria Fausta Pereira de Castro, discute o modo como Saussure teoriza o tempo em sua obra. Segundo a autora, Saussure considerava impossível estudar “simultaneamente um sistema de valores tomado em si (ou em

um momento) e os sistemas de valores no eixo do tempo” (Castro, 2023, p. 88). Para solucionar esse problema, ele dividiu a Linguística em duas ciências: a Sincrônica — “que estuda as relações tecidas entre termos coexistentes formando sistema, que rege a mesma consciência coletiva” (Castro, 2023, p. 88) — e a Diacrônica — “que se ocupa das relações entre termos sucessivos, ‘não percebidos pela mesma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar sistema entre si’” (Castro, 2023, p. 88). A autora afirma que a essa divisão subjaz a tese de que o tempo não é o “agente direto da mudança linguística” (Castro, 2023, p. 88), mas, sim, “os diferentes atos de linguagem” (Castro, 2023, p. 97) da massa falante. Para sustentar essa tese, Castro invoca o princípio da arbitrariedade do signo linguístico, proposto por Saussure. Tal princípio explica a imutabilidade e a mutabilidade do signo linguístico: por ser arbitrário, não há razão para o signo mudar e “nada impede que se estabeleça qualquer outra relação entre a matéria fônica e as ideias” (Castro, 2023, p. 91). Conforme a autora, Saussure sustenta essa hipótese com o seguinte argumento: a língua,

[...] situada, simultaneamente, na massa social e no tempo, ninguém lhe pode alterar nada e, de outro lado, a arbitrariedade de seus signos implica, teoricamente, a liberdade de estabelecer não importa que relação entre a matéria fônica e as ideias. Disso resulta que esses dois elementos unidos nos signos guardam sua própria vida, numa proporção desconhecida em qualquer outra parte, e que a língua se altera ou, melhor, evolui, sob a influência de todos os agentes que possam atingir quer os sons, quer os significados. Essa evolução é fatal; não há exemplo de uma língua que lhe resista (Saussure, 2006, p. 90-91).

O sétimo capítulo, de José Luiz Fiorin, apresenta os três postulados que fundamentam a Semiologia (ciência geral dos sistemas de signos) proposta por Saussure, a saber: *a*) o signo linguístico tem dupla face (“o significante e o significado estão intimamente unidos como o verso e o anverso de uma folha de papel” (Fiorin, 2023, p. 102)); *b*) o signo linguístico é arbitrário (“[...] o laço que une o significante ao significado é arbitrário” (Fiorin, 2023, p. 102), ou seja, imotivado); e *c*) o valor de um signo provém da diferença com outros signos (na língua, só há elementos negativos (Fiorin, 2023): ela “[...] não comporta nem ideias, nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes desse sistema” (Saussure, 2006, 139)). Além disso, Fiorin compara o objeto de estudo da teoria saussuriana (a língua considerada em si mesma e por si mesma) com o da teoria de Hjelmslev (as diferentes semióticas), distingue uma semiótica de uma não semiótica, cita os diferentes tipos de semiótica postulados por Hjelmslev e descreve os dois projetos semiológicos franceses que se baseiam nos princípios saussurianos e hjelmslevianos, a saber: Semiologia da comunicação e Semiologia da significação.

O oitavo capítulo, de Maria Francisca Lier-DeVitto, demonstra a influência do pensamento de Saussure na teorização que norteia pesquisas sobre erros e sintomas na fala. Segundo a autora, a noção de língua proposta por Saussure permite distinguir erro de sintoma, logo contribui para a identificação das causas dos erros e das falas sintomáticas/patológicas. Os erros, por exemplo, decorrem “[...] da força do funcionamento da língua na fala, de um funcionamento que projeta o eixo metafórico (da substituição) na organização metonímica [sintagmática], que afeta a fala” (Lier-DeVitto, 2023, p. 123).

O nono capítulo, de Mônica Nóbrega e Raquel Basílio, visa destacar a contribuição de Saussure para a compreensão do signo linguístico. Para isso, analisa a relação entre o signo, a arbitrariedade, o sistema e a produção de valores. Além disso, o texto mostra a influência do legado saussuriano nos atuais estudos interacionistas sociodiscursivos construídos por Jean-Paul Bronckart e colaboradores. Com isso, as autoras conseguem demonstrar que o legado saussuriano a) ultrapassa os estudos estruturalistas e formais, b) não se limita à revisão de conceitos com base na comparação entre os diversos documentos que constituem o *corpus saussuriano* e c) contribui, conseqüentemente, “[...] para os constantes desenvolvimentos da nossa reflexão sobre a linguagem humana em todos os seus aspectos, funcionais e formais” (Nóbrega; Basílio, 2023, p. 145).

O décimo capítulo, de Carlos Piovezani, expõe o modo como Saussure foi interpretado por Michel Pêcheux, Régine Robin e Denise Maldidier para responder à seguinte questão: o *CLG* é, para a Análise do Discurso (AD) francesa, um ponto de partida ou uma obra a ser recusada? Além disso, apresenta as posições frequentemente assumidas por analistas do discurso brasileiros em relação ao pensamento saussuriano. De acordo com o autor, no Brasil, entre analistas do discurso iniciantes, geralmente “[...] se reitera a censura cristalizada às pretensas ‘exclusões’ promovidas por Saussure: ele ‘higieniza’ a língua e ‘exclui’ a fala, o sentido, o sujeito e a exterioridade...” (Piovezani, 2023, p. 157). Essa postura permite ao autor “[...] supor que os arautos [os ativistas, os militantes] de uma disciplina tendem, às vezes, a ser mais enfáticos que seus próprios precursores e principais protagonistas (Piovezani, 2023, p. 157). Os protagonistas da AD brasileira citados no texto são Eni Orlandi, Sírio Possenti e Fernanda Mussalim. A análise de textos escritos por eles evidencia que reconhecem os méritos de Saussure.

Por fim, o décimo primeiro capítulo, de Leci Borges Barbisan, demonstra, com base na noção de valor proposta por Saussure e na Teoria da Argumentação na Língua, concebida por Oswald Ducrot, que o signo linguístico, “[...] que se caracteriza por conter significação e por ter a capacidade de se relacionar com outros signos da



língua” (Barbisan, 2023, p. 165), prevê o discurso. Segundo a autora, “[...] o signo prevê o discurso porque já contém nele a propriedade de orientar para continuações possíveis (Ducrot, 1990), permitindo certa liberdade de combinações (Saussure, 1995: 172) ao locutor, que o emprega para interagir com outro locutor” (Barbisan, 2023, p. 169, grifos da autora). Por conter essa propriedade, “[...] o signo permite escolhas para a construção de sentidos possíveis [...] e consequentemente impede outras que não produzirão nem semelhanças, nem diferenças entre elas” (Barbisan, 2023, p. 169). Essa propriedade é ilustrada com este exemplo:

estudioso, portanto, aprovado

[...]

estudioso, no entanto, não aprovado

[...] C [aprovado] se apresenta como já incluído em A [estudioso]. O sentido de A, por isso, só pode ser entendido pelo fato de que conduz a C. Fora dessa relação, fora desse encadeamento, A e C não significam nada, não expressam pensamentos. Relacionados num mesmo encadeamento, A e C constituem uma ideia única. Não há, pois, passagem do sentido de um signo A para o sentido de um signo C; há, ao contrário, um sentido único construído pela relação entre A e C (Barbisan, 2023, p. 168, grifos meus).

1. Discussão

Ao defender que o pensamento saussuriano continua relevante, os autores da coletânea se unem a pesquisadores que não reduzem as ideias de Saussure a pares dicotômicos e ao estudo estruturalista da forma. Na Revista Leitura, do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGL/UFAL), há um [dossiê](#) composto por artigos escritos por pesquisadores brasileiros associados a esse grupo. Entre os 18 artigos que compõem o dossiê, destaco:

- a)** *Novo retorno a Saussure: algumas reflexões sobre a circulação indefinida do nome de Ferdinand de Saussure*, de Marcio Alexandre Cruz e Núbia Rabelo Bakker Faria;
- b)** *O “som” como figura vocal e o “som” como signo: considerações a partir da dupla essência da linguagem*, de Aline Vargas Stawinski;
- c)** *Saussure: a alguns passos da enunciação*, de Claudia Toldo e Débora Facin;
- d)** *Dos limites da redução do pensamento saussuriano ao movimento estruturalista*, de Daiane Neumann e Aroldo Garcia dos Anjos;
- e)** *A linguística saussuriana no Brasil no início do século XXI*, de Clemilton Lopes Pinheiro e Sílvio Luis da Silva;
- f)** *Pensando a tradução com Saussure: uma outra consideração da sincronia e da diacronia*, de Sara Luiza Hoff.

Esses artigos reforçam a tese defendida pela coletânea aqui apresentada: o pensamento de Saussure permanece essencial para os estudos linguísticos.

Apesar de ser defendida por todos os textos da coletânea, somente quatro buscaram validar a referida tese: a maioria objetiva reinterpretar os conceitos fundadores da Linguística moderna e homenagear o *mito*. As citações abaixo comprovam isso.

Este “Saussure: a invenção da linguística” destina-se a lembrar *essa efeméride* [o óbito de Saussure] (Fiorin; Flores; Barbisan, 2023, p. 7).

Este livro [...] testemunha a recepção de Saussure no Brasil e proclama sua atualidade para a Linguística de nosso país. Patenteia que Saussure não é um autor embolorado, mas que ele ainda tem coisas a nos ensinar. [...] *Essa é nossa homenagem ao mestre em seu centenário* (Fiorin; Flores; Barbisan, 2023, p. 10, grifos meus).

Só podemos afirmar que as ideias saussurianas permanecem essenciais se estudos constatarem que tais ideias continuam fundamentando teorias, modelos teóricos e pesquisas empíricas. Saussure continua norteando teorias, modelos teóricos e pesquisas empíricas?³ Sim, ele continua. O *oitavo*, o *nono*, o *décimo* e o *décimo primeiro* capítulo da coletânea comprovam isso. Com efeito, as ideias de Saussure influenciam estudos estruturalistas e funcionalistas contemporâneos. Para reforçar essa tese, comparo o Modelo de Redes (*Network Model*), proposto por Joan L. Bybee, Professora Emérita da Universidade do Novo México (EUA), com as *relações associativas* que ocorrem no eixo paradigmático da língua, descritas por Saussure no capítulo V da 2ª parte do *CLG*.

O Modelo de Redes está alinhado com a teoria da gramática baseada no uso, que postula que “a gramática é diretamente baseada na experiência linguística” (Bybee, 2016, p. 30). Esse modelo⁴ assume que as conexões lexicais “[...] se baseiam em compartilhamento de características semânticas, sonoras ou ambas” (Cristófaró Silva; Gomes, 2020, p. 29). Esse compartilhamento acarreta, segundo Cristófaró Silva e Gomes (2020, p. 29-30), a emergência de “generalizações denominadas de esquemas”. Há dois tipos de esquema: os orientados para a fonte (*source-oriented schemas*) e os orientados para o produto (*product-oriented schemas*). Cristófaró Silva e Gomes (2020, p. 30, grifos das autoras) os descrevem deste modo:

3 Os modelos teóricos são sistemas hipotético-dedutivos representantes da realidade. São elaborados quando há necessidade de encontrar relações entre teoria e dados empíricos (Souza Filho; Struchiner, 2021).

4 O aspecto mais inovador desse modelo “[...] é a hipótese de que palavras de alta frequência flexionadas regularmente são armazenadas no léxico, enquanto palavras regulares de baixa frequência são derivadas do léxico pela aplicação do esquema mais forte às formas básicas. Essa hipótese decorre da tese de que a força lexical varia de acordo com a frequência de uso” (Bybee, 1995, p. 450, tradução minha).

Os esquemas orientados para a fonte correspondem a generalizações entre palavras correspondentes às formas básica e derivada, como: a) formas verbais de um paradigma, como *canto, canta, cantam, cantava, cantavam* etc.; b) palavras relacionadas por processo de formação de novas palavras, como *livro, livrinho, livreiro, livraria* e *blog, bloguinho, blogueiro*. Os esquemas orientados para o produto são generalizações a partir de conjuntos de palavras complexas ou derivadas, resultando em relações morfológicas, como em *casas, livros, peras, cartas* etc., em que os itens lexicais compartilham a informação semântica de plural e a identidade de palavra terminada em fricativa. Um mesmo item lexical participa de diferentes esquemas. [...] Essa proposição fornece a vantagem de ser possível capturar relações morfológicas entre itens lexicais sem a necessidade de postular regras morfofonológicas *ad hoc*, uma vez que utiliza o mecanismo cognitivo básico da analogia. A organização lexical em redes é dinâmica, pois um mesmo item lexical participa de conexões com outros itens lexicais em função de diferentes características compartilhadas.

Agora, caro leitor, leia trechos da descrição das relações associativas, extraídos do CLG.

Os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar os termos que apresentem algo em comum; o espírito capta, também, a natureza das relações que os unem em cada caso e cria, com isso, tantas séries associativas quantas relações diversas existam. Assim, em *enseignement, enseigner, enseignons* etc. (*ensino, ensinar, ensinemos*), há um elemento comum a todos os termos, o radical; todavia, a palavra *enseignement* (ou *ensino*) se pode achar implicada numa série baseada em outro elemento comum, o sufixo (cf. *enseignement, armement, changement* etc.; *ensinamento, armamento, desfiguramento* etc.); a associação pode se fundar também apenas na analogia dos significados (*ensino, instrução, aprendizagem, educação* etc.) ou, pelo contrário, na simples comunidade das imagens acústicas (por exemplo: *enseignement* e *justement*, ou *ensinamento* e *lento*). Por conseguinte, existe tanto comunidade dupla do sentido e da forma como comunidade de forma ou de sentido somente. Uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra (Saussure, 2006, p. 145-146, grifos do autor).

[...] os termos de uma família associativa não se apresentam nem em número definido nem numa ordem determinada. Se associarmos *desej-oso, calor-oso, medr-oso* etc., ser-nos-á impossível dizer antecipadamente qual será o número de palavras sugeridas pela memória ou a ordem em que aparecerão. Um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida [...] (Saussure, 2006, p. 146, grifos do autor).

Como se vê, os grupos formados por associação mental, descritos por Saussure, são semelhantes aos esquemas propostos por Bybee (cf. Bybee, 1995). Tanto aos grupos

quanto aos esquemas está subjacente a tese de que “ocorrências de experiência linguística são categorizadas e combinadas com ocorrências semelhantes que foram previamente armazenadas como exemplares” (Bybee, 2016, 43). Saussure, portanto, propiciou a construção do Modelo de Redes. “Conseguir ver mais longe porque estava aos ombros de um gigante”, diria Bybee.

Saussure mostra ao linguista, seja estruturalista, seja gerativista, seja funcionalista, o que ele faz. O mestre genebrino “[...] está preocupado em proporcionar ao linguista a tomada de consciência de sua própria *atividade*, de seu fazer.” (Flores, 2023, p. 71, grifo do autor). (Re)ler Saussure é, portanto, obrigatório.

Referências

ALTMAN, Cristina. Sobre mitos e história: a visão retrospectiva de Saussure nos três Cursos de linguística geral. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023 [2013]. p. 21-32.

BYBEE, Joan L. *Língua, uso e cognição*. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha; revisão técnica: Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

BYBEE, Joan L. Regular morphology and the lexicon. *Language and Cognitive Processes*, v. 10, n. 5, p. 425-455, 1995. Disponível em: <https://www.unm.edu/~jbybee/downloads/Bybee1995RegMorph.pdf>. Acesso em: 29 maio 2024. doi: <https://doi.org/10.1080/01690969508407111>.

CASTRO, Maria Fausta Pereira de. Pequeno ensaio sobre o tempo na teorização saussuriana. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023 [2013]. p. 87-98.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís; GOMES, Christina Abreu. Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplares. In: GOMES, Christina Abreu (org.). *Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplares: para além do dualismo natureza/cultura na ciência linguística*. São Paulo: Contexto, 2020. p. 13-36.

CRUZ, Marcio Alexandre. Uma contradição aparente em Saussure: o problema da relação língua-história. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023 [2013]. p. 33-44.

CRUZ, Marcio Alexandre; FARIA, Núbia Rabelo Bakker. Novo retorno a Saussure: algumas reflexões sobre a circulação indefinida do nome de Ferdinand de

Saussure. *Revista Leitura, [S. l.]*, v. 1, n. 62, p. 2-12, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/2317-9945.201962.2-12>. Acesso em: 29 maio 2024.

FIORIN, José Luiz. O projeto semiológico. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023 [2013]. p. 99-111.

FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. Por que ainda ler Saussure? In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023 [2013]. p. 7-20.

FLORES, Valdir do Nascimento. “Mostrar ao linguista o que ele faz”: as análises de Ferdinand de Saussure. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023 [2013]. p. 71-85.

HOFF, Sara Luiza. Pensando a tradução com Saussure: uma outra consideração da sincronia e da diacronia. *Revista Leitura, [S. l.]*, v. 1, n. 62, p. 344-363, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/2317-9945.201962.344-363>. Acesso em: 29 maio 2024.

LIER-DEVITTO, Maria Francisca. Efeitos do pensamento de Saussure na teorização sobre erros e sintomas na fala. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023 [2013]. p. 113-134.

LIMA, Hozanete. O Curso de Linguística Geral e os manuscritos saussurianos: *unde exoriar?* In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023 [2013]. p. 59-69.

NEUMANN, Daiane; GARCIA DOS ANJOS, Aroldo. Dos limites da redução do pensamento saussuriano ao movimento estruturalista. *Revista Leitura, [S. l.]*, v. 1, n. 62, p. 315-332, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/2317-9945.201962.315-332>. Acesso em: 29 maio 2024.

NÓBREGA, Mônica; BASILIO, Raquel. A contribuição de Ferdinand de Saussure para a compreensão do signo linguístico. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023 [2013]. p. 135-147.

PINHEIRO, Clemilton Lopes; DA SILVA, Sílvio Luis. A linguística saussuriana no Brasil no início do século XXI. *Revista Leitura, [S. l.]*, v. 1, n. 62, p. 333-343, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/2317-9945.201962.333-343>. Acesso em: 29 maio 2024.

SANTANA, José Humberto dos Santos. Por que ainda ler Saussure?

PIOVEZANI, Carlos. Presenças do curso de linguística geral na análise do discurso. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023 [2013]. p. 163-170.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Organização: Charles Bally, Albert Sechehaye; colaboração: Albert Riedlinger; tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SILVEIRA, Eliane. O lugar do conceito de fala na produção de Saussure. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023 [2013]. p. 45-57.

SOUZA FILHO, Breno Augusto Bormann de; STRUCHINER, Cláudio José. Uma proposta teórico-metodológica para elaboração de modelos teóricos. *Cadernos Saúde Coletiva*, [S. l.], v. 29, n. 1, p. 86-97, jan. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1414-462X202129010180>. Acesso em: 29 maio 2024.

STAWINSKI, Aline Vargas. O “som” como figura vocal e o “som” como signo: considerações a partir da dupla essência da linguagem. *Revista Leitura*, [S. l.], v. 1, n. 62, p. 69-85, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/2317-9945.201962.69-85>. Acesso em: 29 maio 2024.

TOLDO, Claudia; FACIN, Débora. Saussure: a alguns passos da enunciação. *Revista Leitura*, [S. l.], v. 1, n. 62, p. 296-314, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/2317-9945.201962.296-314>. Acesso em: 29 maio 2024.

Submetido: 14/08/2024

Aceito: 06/09/2024

Vol. 01, **Nº 02** (2024)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**

RESENHA:
FORTUNA, CASO, TEMPO E SORTE

Isabel Ponce de Leão



CRITICAL REVIEW

Isabel Rio Novo. *Fortuna, Caso, Tempo e sorte. Biografia de Luís de Camões*. Porto: Contraponto, 2024

Isabel Ponce de Leão¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1965-0092>
Ciência Vitae: <https://www.cienciavitae.pt/E314-D183-oB42>

RESUMO: Isabel Rio Novo biografa Camões no quingentenário do seu nascimento.

PALAVRAS-CHAVE: Quingentenário. Camões. Biografia.

ABSTRACT: Isabel Rio Novo biographs Camões on the 50th anniversary of his birth.

KEYWORDS: Quingentenary. Camões. Biography.

Fortuna, Caso Tempo e Sorte, biografia de Camões de Isabel Rio Novo, clarifica, antes de mais, que trabalho, ética, reflexão e humildade (in)enformamo, vulgarmente, denominado ato de coragem. Explico porquê.

Camões é um dos escritores portugueses mais estudados, produzindo-se uma investigação que se converte, as mais das vezes, em esmeradas publicações sem que, por tal, haja consensos sobretudo atinentes à sua vida, ainda que também à obra. Evoco querelas entre célebres camonianos (e. g. José Hermano Saraiva / Aníbal Pinto de Castro) justificáveis quando se pensa numa época com uma imprensa ainda insipiente, conturbada pelos alvares do Renascimento, e numa vida cheia

¹ Professora Catedrática da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa. Porto, Portugal. E-mail: ivaz@ufp.edu.pt. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1965-0092>. Ciência Vitae: <https://www.cienciavitae.pt/E314-D183-oB42>

de incertezas e de contornos pouco definidos. Isabel Rio Novo, de forma intrépida, apoiada em 5 anos de investigação documental, testemunhal e itinerante, munida de honestidade e rigor intelectual (cf. Nota Prévia da obra), arrisca embrenhar-se no mundo de um “génio abstracto” (Jorge de Sena) de enraizamento glocal, “que reduz sempre as emoções a conceitos” (Jorge de Sena) dentro de uma vivência intelectual.

Usando de grande rigor metodológico, a biógrafa faz com que o leitor respire o mesmo ar do biografado, desde logo pela expressividade do título, que colhe de um soneto de Camões onde, no último verso, se lê: “Mas o melhor de tudo he crer em Christo”; assim alerta para o facto de que, mesmo a verdade histórica, se possa confundir com a verdade romanceada e salvaguarda o muito que sempre fica por dizer. Nenhuma anomalia, posto que nunca se diga tudo sobre uma vida humana, e o virtuosismo de um trabalho desta envergadura esteja também na abertura de novas pistas e renovados horizontes.

A obra estrutura-se em 39 capítulos, todos epigrafados com palavras de Camões ou sua adaptação, a que se segue um riquíssimo aparato paratextual, de que destaco a exaustiva bibliografia (39 pp) e as notas finais (86 pp), que suporta e credibiliza toda a informação provida. Esta opção organizacional, a que se junta a limpidez e clareza linguística, a coerência textual e a capacidade sinestésica (e. g. cap. 17 – “O outro mundo”), tornam a obra acessível a um vasto público, que vai desde o leigo, que lhe acede como a um romance, entusiasmando-se com as peripécias da vida de alguém “c’ um saber só de experiências feito”, até ao estudioso e investigador de Camões que nele encontra um vasto suporte de acesso a fontes críveis.

Lazer e aprendizagem cruzam-se na leitura das experiências de vida do vate quinhentista, na dedução da sua enciclopédia cultural, na vida social que vai dos nobres salões às tascas e bordeis mais heterodoxos, na sua experiência de viajante – 17 anos percorrendo vários pontos do Oriente como soldado, preso, vagabundo, mutilado, convicto e amargurado amante... – no cruzamento de fontes antigas e atuais com informações dispersas, na descoberta de documentos desaparecidos que se lhe referem ou aos seus contemporâneos e coetâneos e, muito particularmente, na relevância dada ao contexto político, económico, histórico e social de uma época fidedignamente investigada e dissecada. De facto, fascina o pormenor do pano de fundo epocal que, fornecendo experiências, que podem ou não ter sido vivenciadas por Camões, são, com rigor, as do tempo em que ele viveu (e. g. cap. 6 – “Barca de vidro sem leme”).

Isabel Rio Novo, conhecedora da metodologia investigativa no domínio da história, dos seres e da sociedade em que se inserem, descobre – sem que com isso caia num redutor biografismo – que qualquer texto reclama o seu contexto e, num tom cauto mas convicto, apoiada na análise documental, retira Camões da dimensão mítico-simbólica e humaniza-o, trazendo-o à atualidade porque “o poeta não omitia, antes ampliava, os desacertos do presente; mas apontando o foco para o heroísmo do passado, iluminava o futuro” (IRN: 499-500). Fá-lo, sem nunca desprezar pormenores jocosos (e. g. cap. 23 – “Banquete de trovas”); génese e percurso de vida (e. g. de cap. 1 – “A casa da ave que chamam camão” até cap. 38 – “A morte, qua da vida o nó desata”); desacatos (e. g. cap. 13 – “Cara sem olhos”); relações amorosas mais ou menos tumultuosas (e. g. cap. 8 – “Filodemo e duriano” ou cap. 9 – “Os laços que amor arma brandamente”); exotismo do tom local (e. g. cap. 18 – “A desejada e longa terra”); angústia do irreconhecimento (e. g. cap. 20 – “A espada e a pena”); erros seus (e. g. cap. 21 – “Disparates da Índia”); valentia e estoicismo (e. g. cap. 19 – “As águas frias do Estige”); grandeza épica (e. g. cap. 32 – “Os versos deleitosos”); eternização da palavra “inveja”, trazida até ao século XXI (e. g. cap. 7 – “Inveja a toda a gente”), ou outros onde a infelicidade e a desilusão também imperam (e. g. cap. 36 – “Esperanças e presságios”).

Grande vate da liberdade *avant la lettre*, Camões surge, pela mão da biógrafa, como um ser capaz de viver a sua época, passando pelas vicissitudes inerentes mas não as recusando, libertando-se do miserabilismo a que durante largo tempo o sujeitaram – um ser humano, portanto, demonstrativo de que lenda e realidade se tangem e suportam mas nunca se misturam, mesmo que as coincidências indiciantes o reivindiquem – Camões nasce no ano da morte de Vasco da Gama, seu herói eletivo.

Acima de tudo, o que *Fortuna, caso tempo e sorte* revela é que “uma história contem muitas outras, e que elas não nos pertencem, mas se confundem com o curso do nosso tempo, que se apoderam de nós e nos enleiam para todo o sempre” (Abdulrazak Gurnah); mostra ainda que Camões foi o grande escritor e o grande patriota que serviu Portugal, que zelou pelos direitos humanos e das mulheres que tanto amou (e. g. cap. 35 – “O nome, o braço e a musa”), assim o libertando dos epítetos de mulherengo e escravagista (e. g. cap. 37 – “Anos, mudanças e danos”) com que uns certos praticantes da *Religião Woke* (Jean-François Braunstein) o tentaram obsequiar. Ultrapassando o aproveitamento do Estado Novo e a tentativa de marginalização pós-revolucionária, a sua obra impõe-se, num estado democrático, com / na história do povo que é o seu, e de que aqui é dada boa conta.

Em *Fortuna, caso, tempo e sorte*, Isabel Rio Novo, destemidamente, ciente que qualquer publicação está, naturalmente, sujeita à crítica, bem vinda desde que construtiva, humaniza e resgata Camões do turbilhão lendário, ainda que não o omita, e, de forma consistente e fundamentada, usando de um estilo cristalino e sinestésico, sempre atinente ao contexto epocal, insere-o na dimensão global e glocal a que, por mérito próprio, ele pertence e, por metonímia, Portugal e a língua portuguesa que “Com pouca corrupção crê que é latina” – *Vénus dixit*.

Submetido: 29/08/2024

Aceito: 14/09/2024

